A CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA

A CAPELLA

DE

S. JOÃO BAPTISTA

ERECTA NA

EGREJA DE S. ROQUE

FUNDAÇÃO DA

COMPANHIA DE JESUS

E HOJE PERTENCENTE Á

SANTA CASA DA MISERICORDIA

NOTICIA HISTORICA E DESCRIPTIVA

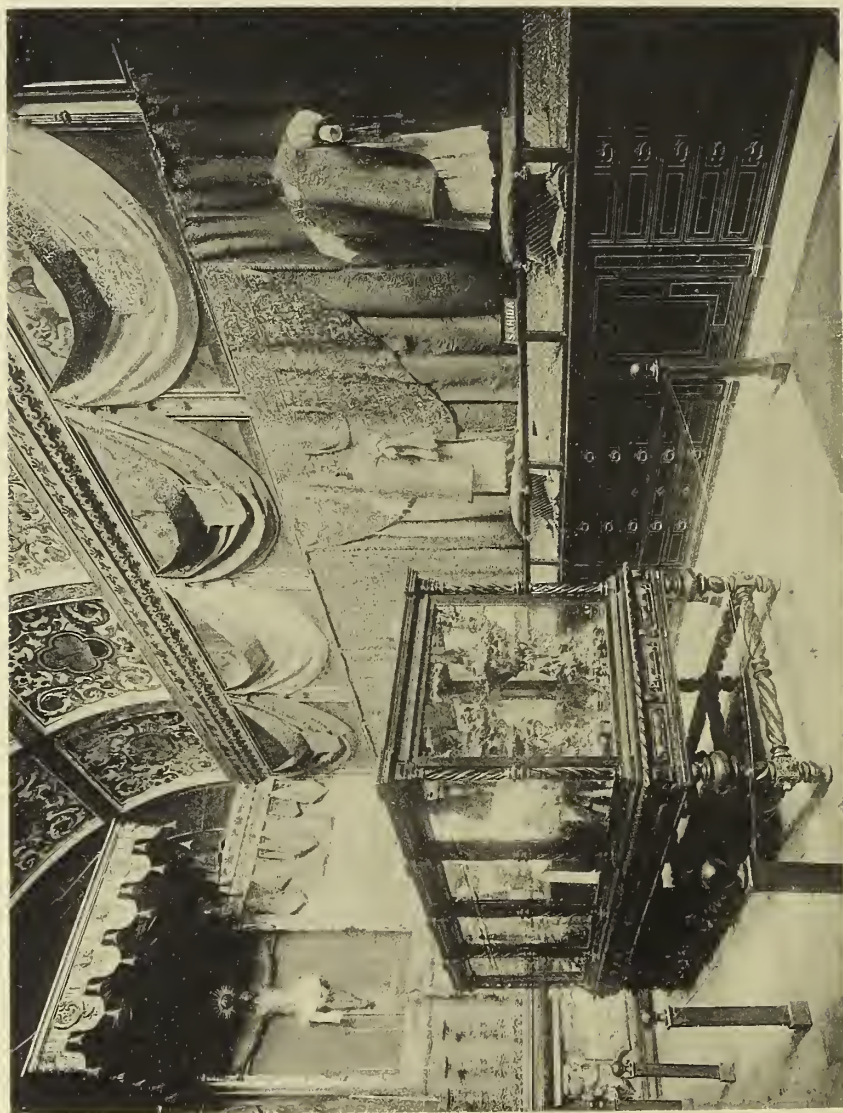
POR

SOUSA VITERBO E R. VICENTE D'ALMEIDA

1900

Typ. da Loteria da Santa Casa da Misericordia

23, Calçada da Gloria, 23

LISBOA

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

O actual provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, ao tomar conta do seu cargo, visitando todas as dependencias d'este importante estabelecimento, foi encontrar as muitas preciosidades que ainda hoje constituem o chamado thesouro da Capella de S. João Baptista, resguardadas em moveis improprios, collocados em acanhados compartimentos dependentes da Egreja de S. Roque, dispostos em dois pavimentos, cujo accesso era difficil.

Pensou logo em procurar logar apropriado onde se guardassem aquelles preciosos objectos, facilitando tambem ao publico o exame d'este thesouro.

Ao seu collega na administração da Santa Casa, o sr. adjunto João Antonio de Carvalho Veiga expoz o seu pensamento que mereceu completa approvação.

Teve o provedor a boa fortuna de encontrar pessoa, que, pela sua competencia, bom gosto e inexcedivel zelo, se quiz prestar a auxilial-o em tal emprehendimento; foi o Ex.mo Sr. Francisco Ribeiro da Cunha.

Sem duvida é este o momento opportuno de agradecer tão valiosa cooperação, e de declarar que sem ella nada do que se fez e do que agora se realisa, se teria conseguido. Com effeito

só quem acompanhou o Ex.mo Sr. Francisco Ribeiro da Cunha, póde avaliar o muito que se lhe deve para dar ao publico conhecimento de tantas riquezas que, felizmente, ainda se salvaram após tantas vicissitudes.

Desejava o provedor que, por occasião do quarto centenario da fundação da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, que se celebrou em 15 de agosto de 1898, se podesse fazer exposição publica do thesouro da Capella de S. João Baptista, erecta na Egreja de S. Roque d'esta Santa Casa.

Para esse fim foi destinada a sachristia da Egreja, devidamente apropriada, e finalmente n'aquelle dia, 15 de agosto, foi aberta ao publico a exposição, sendo visitada por milhares de pessoas, durante alguns dias.

Mais tarde, e para attender a muitos pedidos, foi novamente facultada ao publico a visita do thesouro.

Foi unanime a approvação á resolução tomada, mas geralmente se lamentava que a sachristia não fosse bastante ampla para permittir a exposição de todos os objectos existentes, e sua mais conveniente disposição, notando-se ainda que a luz era pouca e mal distribuida.

A administração da Santa Casa reconhecia a justiça de taes observações; mas via-se na impossibilidade de as attender, porque para isso seria mister dispôr de recursos em ordem a ter uma sala bastante ampla e com todas as condições apropriadas para exposição tão importante.

Succedeu que o Ex.mo Sr. Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, digno ministro das obras publicas, visitasse o thesouro que não conhecia, e foi grande a surpreza do illustre ministro ao encontrar tantas e tão valiosas preciosidades, e reconhecendo tambem a necessidade de preparar-lhes condigna installação, resolveu para esse fim coadjuvar poderosamente a administração da Santa Casa.

Com tão efficaz auxilio, entendeu esta que não devia descu-

rar tão momentosa obra, que, superiormente approvada, já está em execução e dentro d'este anno ficará concluida.

O Ex.^{mo} Sr. Francisco Ribeiro da Cunha, enthusiasmado por ver realisado o seu pensamento dominante, lembrou a conveniencia de simultaneamente ser publicada uma noticia historica e descriptiva da Capella de S. João Baptista e seu thesouro.

Concordou a administração com a idéa, e ainda d'esta vez teve a boa sorte de conseguir que o erudito escriptor e notavel litterato o Ex.^{mo} Sr. Dr. Sousa Viterbo tomasse á sua conta a feitura de obra tão importante, coadjuvando-o até o ultimo dia da sua vida o official da Real Bibliotheca da Ajuda, Rodrigo Vicente d'Almeida.

E', pois, este trabalho por tantos titulos valioso que a administração da Santa Casa da Misericordia de Lisboa vem apresentar ao publico e profundamente reconhecida aos Ex.^{mos} Srs. Francisco Ribeiro da Cunha e Dr. Sousa Viterbo.

Os serviços prestados pelo Ex.^{mo} Sr. Ribeiro da Cunha não se limitaram aos que ficam indicados.

Sabendo S. Ex.^{a} que no Real Paço das Necessidades, existia um busto de El-Rei o Senhor D. João V, em marmore de Carrara, obra notavel do insigne esculptor Alexandre Giusti, obteve de S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos auctorisação para o fazer reproduzir, sendo ainda a instancia sua que o Ex.^{mo} Sr. Ministro da Guerra Conselheiro Pimentel Pinto, permittiu que fosse fundido nas officinas do Arsenal do Exercito.

Este busto, verdadeiro primor de arte, é destinado á sala da exposição do thesouro da Capella de S. João Baptista, e ficará alli bem, como justa homenagem a quem tão generosamente mandou delinear e executar tão notaveis producções artisticas.

Santa Casa da Misericordia de Lisboa, em 15 de Agosto de 1902.

I

Introducção

De *magnifico* e de *freiratico* se tem cognominado D. João V; uns na contumelia do panegyrico palaciano; outros no desfavor da critica mordente. Ora se contemplam simplesmente as pompas da realeza; ora se desce ao exame pessoal e se vê n'elle a figura d'um Lovelace, que transforma o convento n'um harem. O sentimento religioso domina, é certo, mas sob uma fórma caracteristica. Não é o fanatismo com os terrores da Inquisição; não é o tartufismo com a sua unctuosa hypocrisia. É um sentimento sem convicções profundas, todo de apparato, exteriorisando-se faustosamente sob todas as fórmas, na architectura do templo, na riqueza dos vasos e dos paramentos; na sumptuosidade do culto. As cerimonias celebram-se com um deslumbramento pagão, envoltos os sacerdotes nas vestes mais luxuosas, recamadas de seda e de ouro, prodigiosamente bordadas ou ornamentadas de rendas. A musica de egreja assume proporções gigantescas e a capella da Patriarchal rivalisa com as das mais celebres da christandade.

D. João V é um monarcha especialmente ostensivo, já por natureza, já por imitação. A côrte de Luiz XIV fascinára as côrtes europeias e D. João V não evitou esse influxo, e quiz ser o rei-sol do occidente. Assim como se diz em França o seculo de Luiz XIV, assim se póde dizer em Portugal o seculo de D. João V e com effeito, em tudo o que nos resta da sua época, se nota a impressão de grandeza que lhe soube imprimir. Sob o ponto de vista politico, Portugal não foi como a França, um astro de pri-

meira ordem, em volta do qual os outros gravitaram, antes, pelo contrario, foi um satellite, mas se não é preciso evocar um Camões para cantar as nossas proezas bellicosas, alguns feitos todavia se deram que não foram deslustre ás nossoas armas.

De dissipadora se accusa a administração de D. João V, prodigalisando os seus enormes recursos em futilidades monstruosas, mas deve-se advertir que n'aquelle tempo o que nós chamamos hoje obras publicas não tinham assumido as proporções da actualidade nem requeriam imperiosas o mesmo cuidado governativo. No emtanto alguns emprehendimentos utilitarios se executaram, que apresentam o cunho da omnipotencia romana, como o estão attestando, pela sua solidez e elegancia, os arcos das aguas-livres.

O terremoto de 1755 lançou por terra muitos dos monumentos que nos legou a munificencia de D. João V e por isso nos é difficil avaliar agora com toda a exactidão o valor da sua herança. O que resta, porém, ainda é sufficiente para que debitemos em seu nome uma parcella de justiça e de reconhecimento no livro do *Deve e Hadaver* da historia. O edificio colossal de Mafra, sem significação patriotica como a Batalha, sem commemorar um feito glorioso como o Escorial, embora não tenha actualmente um destino condigno, é um ponto obrigado de visita dos forasteiros e maior seria o numero dos que concorressem a admiral-o se tivessemos o cuidado de melhor o vulgarisar, pela penna e pela estampa.

Quer se considere como sincero, quer se considere meramente ostensivo, é innegavel o amor ou a inclinação de D. João V a todas as manifestações da nossa actividade intellectual. Nas artes, nas sciencias, nas lettras e na industria se manifesta ella com mais ou menos intensidade. A *Bibliotheca Lusitana*, a *Historia Genealogica*, o *Corpos Poetarum*, as *Memorias da Academia de Historia*, como que são obras traçadas litterariamente por um architecto como o de Mafra.

Dois livros conhecemos nós que poderiam dar a synthese do reinado de D. João V se fossem escriptos sob um criterio um pouco mais elucidativo e se a narração dos factos luzisse mais naturalmente longe do apparato da apotheose e do panegyrico. Um d'elles é a collecção dos epigrammas em latim do padre Luiz Caetano de Lima, em que se celebram varios assumptos e acon-

tecimentos importantes. São para assim dizer disticos commemorativos, d'uma significação vaga, em que a poesia como que receia descer aos pormenores da realidade. Se cada um d'esses epigrammas fosse acompanhado d'uma nota explicativa, teriamos ali um compendiosinho do movimento da civilisação portugueza n'aquella época. Caetano de Lima refere-se aos artistas e artfices estrangeiros, que foram chamados para mostrar a sua pericia em diversas especialidades. Com os musicos, com os architectos, com os pintores, vieram tambem os sabios, os mathematicos, os astronomos, os professores de anatomia, de que se fundou então entre nós o primeiro amphiteatro. Fabricas de polvora, de vidros, de tapetes, de serração de madeira estabeleceram-se egualmente. As artes graphicas tiveram um grande incremento. A typographia aperfeiçoou-se e os trabalhos que sahiam dos seus prélos eram illustrados pelo buril de habilissimos gravadores. Caetano de Lima não indica, porém, o nome de nenhum d'esses collaboradores da obra do monarcha, nem que a magestade d'este soffresse algum eclipse com a justa homenagem prestada áquelles.

Apesar de serem bastante numerosos os epigrammas de Luiz Caetano de Lima, ainda assim são omissos e não especificam muitos pontos importantes. O *Elogio Funebre de D. João V*, por Francisco Xavier da Silva, como que é o seu complemento indispensavel. Ahi se descrevem, posto que a traços largos, muitas das obras e edificios construidos sob os auspicios do magnificente monarcha, não faltando mencionar, com justo e levantado encomio, a capella de S. João Baptista, de que Caetano de Lima, imperdoavelmente, se tinha esquecido. O enthusiasta panegyrista falla tambem em termos genericos, sem indicar sequer os principaes artistas, que concorreram para o conjuncto harmonioso d'aquelle monumento.

A capella de S. João Baptista — áparte as dimensões — póde, sem menoscabo, pôr-se a par da sumptuosa basilica e edificio de Mafra. Esta é uma edição luxuosa, em folio maximo; aquella uma edição em 32, em typo diamante, mas na exiguidade dos seus membros não teme comparação com o gigante. Mafra leva-lhe uma vantagem: é ter sido executada em Portugal, embora sob o plano e direcção d'um architecto estranho: a capella veiu inteiramente fabricada de Roma, sendo tambem collocada no seu

logar por artifices estranhos. Não se póde considerar um producto d'arte nacional, mas nem por isso perde o seu merecimento intrinseco. Tristissima prova dariam do seu sentimento esthetico os povos que não acatassem as producções do engenho exotico e as banissem inoclastas do seu solo. Os mais notaveis museus honram-se com a presença dos grandes mestres, qualquer que seja a sua nacionalidade. Á França caberia o epitheto de barbara, se, em odio á Allemanha, expulsasse do Louvre um quadro ou uma gravura de Alberto Durer. A capella de S. João Baptista, quando não significasse mais nada, era um testemunho de bom gosto da nossa parte, era um documento incontestavel de que sabiamos apreciar o bello. Quem se atrevesse a condemnar as valiosas sommas que D. João V n'ella dispendeu, mereceria que lhe amordaçassem a bocca. Se se perderam os juros, o capital conservou-se e não faltaria quem désse agora o preço que ella nos custou, se não désse mais. E os juros não se perderam, porque a capella de S. João Baptista, além de ser um goso ineffavel para os sentidos, é tambem, ou póde sel-o, pelo menos, uma escola pratica para os artistas e até um museu geologico pela riqueza e variedade dos materiaes de que é formada.

A época em que esta obra foi realisada não é por certo das que se assignalam mais vigorosamente na historia da arte. A asa mystica da edade-media não lhe roçou a face nem a inspiração graciosa do renascimento lhe inflammou a alma, mas nem por isso podemos considerar com desdem o que é digno da nossa admiração. Se as fórmas architectonicas exteriores nada denunciam, o recinto nada perde da sua severidade elegante pela riqueza dos materiaes e pela profusão deslumbrante do arsenal cerimonioso que o locupleta. Tudo ali está em harmonia: a materia prima com os lavores executados n'ella. O thesouro, com os vasos e artefactos sagrados, com a serie de paramentos em todas as côres, é o complemento indispensavel do pequenino templo. Um pensamento superior predominou em tudo e não deixou de baixar aos mais pequenos objectos. O architecto, o pintor, o canteiro, o bronzista, o mosaicista, o ourives, o tapeceiro, o bordador, a rendeira, tudo trabalhou com o mesmo fim, tudo caminhou pela mesma estrada. O conjuncto é encantador e imponente, sem ser monotono. Poderia haver mais simplici-

dade nos adornos, mas a ornamentação é tão finamente executada que se desculpa facilmente qualquer falta de estylo, qualquer excesso digno de reparo, mais attenta e particularmente considerado.

Uma circumstancia digna de nota merece aqui ficar registada e é que a capella de S. João Baptista chegou até nós quasi completamente intacta. Nem o terramoto de 1755 lhe abriu brecha, nem o precioso thesouro levou total descaminho indo na bagagem dos francezes, ou perdendo-se no torvelinho tempestuoso das nossas guerras civis. Mais um milagre de S. João Baptista, que assim salvaguardou a maior parte do sumptuoso recheio do sagrado recinto, que a piedade real lhe consagrara. Se desappareceram muitos objectos, o que ficou compensa satisfactoriamente o perdido.

Não se póde dizer que a collecção das alfaias da capella do Percursor do Messias seja um thesouro occulto ou desconhecido. Não só na festa do orago elle é patenteado á devoção dos fieis, mas o publico mais d'uma vez tem tido occasião de o admirar em exposições de arte ornamental e ainda ultimamente ostentou todas as suas riquezas na bella sacristia da egreja de S. Roque, onde os objectos appareceram habilmente dispostos graças á incansavel diligencia e bom gosto do sr. Francisco Ribeiro da Cunha, apaixonado amador de bellas-artes e que é um dos mais enthusiasticos admiradores d'esta preciosa collecção. A photographia tambem tem feito o seu dever, reproduzindo-a e divulgando-a, mas faltava ainda um trabalho de investigação e coordenação methodica, ao mesmo tempo descriptivo e historico, que nos indicasse conscienciosamente e com toda a segurança a procedencia por assim dizer individual de cada objecto, qual o artista que o fabricou, qual o seu custo e materia, qual, emfim, o conjuncto de aptidões que ordenaram tão deslumbrante fabrica. Comprehendeu perfeitamente a necessidade d'esta obra o digno e intelligente provedor da Santa Casa, o sr. conselheiro Antonio Augusto Pereira de Miranda, que, com o maximo zelo e boa vontade, prestou todos os auxilios indispensaveis para que esta empreza fosse por diante com o desenvolvimento e apparato que requeria, prestando assim, com uma despeza relativamente insignificante, um altissimo serviço não só á piedosa corporação a que tão dignamente preside, como á historia da arte. Sem a pa-

ciencia investigadora e sem a illustrada collaboração do sr. Rodrigo Vicente de Almeida, digno official da Real Bibliotheca da Ajuda, seria extremamente penoso, senão impossivel, o desempenho d'esta tarefa, faltando os valiosissimos elementos, que elle desenterrou dos manuscriptos d'aquella Bibliotheca. Por este meio se vieram a alcançar dois fins egualmente valiosos e proficuos. Ao passo que se formula e se torna bem publico o inventario do thesouro, fixando-o n'uma dada época, e concorrendo assim para a sua conservação integral, por outro lado, determina-se cathegoricamente, com uma base historica e documental, a collaboração particular e geral de cada artista, attribuindo, sem contestação, o seu a seu dono, destruindo certos equivocos sobre a verdadeira proveniencia de todas as peças. Se D. João V quiz ser satelite de Luiz XIV, seria desacerto indesculpavel attribuir á arte franceza uma influencia predominante e muito menos exclusiva, como alguns pretendem. Se Germain, o celebre ourives parisiense ou a sua dynastia artistica, foi o predilecto da côrte de D. José I, se produziu alguns artefactos para o reinado anterior, a arte romana é quem triumpha no thesouro de S. Roque, assim como predominava no thesouro da Patriarchal, ainda mais rico, mas infelizmente perdido. Quando houvesse duvidas na interpretação das marcas de cada peça, os respectivos documentos viriam cortar resolutamente o nó gordio. E sob este ponto de vista, não poucas novidades se offerecerão aos criticos e historiadores, que assim verão largamente ampliada a nomenclatura dos cultores da arte. A arte é tambem uma religião, e não seremos taxados de menos respeitadores do culto se porventura prestarmos a devida homenagem áquelles que contribuiram, estheticamente, para o brilhantismo das suas manifestações externas. Não parecerá idolatria admirar a obra do homem, quando esta dirige o espirito á contemplação da obra de Deus.

Templo e museu é conjunctamente a capella de S. João Baptista; não perderá a fé de christão quem entrar n'ella, romeiro da arte, com os olhos fitos no Bello!

S. V.

II

A fundação da capella

Quem observa a fachada da egreja de S. Roque, construida na segunda metade do seculo XVI, imagina facilmente que tem deante de si antes a frontaria d'um predio civil que a d'um edificio religioso. A simplicidade das suas linhas rectas não indica a pujança d'um architecto de renome. Verdade é que ella padeceu ruina com o terremoto de 1755, tendo sido substituida a cimalha que a ornamentava, mas o aspecto geral não offerece grande modificação. Transposto, porém, o portico, se não se recebe uma inesperada sensação de grandeza e magestade, fica-se todavia agradavelmente impressionado, e muito maior seria o effeito se a capella-mór, de acanhadas proporções, fosse mais profunda. De uma só nave, bastante larga e extensa, na pintura do tecto, nos quadros que revestem as paredes, nas capellas lateraes, não faltam motivos de recreio para a vista do espectador mais exigente. Gradeamentos de pau santo torneado ou de mosaico florentino: rica obra de talha, pinturas, que não são para despresar, paineis de azulejo, alguns dos quaes, como os da capella de S. Roque, de bello colorido e de um fino estylo do renascimento, firmados pelo nome d'um artista nacional, eis os principaes attractivos do templo fundado pela Ordem de Jesus. Mas de todas as capellas ha uma que lhes leva a palma e que, embora mais moderna que as outras, compensa a primasia da antiguidade pelo primor da sua estructura. Essa capella é a de S. João Bapista, que assim se ficou denominando em commemoração do nome do generoso rei que a mandara

edificar. (1). Diz uma lenda que D. João V, movido da relativa pobreza em que, n'aquelle templo se prestava culto ao Santo Percursor, promettera aos jesuitas mandar refazer a respectiva capella, de modo que ficassem egualmente honrados o Santo e o seu devoto. E a promessa foi cumprida com grandeza quasi tão inesperada como inexcedivel. Esta lenda, porém, parece não ter fundamento, pois a capella anterior não tinha por padroeiro S. João, mas era dedicada ao Espirito-Santo. São por conseguinte ignorados, á falta de genuina narrativa coeva ou de documento comprovativo, quaes as circumstancias que demoveram o animo do monarcha, que, em contrario de seu filho e successor, tinha particular estima pelos sectarios de Santo Ignacio de Loyola, cuja casa visitava com frequencia. Como quer que seja, a edificação da capella não póde deixar de ser considerada como um testemunho de singular affecto. Foi pelos annos de 1742 que o projecto perpassou na mente d'el-rei ou se determinou definitivamente e se nenhum architecto portuguez ou dos que então residiam em Portugal foi encarregado da traça, é certo que aqui se assentou nas linhas geraes, communicando-se minuciosamente para Roma qual era a obra que se pretendia para satisfação plena do voto e da vontade real. Exercia então grande influencia na côrte, tanto na consciencia como nos espiritos, tanto nos negocios religiosos como nos mundanos, o padre Carbone, italiano, homem de merecimento e até de valor scientifico. (2) Foi esse

---

(1) O padre Balthazar Telles no 2.° volume da *Chronica da Companhia de Jesus* dá noticia da primitiva capella, da invocação do Espirito Santo, e dos seus fundadores, que n'ella tinham seu carneiro. No 1.° dos *additamentos e notas* transcrevemos esta descripção.

Na primeira ordem e instrucção que foi de Lisboa para se construir a capella actual leem-se as seguintes palavras: «... para se ornar uma capella *dedicada ao Espirito Santo* e a *S. João Baptista*, que está na egreja de S. Roque...»

Esta mesma invocação lhe dão a maior parte dos documentos que se lhe referem, e talvez por isso collocassem em logar distincto da capella o quadro do Espirito Santo.

(2) A proposito do padre Carbone e do seu companheiro Capaci lê-se o seguinte no livro 8.°, pag. 269 da *Historia Genealogica:* «Entre as sciencias lhe mereceu (a D. João V) particular inclinação a mathematica, e assim, depois de rei, mandou vir de Italia dois insignes mathematicos, que foram os padres João Baptista Carbone e Domingos Capaci, da Companhia, ambos

a quem incumbiu principalmente a direcção d'esta materia, pondo-se em communicação directa com o encarregado dos negocios de Portugal em Roma, Manuel Pereira de Sampaio, a quem dirigia as necessarias instrucções, indicando-lhe o modo como se devia conduzir. A correspondencia a este proposito, iniciada a 26 de outubro de 1742, foi longa e minuciosa, porque o plano e execução da obra não se deixou ao completo arbitrio dos artistas romanos, antes de cá se apontavam as linhas geraes e nada se executava sem que viessem primeiro os desenhos ao exame e á critica da nossa côrte, onde muitas vezes soffriam modificações, por não corresponderem ao que se desejava. Ao plano geral parece não ter sido estranho o architecto João Frederico Ludovice (1) e além do padre Carbone outros individuos seriam consultados e dariam o seu parecer. A missão de Sampaio não seria por certo das mais faceis e invejaveis, tendo ao mesmo tempo de tratar com tantos e tão variados artistas, cujos caprichos e caracter nem sempre seria possivel congraçar com as exigencias da côrte de Lisboa. Queremos acreditar que não fossem pequenas as contrariedades que soffreu, mas parece averiguado que elle se desforrou muito rasoavelmente, pagando-se por suas proprias mãos, e tirando uma commissão, que, se não abona a sua probidade ou o seu desinteresse, justifica

---

naturaes do reino de Napoles, que a 19 de setembro de 1722 chegaram a Lisboa e havendo-se empregado em fazerem varias observações astronomicas com grande estudo conseguiram applausos da côrte e satisfação d'el-rei, as quaes se imprimiram e participaram ás nações estrangeiras, de quem foram estimadas pela sua exacção.

Adiante diz que o padre Capaci fôra enviado á America ficando o padre Carbone ao serviço real.

O padre Luiz Caetano de Lima dedica o XLVIII dos seus *Epigrammata* aos astronomos mandados vir de Roma—*Astronomi celeberrimi ex Italia in Urbem á Rege advocati.*

(1) Effectivamente Ludovici prestou o seu valiosissimo concurso, conforme dão bem claro a entender algumas passagens da correspondencia do padre Carbone. Assim em carta de 3 de junho de 1747 dirigida a Sampaio, diz elle: «As quaes encommendas nunca aqui se cuidou que houvessem de importar tanto, pois o mesmo Frederico, que fez as instrucções, entendeu que toda a obra da capella importaria em meio milhão.

N'outra, de 27 de junho do mesmo anno, accrescenta: «Pois Frederico que esteve em Roma e viu a celebre capella de S. Ignàcio, que custou cem mil escudos, arbitrou que a nossa não custaria mais de 200 mil.

pelo menos a sua sagacidade. Se estamos offendendo os seus creditos posthumos, que a sua memoria nos perdõe, pois a culpa não é nossa, mas sim dos documentos contemporaneos, pelos quaes se mostra que depois da sua morte se originaram questões em que os artistas e avaliadores veem depôr que tanto no preço e quantidade da materia como na valia do trabalho se haviam, por suggestão d'elle, augmentado rasoavelmente todas as verbas. Bem dizia Gil Vicente n'aquelle seu dialogo de allegoricas personagens, que *Todo o mundo* busca dinheiro e *Ninguem* busca a virtude. (1)

Apesar da capella ser de limitadas proporções, foram dois os architectos que fizeram o seu desenho: Nicola Salvi e Luigi Vanvitelli, o ultimo dos quaes, sobretudo, tem alta cotação na sua especialidade.

Os trabalhos da construcção da capella effectuaram-se no logar chamado Vicolo da Penna, junto á Praça do Populo, n'um terreno alugado a Giuseppe Sabetti, pela renda annual de 80 escudos. Outros terrenos foram ainda arrendados para o mesmo fim.

A 15 de dezembro de 1744 procedia o Papa Benedicto XIV á sua sagração na egreja de Santo Antonio dos Portuguezes. Os benesses que recebeu por este motivo a familia papal elevaram-se a 3:339 escudos e 64 bajocos.

Mostrando o Papa desejos de vêr a capella armada antes de ser remettida para Lisboa, fez-se uma especie de exposição, em que se patentearam egualmente outros objectos, como os cancellos e baptisterio para a Patriarchal, quadros, pannos de arrás, etc. Em 23 de abril de 1747 compareceu o Papa a admirar todas estas preciosidades, sendo imitado pelo Pretendente d'Inglaterra, que realisou no dia 25 a sua visita. Fez principescamente as honras da recepção o nosso embaixador, que dispendeu em refrescos 560 escudos.

---

(1) Ainda em vida do proprio Sampaio se tinham levantado duvidas na côrte portugueza ácerca do seu caracter e limpeza de mãos. O padre Carbone escrevia-lhe duramente a este respeito, informando-o dos *zuns-zuns*, que tinham chegado a Lisboa e de quanto o seu procedimento contribuia para se lhes dar credito e para augmentar a desconfiança. Damos adeante, nos additamentos, um trecho d'esta carta, onde longamente se faz a acrimoniosa censura.

Ha quem assevere que o Papa, antes da capella ser enviada para Lisboa, dissera n'ella missa, designando-se até o dia 6 de maio de 1747. Por este motivo, attendendo á honra concedida e á preeminencia do officiante, recebeu este magnificas offertas em harmonia com o animo generoso do monarcha portuguez. Devemos comtudo advertir que na correspondencia respectiva não se encontra nenhuma referencia sobre tal facto, que, dada a sua importancia, não deixaria de ser mencionado por Sampaio nos termos que o caso requeria. É possivel todavia que a missa se celebrasse conjunctamente com a sagração do altar. Em 19 de abril de 1747 annunciava elle que a 23 iria o Papa ver a capella e mais commissões, que deviam embarcar logo que chegassem os navios de Veneza.

Em 20 de junho assignavam em Roma os seus contractos os artistas e artifices que vinham assentar a primorosa capella em S. Roque. Em 1 de setembro chegavam a Lisboa os 3 navios que traziam differentes objectos e materiaes para a capella e bem assim o pessoal para armal-a. Este pessoal compunha-se de: D. Francesco Feliziani, superintendente, Paolo Nicoli, computista e procurador de Sampaio, vencendo 58 escudos mensaes, Alessandro Giusti, esculptor, Gaetano Grassi, ourives, Giacomo Fazi, metallista, Gregorio Milani, canteiro, e Francesco Carabelli, mestre pedreiro, todos com o vencimento de 45 escudos. Vieram mais dois serventes, André Mirabelli e Matteo Petrini, a 25 escudos cada um.

Este pessoal, á excepção de Giusti, que ficou lavrando algumas estatuas para as Necessidades e trabalhou depois em Mafra, onde fundou uma escola de esculptura, regressou a Roma pouco depois de Feliziani e de Nicoli, que partiram de Lisboa no dia 6 de fevereiro de 1749, tendo recebido cada um d'estes cem moedas de 4$800 réis de ajuda de custo para a jornada.

As obras em S. Roque principiaram em novembro e tanta pressa se lhes deu que em dezembro estavam promptos os alicerces.

Em 30 de junho de 1752 foram contractados em Roma, Domenico Bossoni, mosaicista, e Geovanni Corsini, engenheiro machinista para virem a Lisboa collocarem os dois quadros de mosaico, *Baptismo de Christo* e *Vinda do Espirito Santo* e juntamente fazer qualquer reparo que necessitasse o mosaico da

Annunciação e o pavimento, etc. Não sabemos quando concluiram o contracto e regressaram a Roma.

D. João V não conseguiu vêr completa a sua obra, pois falleceu a 31 de julho de 1750. Com a sua morte as cousas mudaram de feição e os jesuitas começaram a perder o seu valimento. É porisso talvez que a capella não se inaugurasse com aquella esplendorosa solemnidade que lhe daria a presença de D. João V vivo. Se houve, com effeito, inauguração estrondosa, não se publicou (1), que saibamos, nenhuma relação avulsa, nem mesmo nos consta que na *Gazeta de Lisboa* se fizesse menção especial de similhante festividade.

(1) Diz João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal* (vol. 3.º pag. 266) que em 13 de janeiro de 1751 fôra a primeira vez que se patenteara na egreja de S. Roque a *preciosa e singular capella de S. João Baptista, onde se admiram os excellentes quadros de obra mosaica*. Não sabemos onde se baseasse para fundamentar similhante data nem como concilial-a com o facto acima indicado de em 1752 vir a Lisboa o mosaicista Bossoni e o engenheiro Corsini para a collocação de 2 quadros de mosaico e alguns reparos. Salvo se a capella havia sido já franqueada ao publico, antes de completamente prompta e com os quadros provisorios de pintura.

III

Descripção da capella

Cerrada habitualmente a cortina de seda que veda a capella de S. João Baptista aos olhos do publico, mal se imaginaria, atravessando a egreja, que belleza de scenario se occulta sob aquelle panno de bôca, (1). Mas antes que elle se descerre, como as portas do tabernaculo, vejamos se o trecho que está á mostra nos denuncia a grandeza do todo. Nem o arco nem a teia ou balaustrada se póde dizer com absoluta verdade que sejam as joias denunciadoras do precioso annel, mas revelam desde logo que as paginas do livro hão de corresponder ao frontespicio excedendo-o na delicadeza da materia e nos primores do artificio.

O arco e pilastras da bôca da capella, trabalho do canteiro Rotoloni, são, de marmore branco com espelhos de brecha antiga. As armas reaes portuguezas do fecho do arco, de marmore de Carrara, ricamente ornamentadas, tendo de alto cerca de 9 $^1/_2$ palmos por 5 $^2/_3$ de largo, foram feitas por Dominico Giovanini, sendo o seu custo mil escudos. Os dois bellos anjos que as ladeiam, egualmente de marmore de Carrara, foram cinzelados pelo celebrado esculptor Antonio Corradini, a quem se pagou por este lavor 1:900 escudos. Cada um dos anjos tem 8 palmos de alto: as pedras em que estão esculpidos foram compradas a Paolo Canti, custando 243 escudos.

A teia é composta de 10 balaustres e 4 pilastras sobre um

---

(1) Actualmente já não existe essa cortina, julgando-se mais conveniente que a capella estivesse sempre patente á vista dos fieis.

degrau de africano. Ao centro duas cancellas de metal dourado e em cada extremidade uma misula do mesmo metal. As pilastras teem o fundo de alabastro com molduras e festões de metal dourado: as cancellas teem ornatos eguaes de um e outro lado; sendo o do centro o monogramma do Rei sobreposto da corôa real. Todo o trabalho em pedra é do canteiro Pietro Paolo Rotoloni e o de metal de Francesco Guerrini. O custo de todo o metal empregado na balaustrada foi de 3:139 escudos e 75 bajocos; o dos modelos e dezenhos 63 escudos; o trabalho de canteiro, pedra e mais materiaes importou em 1:344 escudos e 63 bajocos. Agostino Conestri, serralheiro, fez as ferragens das cancellas por conta do metallista Guerrini. Finalmente foi o ebanista Giuseppe Palmes, que deu o modêlo para a balaustrada.

Antes de descerrado o véo e de penetrarmos no sanctuario, seja-nos permittido observar ao leitor que elle não só vae ficar estactico na contemplação d'um recinto artistico, mas tambem deante d'um museu de historia natural, onde a geologia ostenta os mais brilhantes, ricos e raros specimens de materiaes de construcção e ornato. Quando se deu começo á execução da capella em Roma foram enviados a diversas cidades da Italia individuos experientes e conhecedores para escolha e compra dos materiaes mais apropriados. Assim o commissionado de adquirir as pedras recebeu por esta incumbencia 385 escudos. O ourives Francesco Giordoni fez a compra de 12:000 libras de metal de Germania (prata da Allemanha) para empregar nos ornatos da capella por 18:650 escudos. Entre os diversos objectos trazidos a Lisboa por occasião da capella, veiu tambem uma grande porção de pedras para substituir as que porventura se deteriorassem sendo o seu custo de 70 escudos e 30 bajocos.

Não deixa de ser curiosa a lista das pedras empregadas pelo canteiro Rotoloni. Eis a sua nomenclatura. Africano, Alabastro florido, Alabastro florido com olhos, Alabastro florido com veios, Alabastro oriental, Amethysta, Branco negro antigo, Branco negro de França, Brecha antiga, Brecha sarabezza, Diaspro, Diaspro duro, Flor de pecegueiro (persico), Jalde antigo, Lapis-lazzuli, Marmore branco, Porfido rôxo, Porfido verde oriental, Rôxo antigo, Verde antigo.

É toda a capella por conseguinte um magnifico apainelado

de finos marmores, em que tudo se esbate harmoniosamente, n'uma combinação acertadissima, de modo que nem uma só cousa prejudica a outra, occupando cada objecto o seu devido logar e não se offendendo mutuamente as côres das diversas pedras, supportando graciosas o emolduramento e ornato dos metaes.

É difficil saber onde fixar primeiramente a vista e embora os olhos naturalmente tomem a direcção do altar-mór, onde o attraem os suaves lineamentos do quadro principal, não os ergamos todavia, sem que primeiramente examinemos o que nossos pés estão pisando. E' o pavimento, em cujo centro se vê representada a esphera, que, como se sabe, foi a divisa de D. Manuel e o emblema principal das obras executadas na sua época. Em Roma tinham-se dezenhado primitivamente as armas reaes, mas em Lisboa reprovaram a ideia como menos apropriada e digna, pois estando n'ellas representadas as cinco chagas era indecente que servissem de piso. Como se vê, o pensamento religioso é que foi o guia critico, ignorando-se o motivo que determinara a preferencia dada á esphera.

O pavimento é todo de mosaico, interposto de laginhas e fachas de porfido verde oriental, branco-negro de França, brecha sarabezza, roxo antigo e listas de metal dourado. No meio, a esphera, como já dissemos, em campo eliptico, emoldurado de uma cercadura de grandes rosas em festão. O mosaico todo comprehende um espaço de 170 palmos quadrados, que, á rasão de 20 escudos o palmo, importou em 3:400 escudos. Juntando-se-lhe mais 3:600 gastos com o côrte dos esmaltes, cimento, cartões modêlos e trabalhadores, perfaz a somma de 7:000 escudos. Todo o trabalho de mosaico foi executado por Enrigò Enuo e seus companheiros. O trabalho de cantaria, marmores e cimento foi fornecido por Rotoloni, pelo que recebeu 1:415 escudos. As listas de metal que teem 500 palmos de comprido e 1:220 libras de peso são trabalho do metallista Gio Paolo Kaiser. Finalmente Ignacio Stern, pintor, fez em cartão os festões que serviram de modêlo para o mosaico.

Os confissionarios estão convidando o piedoso catholico a declarar as suas culpas e a fazer expiação de seus erros. Purifiquemo-nos, portanto, ainda que não seja senão mentalmente, pagando por este modo um tributo imposto á nossa curiosidade,

mais profana que religiosa. Tornam-se elles quasi uma excepção, pois sendo toda a obra de pedra e de metal, são construidos de raiz de nogueira delicadamente esculpida com ornatos de cabeças de cherubins, sendo os competentes ralos de metal dourado. Estão assentes sobre a balaustrada como accessorios d'ella, e foram feitos pelo ebanista Gio Palmini, que recebeu por elles 152 escudos e 65 bajocos. Antes de Palmini tinha Giuseppe Palmes feito outros dois com o mesmo destino, mas que foram rejeitados por não corresponderem ao risco determinado. Os ralos metallicos são de Lorenzo de Caporali.

Feita a ideal confissão a que alludimos, ajoelhemo-nos n'um dos dois primeiros degraus do altar, que são de porfido roxo, ornamentados de metal dourado. O terceiro ou suppedaneo é de porfido verde em fórma de caixilho, em que está embutido um estrado de marcheteria de marfim e varias madeiras preciosas. Assim como os outros dois, é tambem guarnecido de metal dourado. Todo o trabalho em pedra (marmore, cimento, lavor e assentamento) é do canteiro Rotoloni e o seu custo foi de 1:897 escudos e 73 bajocos. A ornamentação de metal é do ourives Antonio Arighi, tendo de comprido 170 palmos e de peso 279 libras, que á razão de 3 escudos e 20 bajocos por libra dá a somma total de 892 escudos e 80 bajocos, incluindo n'esta somma o feitio, com exclusão do ouro empregado no douramento. O estrado do suppedaneo foi feito pelo ebanista Lucino Cittadini, por cujo trabalho recebeu 420 escudos.

O altar tem cerca de 5 palmos de altura. O fundo do frontal é de lapis-lazuli com os angulos de diaspro duro. A base e a cimalha de jalde antigo, e a facha do vivo de amethysta. As pilastras que ladeiam o altar teem o fundo dos vivos de alabastro florido em veio com armas reaes de metal dourado. A base e cimalha de jalde antigo e a facha do vivo de amethysta. A ornamentação de metal dourado que guarnece todas estas peças é do ourives Antonio Arighi.

O vasamento ou parte que fica entre o quadro e a banqueta do altar tem um socco de diaspro duro: a base e cimalha de jalde antigo; o fundo de lapis-lazuli e a facha em roda d'este de amethysta. Os ornatos de metal dourado incluindo as duas grandes cabeças de cherubins são do mesmo artista citado no

paragrapho anterior e o seu custo de 1:615 escudos e 80 bajocos.

O fundo da banqueta é de lapis-lazuli e os ornamentos de metal dourado são ainda obra de Arighi.

O nicho do frontispicio tem o arco da boca de jalde antigo; faixa da mesma pedra e vivo de alabastro florido com molduras e festões de metal dourado, no comprimento de 144 palmos. E' trabalho do metallista Francisco Rosa. Os caixotões da aboboda do nicho teem o fundo de verde-antigo com molduras de jalde antigo, ornadas de metal dourado e florões do mesmo.

A cruz radiante que está por cima do nicho sobre a cimalha do frontispicio e aureola que a circumda são de metal dourado, feitas pelo metallista Agostino do Valle. A cruz mede 3 $^{2}/_{3}$ palmos de alto e o seu pezo com os raios é de 2:540 libras: o custo foi de 3:000 escudos, constando das seguintes verbas: 508 escudos para o cobre; ouro e douradura, 1:040; modelos, cera e pequenas despezas, 85 escudos. Feitio, 1:337. Os dois anjos de marmore de Carrara que ladeiam esta cruz teem cada um cinco palmos e custaram dois mil escudos. O grupo de cherubins que guarnece o pé da cruz custou 350 escudos. Todo este trabalho em pedra é do esculptor Pietro Werchaffel. Pelas duas pedras em que foram esculpidos os anjos recebeu Paolo Campi, vendedor de marmores, 286 escudos e pelo do grupo de cherubins 58 bajocos.

Eis-nos agora embebidos na contemplação das peças capitaes de toda a obra, os tres quadros em mosaico, onde o trabalho do artifice, que distribuiu, combinou e argamaçou as pedrinhas, compete com o pincel de quem os traçou na téla, tornando a sua concepção mais solida e duradoura, quasi incorruptiveis á acção destruidora do tempo.

O quadro do retabulo, de maiores dimensões que os outros, representa o *Baptismo de Christo* pelo Santo Percursor. Assiste a este acto sua divina Mãe e uma das Tres Marias. Pela parte superior o Padre Eterno acompanhado de tres anjos. Sobre a cabeça de Christo poisa a pomba do Espirito Santo.

Superiormente ás portas lateraes veem-se os outros dois paineis. O do lado do Evangelho representa o *Pentecoste* ou a vinda do Espirito Santo sobre os Apostolos no Cenaculo, vendo-se no meio d'elles a Virgem Maria.

O do lado da Epistola figura o mysterio da *Annunciação da Virgem*, que ali está ajoelhada, tendo em frente, sobre uma nuvem, o archanjo S. Gabriel.

Correu infundadamente por muito tempo que os tres quadros de mosaico não eram mais que reproducções de obras-primas dos grandes mestres do seculo XVI, mas o seu exame artistico não corrobora de modo nenhum similhante opinião e os documentos não deixam a menor duvida sobre o nome do artista, que originalmente os compoz sobre a tela para servirem de modelo aos mosaicistas. Massucci, um dos mais acreditados pintores da sua época, foi quem effectivamente se desempenhou de tal missão.

A 13 de dezembro de 1742 participava o nosso embaixador em Roma, que enviava o risco dos quadros desenhados por aquelle pintor para serem sujeitos ao exame e approvação da nossa côrte.

Em 1743, a 7 de abril escrevia elle que Massucci já tinha começado os quadros e que, concluido o primeiro, se começaria logo a transportal-o a mosaico. Massucci todavia foi muito moroso no cumprimento do seu trabalho, devido por certo á doença, dizendo-se que estava tisico, chegando a receber por duas vezes a extrema-uncção. O nosso embaixador, apertado por estas difficuldades e demoras esteve para lançar mão de outros pintores, apontando tres de mais fama: Conca, Battoni e Corrado, chegando ainda a utilisar-se do prestimo d'este ultimo. Massucci, porém, allegou, que nas suas faltas ou impossibilidades, poderia ser substituido pelos seus discipulos.

Massucci fez por conseguinte dois exemplares de cada quadro, um dos quaes serviu de modelo e outro era para enviar á côrte. Deviam existir todos em Portugal, mas apenas de dois se tem conhecimento e ambos representando o mesmo assumpto— a *Annunciação de Nossa Senhora*, estando um no Museu das Janellas Verdes e outro no Convento das Sallesias. Este foi o reproduzido em mosaico, porque o outro, tendo havido engano na medida, apenas foi utilisado por occasião da inauguração provisoria da capella em Lisboa, servindo tambem na mesma occasião o da *Vinda do Espirito Santo ao Cenaculo*, pintado por Giaquinto Corrado, que está no Museu das Janellas Verdes, sob o nome de Trevisani. Todavia o que foi reproduzido em mosaico é devido ao pincel de Massucci.

O mosaico foi executado por Mattia Moretti e seus compa-

nheiros na reverendissima fabrica de S. Pedro em Roma, cujo administrador era então Filippo Valerij. Cada palmo quadrado foi pago a 46 escudos, e como a superficie dos tres quadros é de 332 palmos, veiu por conseguinte a importancia total a ser de 15:272 escudos. Esta somma porém elevou-se a 20:000 por se accrescentar 2:760 escudos, custo do esmalte, e 1:968 de mão d'obra.

O quadro grande é dividido em tres partes, que vieram separadas para Lisboa em 1751.

Marco Antonio Ravasi andou viajando por Genova, Leorne e Florença, para obter mineraes e esmaltes para os quadros e pavimento da capella. Agata Christofani, viuva do cavalleiro Christofani, superintendente dos mosaicos, forneceu esmalte para os mosaicos da capella, sendo os meudos a razão de 55 bajocos a libra e os esmaltes de *giuggiolino* a quinze bajocos. Alessio Mattioli fundiu esmaltes para a capella pelo que recebeu, nos annos de 1744 a 1746, 5:212 escudos. Antonio Arighi, ourives, fez os ornatos de metal dourado para a moldura de porfido do quadro grande, que rematam na parte superior d'ella com o monogramma de Christo I H S. Francesco Annibaldi, metallista, fez os ornatos de metal dourado para as molduras dos quadros lateraes, que custaram 1:960 escudos. Pietro del'Estache, esculptor, fez os dois grupos de cherubins que encimam as duas referidas molduras, recebendo 85 escudos por cada grupo. Agostino Conesti, serralheiro, fez e dourou parafusos e mais peças de segurança, empregadas no quadro grande de mosaico. As molduras dos quadros são de porfido, trabalho do canteiro Rotoloni. O quadro do retabulo tem de altura até ao ponto que rompe a architrave e friso 16 e meio palmos: os dois lateraes tem 12 e tres quartos palmos de altura por 8 e meio de largo.

Resta-nos examinar agora os detalhes architectonicos da capella, a principiar pela architrave e friso. A primeira é de jalde antigo, tendo de comprimento 56 e meio palmos e 1 e cinco sextos de altura. Os festões que estão no soffito com 26 palmos de comprido são trabalho do metallista Gio Paolo Kaiser. O friso é de verde antigo com grandes ornatos de metal dourado. Estes ornatos e os da architrave, na extensão de 220 palmos foram feitos pelo metallista Francesco Rosa.

A cornija é de jalde antigo: as suas tres partes superiores dão volta successiva por toda a capella, torneando por cima do quadro principal. As outras tres partes, cuja coroa tem 220 dentes, terminam dos dois lados com a dita moldura. Os ornatos de metal dourado que guarnecem a cimalha nos lados da capella são trabalho do metallista Francesco Giardoni, e os que a guarnecem no frontispicio do ourives Antonio Arighi.

O stylobato é composto das seguintes partes e differentes marmores. O socco é de branco negro e tem de comprido, um e outro lado, 48 palmos por 1 $^{11}/_{24}$ de largo. O soccosinho *(zoccoletto)* é de brecha antiga e de comprimento egual ao do socco. Base e cimalha são de jalde antigo. O vivo é de alabastro florido figurado. Todo este trabalho foi feito sob a direcção do canteiro Rotoloni, sendo o custo total, trabalho e materia, 7:405 escudos e 32 bajocos. Os ornatos de metal dourado que acompanham toda a base e cimalha do stylobato são do metallista Francesco Giardoni.

As columnas, de estylo corinthio, são em numero de oito com os fustes revestidos de lapis lazuli em laminas divididas por estrias engastadas de metal dourado. Os capiteis e bases são do mesmo metal, trabalho do fundidor metallista citado no paragrapho anterior. O metal, exceptuado o das estrias, pesa 5:973 libras, que a razão de 2 escudos e 60 bajocos por libra, já lavrado, custou 15:529 escudos e 8 bajocos. Importou mais o ouro e douramento do referido metal 6:980 escudos. Giovanni Ascenzzi, serralheiro, fez parafuzos e mais ferros para segurar os metaes. Pietro Paolo Pacchellini, tambem serralheiro, fez as fechaduras, lemes e mais ferragens para as caixas, em que vieram os metaes das columnas e das pilastras. As estrias das columnas são do mesmo metallista Giardoni; tem de peso cerca de 864 libras, sendo o custo de 6:624 escudos. Cada columna mede de alto 18 palmos e 4 onças e na parte inferior 2 palmos de grossura.

Os intercolumnios tem cada um 2 palmos de largura são de alabastro florido em olhos com *fasce* de flôr de persico com os espelhos emoldurados de metal dourado; trabalho do ourives Silvestre Doria.

As pilastras são de alabastro florido figurado. As meias pilastras e *membretti* de verde antigo e o fundo de flôr de pe-

cegueiro. As bases e capiteis são de metal dourado, trabalho do metallista fundidor Francesco Giardoni, o qual empregou n'elle 2:027 libras de metal, que, depois de trabalhado, lhe foi pago a 2 escudos e 60 bajocos por libra, prefazendo a somma de 5:270 escudos e 60 bajocos. Custou mais o ouro e douramento do referido metal 4:350 escudos. Giovanni Ascenzzi fez parafusos e mais ferragens para segurar os trabalhos de metal.

A abobada é composta de cinco arcos, que impostam sobre as competentes columnas, pilastras e meias-pilastras. No meio d'ella, entre dois arcos, de verde antigo, que impostam nas columnas, estão sobre as cimalhas dois baixos relevos. Todo o mais espaço entre estes é occupado por 14 caixotões e 4 meios caixotões de jalde antigo com fundo de verde antigo e cabeças de cherubins de marmore de Carrara, das quaes Bernardino Ludovice fez 7, Pietro del'Estach 4 e Antonio Corradini 3, todas pagas a 40 escudos cada uma. Os caixotões tem molduras de metal dourado, cujo comprimento geral é de 1:874 palmos, e o peso 2:640 libras. É trabalho do metallista Francesco Rosa, a obra de canteiro é toda de Rotoloni. Silvestre Doria, ourives, fez os ornatos das duas archivoltas da abobada no comprimento de 110 palmos. O ourives Gaetano Smitt fez os ornatos em arabescos dos dois arcos da abobada, tendo em ambos 80 palmos de ornato com o peso de 700 libras. O custo foi de 1:500 escudos, a saber: 140 de cobre, 435 de ouro e douramento, 85 dos modelos, cera, etc., e 840 do feitio. Pietro Mascelli, metallista, fez os dois festões que estão nos dois meios arcos da abobada com 76 palmos de comprimento e o seu emoldurado na extensão de 156 palmos, pesando toda esta obra 530 libras, no valor de 106 escudos, ouro e dourar 1:800 escudos, modelos e despesas pequenas 269, e 1:325 de feitio, sommando a despesa geral 3:500 escudos.

Os baixos relevos da abobada são dois medalhões ovaes de marmore de Carrara que estão sobre as cimalhas lateraes, unidos á abobada. O do lado do Evangelho representa a visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel; o do lado da Epistola S. João Baptista prégando no deserto. Cada um d'elles é ladeado por dois meninos em acção de sustel-o. Na parte superior de cada medalhão ha um grupo de cherubins. Dos lados e da parte inferior pendem mimosos festões de marmore, sobresaindo apenas

as molduras, que são de metal dourado. O trabalho em pedra foi feito pelos seguintes esculptores: o baixo relevo da visitação é de Carlo Marchionni; os dois meninos que o ladeiam e o grupo de cherubins de Agostino Corsini. Os festões, tanto de um como de outro baixo relevo de Domenico Giovannini. O baixo relevo da predica de S. João é do esculptor Bernardine Ludovice; e bem assim os dois meninos que o ladeiam e o grupo dos cherubins sobrepostos. Finalmente, as molduras de metal dourado foram feitas pelo metallista Francesco Rosa. A dimensão, peso e custo de cada uma das referidas peças é o seguinte:

Cada medalhão tem 5 palmos e 10 onças de alto por 4 e 2 onças de largo, e o seu custo foi de 800 escudos.

Os quatro meninos medem 4 palmos e 9 onças de altura e custaram a 420 escudos.

Cada grupo de cherubins tem 2 palmos de altura e custou 80 escudos.

Os festões de cada medalhão, de 17 palmos de comprimento por 1 de largura, custaram a 153 escudos.

N'estas quatro verbas se inclue o custo do marmore. As molduras ovaes de metal dourado tem 7 palmos de altura por 5 e 4 onças de largura. Ignora-se ao certo o seu custo por se achar englobado com o de outras obras do mesmo metallista.

A contemplação de tantas preciosidades como que nos deixa absortos, fascinados, presos ao delicado pavimento que pisamos. No entanto, se quizessemos sahir, além do amplo arco, teriamos duas portas lateraes, que não são menos dignas do nosso reparo. As suas hombreiras são de verde antigo com espelhos de diaspro duro e conchinhas de amethysta. É trabalho do canteiro Rotoloni. Francesco Giardoni fez os ornatos de metal dourado que as guarnecem. Silvestre Doria fez as cancellas de metal rendilhadas e douradas, em cujo centro figura o monogramma de D. João V com corôa real. Tem cada cancella 10 palmos de altura por 5 de largo. Pietro Paolo Pachellini, ferreiro, fez os varões e mais ferragens para os reposteiros d'estas portas. Giuseppe Ricciani, latoeiro, forrou de latão a ferragem.

Por certo que o leitor não se fatigou com a contemplação estactica do bello, mas se o enfadou a descripção minuciosa, queira descançar por um momento para proceder ao exame do magnifico arsenal do culto da capella.

IV

O thesouro. — Ourivesaria

Apesar de rico e notabilissimo, tanto no numero como na belleza artistica das peças que o compõem, o thesouro da capella de S. João Baptista está longe da opulencia do seu estado primitivo. Faltam-lhe bastantes peças, algumas das quaes se poderiam reputar capitaes, de grande importancia, tanto pelo seu lavor, como pela valia da sua materia prima. Entre ellas citaremos a custodia de ouro, o calix do mesmo metal, a pixide, os 30 castiçaes do throno para a Exposição do Santissimo, etc., de que adeante damos uma relação. Não sabemos explicar satisfactoriamente o descaminho ou o destino d'essas peças. O decreto de 1 de fevereiro de 1808 mandava remetter para a Casa da Moeda a prata das egrejas e corporações religiosas e isto nos explica o desapparecimento da maior parte da numerosa baixella religiosa que áquelle tempo existia, e que se attribuia a depredações do exercito invasor francez. Os registos da Casa da Moeda, posto que não nos instruam sobre o valor artistico dos objectos, são todavia interessantissimos e podem fornecer elementos, embora incompletos, preciosos para a historia da nossa ourivesaria. Em data de 15 de fevereiro de 1808 se acha uma nota da prata que ali deu entrada procedente da capella de S. João Baptista, mas logo depois se encontra um aviso de 26 de março, mandando-as conservar, e mais tarde, em 4 de outubro, outro aviso para informar o requerimento do administrador da capella. Ora estes dois ultimos documentos não estão em harmonia com o primeiro, pois n'elles

se especificam mais peças. Que as pratas foram restituidas, senão no todo, pelo menos em parte, é isso indiscutivel, restando todavia averiguar o destino que algumas levaram, como por exemplo os quatro relicarios de prata branca, que hoje não existem. Inserimos adeante esses documentos assim como as relações das pratas da Misericordia, que deram egualmente entrada na Casa da Moeda.

Dada esta breve explicação, passemos agora a enumerar os objectos existentes e que se podem subdividir em duas cathegorias: objectos de prata dourada, e objectos de bronze dourado. Estes ultimos, posto que menos valiosos no tocante á materia prima, não desmerecem dos outros, pois são trabalho dos mesmos artistas e cinzelados com o mesmo primor. Relacionemos em primeiro logar os

Objectos de prata dourada

1. *Frontal de prata e lapis-lazzuli.*

No centro um baixo relevo representa o Cordeiro, sustentado por seraphins sobre nuvens. Aos lados e em baixo grupos de patriarchas e prophetas tambem sobre nuvens em adoração. É o passo do Apocalypse: o Cordeiro adorado pelos Anciães. Moldura de grandes ramagens de prata branca sobre prata dourada. De um e outro lado dois anjos de prata de tamanho natural sustentando o friso de prata. Este frontal serve no dia do Orago da Capella. Alt. $1^{m},12^{c}$, C. $2^{m},30^{c}$, Peso bruto 322:650 grammas. Contraste: Duas chaves e tiara. Cobra.

O assumpto principal d'este frontal — o Cordeiro adorado pelos anciães — foi modelado pelo esculptor Agostino Corsini. Os dois anjos lateraes são do esculptor Bernardino Ludovice, por cujo trabalho recebeu 200 escudos.

O peso e o custo de todas estas peças é o seguinte:

Prata — 200 libras	2:520	escudos.
Ouro e dourar	780	»
Modelo, cera e outras despezas	185	»
Feitio	1:515	»
Total	5:000	»

N'esta conta não figura o peso e custo do metal puro empregado, que n'outro livro se diz ser 374 libras e 6 onças, que a razão de 1 escudo e 60 bajocos por libra prefaz 674 escudos e 10 bajocos.

Nas *encommendas* para a capella que se fizeram de Lisboa, lê-se a seguinte recommendação:

«Para o altar se fará um frontal ou palioto de prata, ou toda dourada, ou parte dourada e parte na sua propria côr, que servirá nos dias de maior festividade e para que o seu ornato seja grave, caprichoso e do melhor gosto, se fará exame com especial reflexão nos que houver d'este genero, para que o dito frontal não lhe fique inferior poderá ter alguns ornatos allusivos á invocação da capella e devendo ser parte de prata branca e parte dourada, se fôr mais proprio ser o dourado sobre bronze não se prohibe, e o que se recommenda muito é o primor da ideia e bem feito da obra.»

É auctor d'esta obra Antonio Arrighi.

A revista mensal *A Arte*, no segundo anno da sua publicação (1880, pag. 145), insere uma gravura d'esta bella peça.

2. *Grande cruz d'altar* com a base em fórma de triangulo. Esta é constituida por dois corpos sobrepostos. O de baixo tem em cada face, ao centro, as armas reaes e em cada angulo um anjo como que aguentando o corpo superior. Este tem em cada uma das faces, respectivamente, em nichos, as imagens da Fé, Esperança e Caridade. O resto da haste vae-se adelgaçando, formando alguns nós ou saliencias, o mais volumoso dos quaes adornado com cabeças de anjos nos angulos.

Junto ao encaixe da cruz, termina por tres anjos e festões de flores. A cruz propriamente dita d'onde pende a imagem de Christo, é ornamentada nas suas extremidades por cabeças de anjos e florões.

Altura 2,^{m}02. Peso bruto, 32:840 grammas.

Por Giovanni Felice Sannini. Contraste: Chaves e tiara. Cypreste.

A execução da cruz foi incumbida ao ourives Angelo Spinazzi, o qual a mandou fazer a Giovanni Felice Sannini, que a

executou por modelo do dito Spinazzi, e o Christo da mesma pelo esculptor Giov. Batt Maine.

Custou esta peça 2:500 escudos e 57 bajocos.

3. *Par de castiçaes grandes da banqueta.* Da mesma fórma que a cruz, com ornamentação identica. Em logar das tres Virtudes Theologaes, tem cada um d'elles outras tantas figuras allegoricas com diversos emblemas.

Peso bruto, 43:450 grammas. Altura, 1m,09.

Por Tomasso Puliti e seu companheiro Francesco Salci.

Contraste: Duas chaves e tiara. Cruz.

4. *Par de castiçaes da banqueta,* immediatamente inferiores em tamanho.

Peso bruto, 38:490 grammas. Altura, 1m,06.

Por Angelo Spinazzi.

Contraste: Duas chaves e tiara. A. S.

5. *Par de castiçaes da banqueta,* immediatamente inferiores aos antecedentes.

Todos estes castiçaes da banqueta só differem entre si na altura, que vae gradualmente baixando.

Peso bruto, 37:530 grammas. Altura, 1m,01.

Por Tomasso Puliti e Salci.

Contraste: Duas chaves e tiara. Cruz.

6. *Par de castiçaes para a credencia.* Em fórma de pyramide triangular, mas de menores dimensões que todos os outros. Descança cada um d'elles em tres pés do feitio approximado de garra. O corpo, que assenta immediatamente sobre estes pés, tem em cada uma das faces as armas reaes sobrepostas pela corôa, sustentadas por dois anjos lateraes.

Peso bruto, 21:020 grammas. Altura, 0m,90.

Por Giovanni Felice Sannini. Contraste: Chave e tiara. Cypreste. Custaram 2:086 escudos e 77 bajocos.

7. *Calice com sua patena e colher.* A base ornada com nove cabeças de anjos, umas agrupadas duas a duas, outras isoladas: por cima d'estas, diversos emblemas da paixão. O nó tem trez

cabecinhas de anjos e mais emblemas da paixão. Na copa, entre florões e cabeças de anjos, a Veronica, a corôa d'espinhos e a cruz.

Altura, 0,^{m}29. Peso, 1:600 grammas.

Por Antonio Gigli.

Contraste: Duas chaves e tiara. Leão.

O custo foi de 216 escudos, sendo 90 de prata e 70 de feitio. O estojo proprio custou 8 escudos.

8. *Duas galhetas com seu prato*, lavradas de arabescos com duas cabeças de meninos no bojo e outra na juntura do bico. A aza formada em parte por um menino em meio corpo. O prato ornado de florões e arabescos tendo apenas duas cabecinhas no extremo do diametro maior.

Galhetas, altura 0^{m},27. Prato, c. 0^{m},27, largura 0^{m},21.

Peso, 1:890 grammas.

Por Antonio Gigli.

Contraste: Duas chaves e tiara. Leão.

O seu preço e custo está incluido em outras peças feitas pelo mesmo ourives.

9. *Um jarro com seu grande prato correspondente*, tendo o jarro na parte anterior do bojo as armas reaes portuguezas sustentadas por dois anjos e aos lados dois medalhões; um representa uma figura com a sua mão direita sobre o peito e a esquerda segurando um coração inflammado, e o outro a figura d'uma mulher afagando um cordeirinho. Na cintura ou faxa, que estreita o bojo pela parte inferior, quatro medalhões: um representando o Salvador n'um dos lados, no lado opposto Nossa Senhora, entrecalados por dois anjos, um sentado sobre um leão sustentando o facho da fé e o outro sobre uma aguia sustentando o emblema da justiça. A aza é formada por um corpo de mulher. No prato, ricamente ornamentado com festões, arabescos, figuras e cabeças de anjos, veem-se quatro medalhões —S João pregando no deserto, S. Pedro recebendo as chaves, o milagre da multiplicação dos pães e peixes e Jesus resuscitado apparecendo á Magdalena.

Jarro, altura 0^{m},23. Prato. Comprimento 0^{m},53, largura 0^{m},42.

Peso, 4:240 grammas.
Por Vincenzo Belli.
Contraste: Duas chaves e tiara. VB.
O ourives recebeu por esta peça 976 escudos e 27 bajocos, sendo 128 escudos da prata, 8 e 27 bajocos de quebra na dita, 180 de douradura e 660 de feitio.
O estojo competente custou 10 escudos.

10. *Vaso de communhão*, ornamentado na base com cabeças de anjos, no nó e no bojo com florões, arabescos e medalhões com espigas e cachos d'uvas. A tampa é ornamentada no gosto da base.
Altura com a tampa, 0^m,34. Diametro, 0^m,15.
Peso, 2:500 grammas.
Contraste: Duas chaves e tiara. Leão.

11. *Purificador com tampa e prato*, ricamente ornamentado de florões e arabescos. A tampa encimada por duas cabeças de anjos.
Altura, 0^m,10. Diametro, 0^m,17. Peso, 1:140 grammas.
Por Antonio Gigli.
Contraste: Duas chaves e tiara. Leão.
Custou cerca de 227 escudos, sendo o da prata 92 escudos; ouro e douramento, 52; feitio, 83. O estojo custou 8 escudos.

12. *Caixa para hostias com sua tampa e chapa dentro.* A sua ornamentação quasi exclusivamente geometrica destaca-a de todas as outras peças fazendo suppôr que ella seria d'outro estylo e procedencia, se não fosse ter o contraste de Roma. A sua marca G B não se encontra tambem em mais nenhuma das outras peças.
Altura, 0^m,08. Diametro, 0^m,09. Peso, 480 grammas.

13. *Thuribulo.* Consta de trez partes: a inferior onde se deita o incenso é ornamentada especialmente com cabeças de anjos. A parte central, de maiores proporções, consta d'um corpo architectonico de seis columnas toscanas, duas a duas: nos intervallos trez cabeças de anjos encimadas pelas armas reaes portuguezas. A cupula ornamentada com florões e cabeças de anjos.

Altura, $0^m,31$. Diametro, $0^m,13$. Altura total com as cadeias que sustentam o thuribulo, $1^m,04$. Peso, 3:850 grammas.
Contraste: Duas chaves e tiara. L G.

14. *Naveta com sua colher*. A naveta em fórma de galeão tem á pôpa as armas portuguezas sustentadas por dois anjos e uma figura de mulher empunhando um calice na mão esquerda. Na tampa, que termina pela cabeça d'um anjo, um medalhão que representa a offerta do fogo. O pé, em que se firma a naveta, é ornado de festões, tendo na base dois golphinhos.
Altura, $0^m,18$, c. $0^m,20$. Colher, c. $0^m,13$.
Peso da naveta e colher, 1:112 grammas.
Contraste: Duas chaves e tiara. L G.
Tanto uma como outra vêm na relação de Roma attribuidas a Antonio Gigli, mas a marca é L. G., não correspondendo á usada por aquelle artista, suscita duvidas, que não sabemos satisfactoriamente explicar, fazendo suppor que Gigli, encarregado d'estas e mais peças, daria algumas d'ellas a executar a outro artista.

15. *Campainha*, lavrada de medalhões e cabeças de cherubins, rematando por uma cabeça de anjo.
Altura, $0^m,20$. Diametro, $0^m,09$. Peso, 680 grammas.
Por Antonio Gigli.
Contraste: Duas chaves e tiara. Leão.
De feitio, prata, douradura e estojo, pagaram-se 62 escudos e 40 bajocos.

16. *Apagador*, ornamentado com florões e ornatos.
Altura, $0^m,12$. Diametro, $0^m,08$. Peso, 450 grammas.
Por Antonio Gigli.
Contraste: Duas chaves e tiara. Leão.
Havia outro apagador que não existe, os quaes custaram 106 escudos e 20 bajocos, e o estojo proprio para ambos 2 escudos e 50 bajocos.

17. *Cruz peitoral*, sem nenhum lavor nem marcas. É de suppôr que não tivesse vindo de Roma e que não fizesse parte d'este thesouro.

Altura, 0^m,08. Largura, 0^m,06. Peso, 95 grammas.

18. *Sacra grande.* — Moldura quadrangular em fórma architectonica sustentada por duas pilastras. No friso ou architrave, ao centro, um medalhão elliptico, representando a instituição da communhão. Este medalhão é ladeado por duas imagens, figurando a Esperança e a Caridade, e é encimado pela Fé. No topo das pilastras, sobre o friso, a imagem do Pontificado á parte direita, e á esquerda a da Egreja, sustentando a Cruz e o livro da verdadeira doutrina. Na base das pilastras as imagens de Melchisedech e Aarão, um symbolisando a Religião Natural e o outro a Religião Escripta. Na moldura inferior as armas reaes de Portugal ladeadas por anjos. Toda a peça descança em dois pés ornamentados por meninos.

Altura, 0^m,59. Largura, 0^m,53. Peso bruto, 12:690 grammas.

Por Antonio Vendetti.

Contraste: Duas chaves e tiara. Golfinho.

Esta e as duas outras sacras custaram 3:515 escudos e 17 bajocos e os respectivos estojos 18 escudos.

19. *Sacra pequena*, do lado do Evangelho. Em fórma de moldura ou portico quadrangular. No lado superior ou simalha um medalhão sustentado por anjos com a figura de S. João Evangelista. Esta cimalha é coroada, ao centro, por uma especie de nicho com uma urna em que assenta o cordeiro paschal, tendo por cima o emblema da Providencia. Aos lados duas figuras de patriarchas ou prophetas sustentando nas mãos urnas d'onde saem chammas. Na parte inferior das pilastras lateraes outras duas figuras similhantes. No travessão da base ao centro, um medalhão sustentado por anjos com a figura do Pelicano. Toda esta peça é profusamente adornada com florões e outros ornatos.

Altura, 0^m,42. Largura, 0^m,33. Peso bruto, 5:660 grammas.

PorAntonio Vendetti.

Contraste: Duas chaves e tiara. Golfinho.

20. *Sacra pequena*, do lado da epistola. Identica na forma e na ornamentação á anterior, differençando-se apenas nos emblemas. No medalhão superior está figurado o Senhor da canna

verde. O grupo que o encima representa Pilatos lavando as mãos. As quatro figuras dos Prophetas ou Patriarchas são substituidas por quatro anjos. Na base o mesmo emblema do Pelicano.

Altura, 0^{m},42. Largura, 0^{m},33. Peso bruto, 5:770 grammas.

Por Antonio Vendetti.

Contraste: Duas chaves e tiara. Golfinho.

21. *Relicario*, contendo o craneo e queixo de S. Prospero. É em fórma de urna quadrangular, em cuja tampa, ricamente ornamentada, avultam seis anjos, que sustentam nas mãos palmas e corôas. Firma-se n'um elegante corpo central, formado por dois anjos tendo entre si uma palmeira. Na base, na parte anterior, um medalhão representando a degolação de S. João Baptista, na parte posterior outro representando a entrega da cabeça do precursor a Herodias, que a recebe n'um prato.

Altura, 0^{m},86. Peso bruto, 35:830 grammas.

Por Carlo Guarnieri.

Contraste: Duas chaves e tiara. C G.

O peso d'este relicario e dos tres restantes é de cerca de 450 libras, sendo o seu custo, pela ultima avaliação, de 15:804 escudos.

22. *Outro relicario*, no mesmo genero, contendo eguaes reliquias de S. Valentim. Os medalhões representam scenas do martyrio do mesmo santo.

Altura, 0^{m},86. Peso bruto, 36:130 grammas.

Por Carlo Guarnieri.

Contraste: Duas chaves e tiara. C G.

23. *Relicario*, com o braço de Santo Urbano, n'um corpo architectonico de quatro faces formado de columnas salomonicas cingidas de festões. As faces anterior e posterior são dois porticos, que patenteam a reliquia. Em cada uma das lateraes um nicho com sua figura. A cornija encimada por dois anjos. O pedestal ou sustentaculo do corpo architectonico é aberto, tendo ao centro uma urna. Na base ricamente ornamentada medalhões allusivos ao martyrio do Santo, etc.

Altura, 0^{m},81. Peso bruto, 36:070 grammas.

Por Carlo Guarnieri.
Contraste: Duas chaves e tiara. C G.

24. *Outro relicario* identico, com a perna de S. Felix. Na base ricamente ornamentada, além dos medalhões com o martyrio do santo, veem-se tambem as armas reaes, como no antecedente.

Altura, 0^{m},81. Peso bruto, 36:050 grammas.

Por Carlo Guarnieri.

Contraste: Duas chaves e tiara. C G.

Carolo Casolio, entalhador, fez as peças interiores de madeira, em que estão as reliquias, por 24 escudos.

Antonio Arighi, ourives, fez os parafuzos com as suas femeas para firmar as reliquias nos 4 relicarios.

Domenico Frigioni, vidraceiro, forneceu os vidros.

Francesco Salviucci fez os 4 estojos, por 10 escudos.

Bartolomeu Bononi, ourives, fez duas caixinhas de prata, uma das quaes dourada, com as armas do Pontifice gravadas para resguardar os sellos nas authenticas das reliquias. Custaram 7 escudos e 73 bajocos.

O secretario de Monsenhor Sachrista por collocar as reliquias nos relicarios, com as devidas cerimonias, recebeu 10 escudos e 25 bajocos.

Eis agora a traducção do documento original que authentica as reliquias e cuja traducção nos foi graciosamente communicada pelo illustrado sacerdote reverendo sr. Conceição Vieira:

Fr. Silvester Mezani Januen'. Ord. Erem. S. Augustini Dei, & Apotolicæ Sedis Gratia Episcopus Porphyrieu', Sacrarij Apostolici Prœfectus, ac Pontificij Solij Assistens.

Universis & singulis prœsentes literas nostras visuris fidem indubiam facimus, quod Nos admajorem Omnipotentis dei gloriam, Sanctorunq; suorum venerationem, ex Sacris Reliquiis de mandato SS. D. N. PP. Benedicti XIV é Cœmeterio S. Calisti extractis, & á Sacra Congregatione Indulgentiarum, Sacrarumque Reli-

«Fr. Silvestre Mezano Jannen, da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, pela Graça de Deus e da Sé Apostolica, Bispo Prophyriense, Prefeito do Sagrario Apostolico e Assistente ao Solio Pontificio:

A todos, e a cada um, que virem as nossas presentes Letras, asseveramos, d'um modo indubitavel, que Nós, para a Maior Gloria de Deus Omnipotente e veneração dos seus Santos, por Ordem do Santo Padre-Bento XIV, fazemos dom de Sagradas Reliquias, extrahidas do Cemiterio

quiarum recognitis, & approbatis dono dedimus.

Insignes Reliquias videl' Brachium S. Urbani, et Crus S. Felicis Martyrum cum ampullis Vitreis respersis corcum Sanguine collocat induobus Reliquiariis argenteis deauratis ad modum templi efformatis altitudinis quatuor circiter palmorum eximio, et eleganti opere similiter argenteo de aurato undequaque e laboratis, & exornatis.

Prœterea dono dedineus eidem.

Crania cum Mandibulis SSrum Prosperi, & Valentini pariter Martyrum collocat' in duobus Reliquariis ad modum Urnœ in superiori parte efformatis, et cristallo, mumtis bené clausis, nostroqul majori Sigillo hisce literis appenso obsignatis et omnib' ad quos spoctat, ut prœdictas. Sacras Reliquias apud se retinere, aliis donare et inquacumque Ecclesia, Oratorio, seu capella publicæ venerationi esponere valeant facultatem in Dno concessimus, absque tamen Officio et Missa ad formam Decreti Sac. Congregationis Rituum edité die 11 Augusti 1691, Inquorum fidem has prœsentes litoras manu nr'a subscriptas, nr'que Sigillo firmatas per infrascriptum nrum Secretarium expediri jussimus. Dat' Romæ ex Edibus nris in Palacio Aplico Quirinali die XX Januarij MDCCLII.

Fr. S. Epus Porphys.

de S. Calisto, reconhecidas e approvadas pela Sagrada Congregação das Indulgencias e Sagradas Reliquias:

A saber: As Insignes Reliquias d'um braço de Santo Urbano e a côxa de S. Felix — Martyres, em ambulas de vidro, salpicadas com o Sangue d'ambos; tudo collocado em dois Relicarios de prata dourada, em fórma de templo, da altura, pouco mais ou menos, de quatro palmos, trabalho eximio e da maior elegancia, ornamentados de todos os lados; tudo de prata dourada.

Além d'isto fazemos tambem presente de: — Dois Craneos com as respectivas mandibulas dos Sagrados — Prospero e Valentim, collocados em dois relicarios em fórma de urna na parte superior, munidos de crystaes bem ajustados, e sellados com onosso Sello Maior, similhante ao que vae n'estas letras; e a todos, a quem são destinadas estas dadivas, lhes concedemos faculdade de as conservar para si, e de dal-as a outrem, e de as expôr em qualquer Egreja, Oratorio ou Capella publica á veneração, comtudo sem Officio e Missa, conforme o decreto da Sag. Congregação dos Ritos de 2 d'agosto de 1691.

Em fé de tudo o que fica exposto, mandamos escrever estas letras pelo nosso secretario, infrascripto, assignadas pela minha mão e firmadas com o respectivo sello. Dado em Roma, na nossa residencia, no Palacio do Quirinal, a XX de janeiro de MDCCLII.

Fr. S. Epus. Porphyr.

Joseph David Sec.rius

25. *Par de tocheiros*, em fórma de pyramide triangular, ricamente ornamentados com florões, cabeças e figuras de anjos, conchas, armas reaes, etc. Na base, sentadas em ediculos, as figuras dos doutores da Egreja. Foram feitos pelo ourives Giu-

seppe Gagliardi, que morreu em abril de 1749, figurando nas contas d'ahi em deante a viuva Costanza Fattori e seus filhos.

Altura $2^{m},85$ c.

O peso bruto de um dos tocheiros è 380 kilos e do outro 347 kilos.

Contraste: duas chaves e tiara G G.

Para estes tocheiros vieram 6 tochas do peso de 30 libras cada uma.

Damos agora a descripção circumstanciada, feita originalmente em italiano, a qual é bastante carregada de pormenores e até, talvez, excessiva. A par vae a traducção feita obsequiosamente pelo reverendo Senhor D. Guilherme Bobbio Porzia.

Conto di S. M. F. del Re di Portogallo.—Adi 27 Sett.re 1749
(Copia)

Per auer fatti, e consegnati due Torcieri d'argento di Carlino dorato alti palmi dodici in circa, fatti a triangolo tutti centinati lavorati, e cisellati per tutto com somma diligenza, e perfezzione, ripieni di figure, teste di cherubin, e di ornati di fiori, frutta, allori, ovali, fronde, cartelline, cartelloni, foglie frappate, foglie ed acqua, cocchiglioni, cocchiglie, festoncini, festoni, et altri moltissimi ornati. In ciascuno poi delli sudetti Torcieri vi sono li sequenti lavori: Una cornice liscia triangolare tutta centinata, que posa sopra la base di metallo con sua piastra liscianel mezzo invitata di dentro. Sopra della cornice suddetta posa la pianta del Torciero, tutta d'un pezzo con sotto trè zampe grandi con loro cartocci, e trè cocchiglie tutte lovorate cisellate, e centinate: e sopra le dette zampe sei figure, che stano curve in atto di sostenere il Torciero, alte palmi due e mezzo in circa, nude, con loro panni sparsi tutte lavorate, e cisellate: Trè foglie grandi frapate una per angolo della pianta sudetta, con loro festoncini, che nascono delle medesimo.

Por ter feito dois Tocheiros de prata *Carlino* (de lei) dourados, altos, approximadamente de doze palmos, em fórma triangular, todos em arcos, lavrados e cinzelados com summo cuidado e perfeição, cheios de figuras, cabeças de cherubins, e enfeites de flôres, fructos, louros, ovalos, frondes, molduragens, folhas farpadas, folhas aquaticas, conchas grandes e pequenas, festões e festõesinhos e outros muitissimos adornos.

Em cada um dos ditos Tocheiros acham-se os seguintes trabalhos: uma cornija lisa, triangular, toda arqueada, assente sobre a base de metal com sua lamina lisa no meio, aparafusada por dentro. Em cima da dita cornija assenta o socco do Tocheiro, todo de uma só peça, tendo por baixo tres grandes pés com duas volutas e tres conchas, lavradas e cinzeladas; e sobre os ditos pés seis figuras, que estão curvadas em acção de susterem o Tocheiro, de quasi dois palmos e meio de alto, nuas, com sua roupagem solta, toda lavrada e cinzelada; mais tres grandes folhas farpadas, uma em cada angulo da base com seus

Trè cocchiglioni, posti uno per facciata nella d.ª pianta tutti lavorati, centinati, cisellati, e adornati con festoni, e cascate di fiori che pendono dalli medesimi, et altri ornati, e foglie. Trè teste di cherubini con loro ale, e tré cascate di fiori, efestoni, che scendovo sotto le medeme teste, tutte lavorate, cisellate, poste una per cantonata della pianta sud.ª Trè nicchie con loro campo granito, e vari ornati com trè Dottori di S.ta Chiesa collocati uno per nicchia alti palmi due in circa, con tre putti con loro ale tutti isolati, alti palmi uno in circa: uno per ciaschedon Dottore, che portano i mistery, e le insegne proprie delli Dottori medemí, tutti lavorati, e ciselati. Sopra la medesima pianta é posto il cupolino tuto di un pezzo, con suo campo granito lovorato, e cisellato con ovoli, e foglie, fatto a becco di civetta, sopra del quale posano le tre arme di S. M. F. tutte isolate, con sue corone adornate di festoni. E sei putti, alti palmi uno e mezzo in circa tutti isolati nudi, con loro pannini sparsi, i quali reggono le medesime armi con dodici festoni parimente tutti isolati, con i quali schergano li sudetti putti, insieme con cascate di fiori, coccheglie, cocchiglioni, ed altri ornati per ogni parte, lavorato tutti, e cisellati con ogni perfezzione. Sopra il cupolino sudetto posa la gola del medemo tutta de unpezzo, lavorata e cisellata con ovoli, e frondi; e campo granito, e sopra di essa vi e l'altra gola del vaso parimenti tutta de un pezzo con campo granito, lavorata, e cisellata con ovoli, e frondi; sopra la quale è posto il vaso del Torciero com suo campo graniso, e sei putti di basso relievo posti due perfacciata alti palmi una in circa, tutti adornati di festoni, fiori, frutta, ed ovoli, che li schergano in torno parimenti di basso rilievo lavorati e cisellati come sopra.

festõesinhos, que nascem d'ellas; mais tres grandes conchas, uma em cada face, todas lavradas, cinzeladas e ornadas de festões e cascatas de flôres pendentes d'ellas e outros enfeites e folhas; mais tres cabeças de Cherubins com suas azas, e tres cascatas de flôres e festões que pendem por baixo das ditas cabeças, todas lavradas e cinzeladas, postas uma em cada canto da dita base; mais tres nichos em campo fosco e enfeites varios com tres Doutores da Santa Egreja, um em cada nicho, de quasi dois palmos de alto, tres meninos alados, de quasi um palmo de altura, um junto de cada Doutor, ostentando os emblemas e insignias proprias doutoraes, todos lavrados e cinzelados. Sobre a mesma base está a cupulasinha, toda de uma só peça, em campo fosco, lavrada e cinzelada, com ovalos e folhas, feita a bico de mocho, e que sustenta as tres armas de S. M. F., isoladas e com corôas ornadas de festões; ha mais seis meninos, de altura de palmo e meio, isolados e nús, com as roupagens soltas ladeando as ditas armas, e doze festões egualmente isolados, com os quaes elles brincam; ainda cascatas de flôres, conchas e outros ornamentos em toda a parte, tudo lavrado e cinzelado com a maior perfeição. Por cima da cupulasinha, já mencionada, assenta a gola, de uma só peça, ornada de ovalos e frondes, em campo fosco e ainda em cima d'esta cupula a outra gola do vaso, tambem d'uma peça só e em campo fosco, lavrada e cinzelada, com ovalos e frondes; e é sobre esta gola que assenta o vaso do Tocheiro, com seis meninos em baixo relevo, dois em cada face, de quasi um palmo de altura, enfeitados com festões, flôres, fructas e ovalos. Mais ainda, ha tres palmas, isoladas, que nascem por baixo dos cantos do vaso sobredito, e tres grupos, cada um de tres cabeças de Cherubins com suas

Vi sono in oltre tre palme tutte isolate, che nascono di sotto dale cantonate del vaso sud.° e tre gruppi di tre teste di cherubini per gropo con loro ale, e nuvole, lavorati, e cisellati. Ed altri ornati posti su gli angoli del vaso descritto. Sopra di esso poi vi è la gola, che sotiene il balaustro tutta di un pezzo col campo granito, centinata, cisellata e lavorata, con foglie, ovoli, ed altri ornati. E sopra della medesima posa il balaustro tutto di un pezzo, con suo campo granito, con trè teste de cherubini, posta una per cantonata, con loro ale, tre foglie frappate in esse sulle cantonate suddette, e sei cascate di fiori e frutta, poste una per facciata del balaustro sudetto, con trè putti isolati, nudi con loro pannini. e d ale, alti palmo uno in circa, il tutto lavorato, e cisellato con ogni dilegenza. Sopra del balaustro posa una goletta tutta di un pezzo lavorata, e sicellata, con diversi, e vari ornati, e sopra di essa è collocata la padellina tuta di un pezzo con suo campo granito lavorata, cisellata e adornata per tutto di festoni, fiori, frutta cocchiglie con tre mascare di basso rilevo una per facciata, con altri tri ornati, con sua cornice unita. che gira in torno tutta centinata, lavorata, e cisellata con ovoli, fatta a becco di civetta, con sopra la sua piastra liscia centinata che la chiude per mettersi sopra il boccaglio. Finalmente sopra la padellina è posto il boccaglio, tutto cen tinato, e lavorato, e cisellato con cartellini, cartocci ovoli foglie con suo campo granito, ed altri ornati. Tutti poi li sudetti pezzi di argento sono estati lavorati e ciselatti tutti con somma dilegenza e perfezzione messi assieme, ed uniti con tutta pulizia, e invitate di dentro con somma diligenza, accio non si vedessero la viti di fuora, senza risparmi di fatica, come apparisse de l'opera.

azas e nuvens, lavrados e cinzelados; mais outros ornatos nos angulos do mesmo vaso, que sustenta a gola, de uma só peça, em campo fosco, cinzelada e lavrada com folhas, ovaes, etc., e por cima o balaustre, inteiro, em campo fosco, e tres cabeças de Cherubins alados, e tres folhas farpadas, uma em cada canto, e seis cascatas de flôres e fructos, e tres meninos isolados, nús, com seus veus e azas, de um palmo de altura, tudo lavrado e cinzelado com todo o esmero. Sobre o balaustre assenta uma golasinha inteiriça, lavrada e cinzelada com varios enfeites, e em cima d'esta o pratinho, tambem inteiro, em campo fosco, lavrado, cinzelado e ornado de festões, flôres, fructas, conchas, e tres mascaras em baixo relevo, uma em cada face, com sua cornija unida, que corre em redor, lavrada, cinzelada, feita a bico de mocho, tendo por cima a sua chapa lisa, que a fecha para se lhe pôr o bocal. Finalmente, sobre o pratinho está o boccal, todo lavrado e cinzelado, com molduragens, volutas, ovalos, folhas, em campo fosco, e outros adornos.

Todas as ditas peças, em prata, foram lavradas e cinzelados com summo cuidado e perfeição, unidas com todo o aceio, e aparafusadas muito bem por dentro, para que não se vissem os parafusos de fóra, não poupando o trabalho, como a propria obra o mostra.

Toda a prata empregada nos ditos Tocheiros pezou mil cento e onze libras e dez onças que, á rasão de doze escudos e noventa bajocos por cada libra, importa quatorze mil trezentos quarenta e dois escudos e sessenta e cinco bajocos . . . 14,342,65

Pelo feitio dos ditos Tocheiros, trinta e oito mil escudos 38:000

Somma 52:342,65

Pesa tutto largento messo in opera nelli sud.ti torcieri libre mille centoundici, onc. dieci. che alla razzione de scudi dodeci, e baj. 90 la libra importa scudi quattor decimila trecento quaranta due e baj. 65. 14:342,65
Per la fattura delli sudetti torcieri scudi trentotto mila...... 38:000
Per il calo dell'argento a razzione di un'oncia per libra importa scudi mil centonovanta cinque, e baj. 40................ 1:195,40
Per aver fatto, e consegnato due zoccoli di metallo dorato, sopra de quali posano li torcieri sudetti in loro tutti di un pezzo con sommo rischio, rinettati, lavorati, centinati e cisellati con tutta perfezzione, con trè cartelloni nel mezzo, intrecciati tutti di frondi di alloro, et altri ornati. E por aver fatto li plinti tutto alle sudette basi col di loro contorno parimenti di rame dorato lisci, limati, spianati pomiciati, e politi perfettamente di peso libri seicento novanta, importano tra fattura e valore del rame scudi tremila cento cinque............... 3:105
E numero tre mila quattro cento novanta zecchini andati in opera per dorare tutti li sud.ti torcieri, zoccoli

Somma.......... 56:643,05

Transporte.... 52:342,65
A quebra da prata, á razão de uma onça por libra, importa mil cento noventa e cinco escudos e quarenta bajocos 1:195,40
Por ter feito dois pedestaes de metal dourado, em cima dos quaes assentam os ditos Tocheiros, sendo aquelles de uma só peça, com summa difficuldade, lavrados, cinzelados com toda a perfeição, e tendo no meio tres moldurагens entrelaçadas de folhas de louro e outros ornamentos; e por ter feito os plinthos nos sobreditos pedestaes, com seus contornos de cobre dourado, lisos, limados, aplanados, alisados, polidos perfeitamente, do peso de seiscentas e noventa libras, importa, o feitio e o valor do cobre, tres mil cento e cinco escudos. 3:105
Mais tres mil quatrocentos e noventa sequins, empregados para dourar os ditos Tocheiros, pedestaes e plinthos, sete mil cento cincoenta e quatro escudos e cincoenta bajocos....... 7:154,50
Mão d'obra para a dita douradura cinco mil duzentos trinta e cinco 5:235
Para varios desenhos e modêlos da obra toda, mil duzentos cincoenta escudos............. 1:250

Somma total..... 70:282,55

Nós abaixo assignados, tendo por

Transporte..	56:643,05
e plinti scudi sete mila cento cinquanta quattro e baj. 50 ...	7:154,50
Per la fattura della doratura sudetta scudi cinque mila duccento trenta cinque.......	5:235
Per aver fatti vari disegni, e vari modelli per tutto il sudetto lavoro scudi mille ducento cinquanta ..	1:250
Somma in tutto...	70:282,55

Noi sottoscritti avendo minutamente, e pezzo per pezzo pesato l'argento de sudetti torcieri, e esaminato la fattura, la doratura, il calo dell argento, e tutto il rimanente del lavoro stimiamo giudichiamo e taramo il presente conto de med.i torcieri in scudi romani sessantunmila settecento venticei, e baj. 55.

In fede questo di 16 Ottobre 1749.

Io Francesco Iuvarra, argentiere e scultore.
Gio: Batta Maine, scultore.
Carlo Giardoni, argentiere e fonditore.
Io Matteo Piroli, argentiere.

meudo e peça por peça pesado a prata dos sobreditos Tocheiros, e examinado o feitio, a douradura, a quebra da prata, e todo o restante trabalho, avaliamos, julgamos e reduzimos a presente conta dos mesmos Tocheiros a escudos romanos sessenta mil setecentos vinte cinco, e cincoenta e cinco bajocos.

Aos 16 de outubro de 1749.

Eu *Francesco Iuvarra,* ourives e esculptor.
Gio : Batta Maine, esculptor.
Carlos Giardoni, ourives.
Matteo Piroli, ourives.

26. *Purificador* grande de prata, dourado em partes, o qual serve para se purificarem as pessoas que commungam. Foi feito pelo ourives Antonio Gigli e custou cerca de 227 escudos, provenientes das seguintes verbas: prata 92 escudos, ouro e douramento 52 e o feitio 83. O seu competente estojo custou 8 escudos.

27. *Caixa das reliquias.* Está embutida na meza do altar; é de prata dourada, e trabalho de Francesco Smiti.

28. *Candela*, ricamente lavrada no estylo geral dos demais objectos. Foi fabricada no anno de 1900, nas officinas da ourivesaria Leitão & Irmão, de Lisboa, que com tamanho brilho sustenta as tradições da arte portugueza e da escola de Gil Vicente. O valor artistico da obra augmenta de preço, sabendo-se que foi dadiva generosa de quem a mandou executar pelos seus artifices.

Comprimento 0,32,5. Altura 0,9 c. Peso 540 grammas. Contraste Javali.—Leitão & Irmão.

Objectos de metal dourado

29. *Banqueta de 6 castiçaes e cruz de metal dourado com embutidos de lapis-lazuli.* É trabalho do ourives Antonio Arighi. O custo de todas estas peças, reparte-se assim pelas seguintes parcellas:

Metal	360	escudos
Ouro e douramento	1:960	»
Modelos e moldes	360	»
Lapis-lazuli, vinte peças	600	»
Feitio	5:640	»
	8:920	»

Os sete estojos correspondentes, um para cada peça, custaram 130 escudos. Cecilia Tedeschi, com officina de canteiro, vendeu o lapis-lazuli aqui empregado. Para os castiçaes vieram 36 velas de 7 libras cada uma.

30. *Tres sacras* no mesmo estylo das de prata. Foram feitas pelo ourives Antonio Vendetti. Custaram 1:208 escudos e vinte bajocos, comprehendendo as seguintes parcellas:

Metal	30 escudos
Ouro e douramento	320 »
Modelos e moldes	100 »
Gravura das letras	8 escudos e 20 bajocos
Feitio	750 escudos.

Os tres estojos competentes custaram 18 escudos.

31. *Lampadario* com cadeia ou corrente que o sustenta. Foi lavrado a cinzel pelos latoeiros Angelo e Giuseppe Ricciani, que o executaram por um elegante risco do esculptor Pietro Verschaffelt, o qual recebeu por este trabalho 45 escudos. Foi destinado para servir quotidianamente com as lampadas de metal dourado e prata. No meio tem uma corôa aberta composta de varias flôres e dentro d'ella uma cifra. A cadeia é cinzelada em festões no comprimento de 20 palmos. O custo geral foi de 2:178 escudos.

O lampadario assim descripto parece ser o mesmo que hoje existe na capella. Nas contas de 1751 apparece uma datada de 13 de março, em que diz ter feito Angelo Ricciani um concerto e acrescentamento em 1750 no referido lampadario, em consequencia de haver ficado defeituoso, devido ao primeiro modelo que seguira. Por esta modificação recebeu 200 escudos.

Agostino Ancidoni, serralheiro, fez as competentes ferragens, e Ignacio Giacchesi, espadeiro, dourou a ferragem exterior. Antonio Molinari fez um estojo proprio para este lampadario.

Nas differentes encommendas para a capella, que foram de Lisboa, diz-se: «este lampadario será de bronze dourado, transfurado e composto de arabescos de bom gosto e delicados quanto soffrer o pezo das alampadas e o movimento de subir e descer para que affronte o menos possivel o painel do altar. A altura em que deve estar este lampadario se governa pela borla que tem na parte inferior as alampadas lateraes, as quaes estarão altas do pavimento da capella até á dita borla 14 palmos e como d'esta altura hão de descer com contra-pezo quanto baste para as luzes commodamente se atiçarem do chão, haverá advertencia em que a cadeia ou varão, de que pender o dito lampadario seja de sorte que, descido na fórma referida, appareça egualmente adornada a dita cadeia ou varão desde o lampadario até ao tecto da capella, e tambem haverá advertencia em se armar a dita cadeia ou varão de maneira que não se possa torcer quando subir ou descer, para que a face do lampadario se conserve sempre paralella com o altar da capella. O logar do buraco de que ha de descer a sobredita cadeia ou varão será o

ponto da abobada, encostado á parte interior da archivolta do emboco da capella». Esta instrucção é de 9 de março de 1744.

32. *Tres lampadas* de prata e metal dourado para servirem quotidianamente, feitas pelo ourives Simone Miglie. Tem de altura cinco palmos e o seu custo, confirmado pelos peritos da contrastaria, foi de 6:085 escudos. Pietro Paolo Pachelini, serralheiro, fez trabalhos para estas lampadas. Antonio Molinari fez os tres respectivos estojos, e que custaram 71 escudos. Carlo Salandri, bordador, fez tres borlas de ouro e seda carmezim para ellas, recebendo por este trabalho 14 escudos, e pelo material empregado n'ellas 51 escudos e 67 bajocos.

Na relação das encommendas de Lisboa lê-se:

«As tres lampadas, que esta capella hade ter não se querem penduradas cada uma sobre si no tecto da capella, pelo que deve fazer-se um lampadario de que pendam todas tres, com advertencia que a do meio estará mais alta que as lateraes 6 onças e a distancia entre umas e outras será um palmo.»

Contraste: duas chaves e tiara. Ancora.

Peso: a do lado direito 38,k500; a do esquerdo 37,k200; a do centro, 41,k200.

33. *Baldaquino ou docel*, quadrado com cerca de 11 palmos por lado. A sanefa, do mesmo metal, com suas maçanetas, é composta de 20 peças. É trabalho do metallista Felice Schifoni, e feito por desenho mandado de Lisboa. O esqueleto, que era de nogueira, feito pelo marceneiro Lucino Cittadini foi reconstituido de novo. A ferragem foi feita pelo serralheiro Agostino Ancidoni. O custo geral de toda esta peça foi de 7:000 escudos, dividido pelas seguintes verbas:

Chapa de cobre (600 libras)........	150	escudos
Ouro e dourar....................	2:630	»
Modelos, cêra e outras despezas....	320	»
Feitio...........................	3:900	»

34. *Moldura* lavrada de metal dourado para os frontaes bordados e uma barra no mesmo genero, que se fixa no sopedaneo

do altar; é trabalho do metallista Agostino Valle: peza 152 libras e custou 755 escudos.

35. *Faldistorio* de metal dourado, com almofada branca de nobreza.

36. *Dois cunhos de esculpir as hostias*, um maior, o outro mais pequeno para as particulas.
Compõe-se cada um de duas peças e custaram ambos 14 escudos.

V

Lista dos objectos de metal que desappareceram

1. *Custodia* de ouro para a exposição do Santissimo, feita pelo ourives Thomasso Puliti. Tinha 2 ½ palmos de altura e o pezo de 20 libras, no valor de 3:176 escudos. Pertencia-lhe uma peanha de prata dourada e lavrada de baixos relevos, feita pelo mesmo ourives, tendo esta 1 ½ palmo de altura e 10 libras de peso. Custaram as duas peças 6:476 escudos inclusos 2:884 de feitio.

2. *Calice* com sua *patena*, de ouro de 24 quilates, feito pelo ourives Lorenzo Caporali, que empregou n'elle 10 libras e 11 onças de ouro, no custo de 1:570 escudos e 30 bajocos. Custou 3:100 escudos, incluindo 1:366 e 35 bajocos, preço do feitio.

3. *Duas galhetas* de ouro com seu competente pratinho, similhantes ás que havia na capella pontificia. Eram feitas por Matteo Piroli e custaram 852 escudos e 52 bajocos.

4. *Pixide* de ouro de 24 quilates, com figuras e baixos relevos, tendo de altura 1 palmo e oito onças e o pezo de 11 libras incluindo a tampa. Foi feita pelo ourives Francesco Princivalle, e o seu custo de 4:374 escudos. Antonio Molinari fez-lhe o competente estojo por 8 escudos.

5. *Apagador* de prata dourada. Obra do ourives Antonio Gligli. Eram dois, existindo actualmente só um.

6. *Atiçadores* ou *espevitadores* (2) de prata dourada, com 11 onças de altura, feitos pelo ourives Francesco Smitti. O seu peso e custo acham-se ligados com os de outras peças feitas pelo mesmo ourives.

7. *Caixa* para as hostias, de prata dourada, de meio palmo de altura, feita pelo ourives Francesco Smitti. Custou com o feitio 38 escudos e 20 bajocos, e o estojo competente 2 escudos e 20 bajocos. Existe actualmente outra em estylo differente, com a marca C B., cuja designação se ignora.

8. *Caixa* com os vazos dos Santos Oleos, feita de prata dourada e em relevos, tendo meio palmo de altura; foi feita pelo ourives Francesco Smitti. Não sabemos o peso e custo d'esta peça por se achar junto com o de outras do mesmo ourives.

9. *Castiçaes* (30) de prata dourada e com relevos, para servirem na exposição do Santissimo; tendo 4 1/3 palmos de altura cada um. Foram distribuidos e feitos pelos seguintes ourives: Alessandris (Paolo) fez 6; Bertetti (Pietro) 6; Cavosi (Gio Batta) 4; Pozzi (Lorenzo) 6; Princivalle (Francesco) 4, e Tantardini (Carlo) 4. Não podemos saber com certeza o pezo nem o custo geral d'estes castiçaes, pelo estado confuso das contas que se lhes referem. Tambem para estes castiçaes vieram de Roma 180 velas de cera, com o pezo de 5 libras cada uma.

10. *Cruz processional*, de prata dourada, com 13 palmos de altura, incluindo a haste. Foi feita pelo ourives Francesco Smitti, que recebeu pela prata, douradura e feitio 859 escudos. Esta cruz tinha um pé ou peanha propria de jaldo antigo e o socco de *brecha*, com embutidos e ornatos de metal dourado, trabalho do ourives Matteo Piroli, na importancia de 246 escudos, incluindo a competente caixa. O estojo da cruz custou 20 escudos.

11. *Duas galhetas com seu pratinho* de prata dourada, feitas pelo ourives Vicenzo Belli para servirem nas missas dos dias solemnes. O seu peso e custo está incluido com o de outras

peças feitas pelo mesmo ourives. Antonio Molinari fez um estojo proprio para estas peças.

12. *Galhetas* de crystal guarnecidas de prata dourada com pratinho do mesmo metal, feitas pelo ourives Pietro Vaccari. O seu custo acha-se incluido no de outras peças feitas pelo mesmo ourives.

13. *Lampadario* de prata dourada, pertencente ás tres lampadas do mesmo metal, feito pelo ourives Francesco Smiti. O seu custo foi de 12:280 escudos, proveniente da prata, e sua quebra, douramento, moldes e feitio. Ignacio Giacchese, espadeiro, fez toda a ferragem, e Antonio Molinari a caixa ou estojo proprio d'esta peça.

14. *Tres lampadas* de prata dourada, e suas correntes, com figuras, meninos e outros ornatos, sendo estas destinadas a servir nos dias festivos. Tinham de pezo 240 libras e custaram 10:767 escudos e 62 bajocos. Era trabalho do ourives Francesco Baislach e de Filippo Tofani, que tambem fez ornatos, cherubins e festões que se adaptaram ás ditas lampadas.

15. *Quatro lanternas* de prata dourada, que com as competentes hastes, tambem de prata, tinham 13 palmos de altura, destinadas para servirem em occasião do viatico. Tinham seis vidros cada uma, tres maiores e tres menores. Foram feitas por Francesco Smiti, e o seu custo foi de 4:711 escudos. Os estojos custaram 48 escudos, sendo as hastes das mesmas arrecadadas com as varas do paleo em outro estojo que custou 18 escudos.

16. *Machineta* de prata dourada, para collocar n'ella a custodia na exposição do Santissimo. Foi feita pelo ourives Antonio Arighi, sendo o seu custo 10:140 escudos, incluindo 5:000 do feitio.

17. *Purificador* de prata dourada, perfeitamente egual ao que ainda existe e se acha já descripto a pag. 32. Eram ambos feitos pelo ourives Antonio Gigli; servia um na communhão e o outro na missa do Natal.

18. *Quatro relicarios* de prata branca simillhantes aos de prata dourada. Obra do ourives Giuseppe Gagliardi. As reliquias contidas n'elles eram: um osso de S. Benedicto, outro de S. Celestino martyr; a cabeça de S. Clemente e a cabeça de S. Donato martyr. Custaram 8:522 escudos.

19. *Seis varas de paleo*, de prata lavrada e dourada, com 12 palmos de altura, feitas pelo ourives Francesco Smiti; pezavam 49 libras e 11 ½ onças, o seu custo foi de 1:347 escudos e 47 bajocos.

20. *Sacrario* de metal dourado, com baixos relevos e estatuas de prata e diversas pedras finas embutidas. Sobre a cupula tinha um globo de metal dourado, encimado por uma cruz do mesmo metal, com o centro de lapislazuli e cabeças de cherubins no encruzamento. Pertencia a este sacrario um degrau de diaspro guarnecido de tres ordens de ornatos de flôres de metal dourado. Eram tres as chaves destinadas a abril-o: uma de ouro com corrente do mesmo e borla de fio de ouro; outra de prata com corrente e borla da mesma, e a terceira de ferro dourado, com cordão e borla de ouro. Custou o feitio, prata, ouro, modelos, moldes, chavinhas, degrau e o trabalho de marceneiro no interior do sacrario, 22:086 escudos. Este sacrario foi feito pelo distincto ourives Antonio Arighi; o trabalho de marceneiro, por Lucino Cittadini e o de ferreiro, por Agostino Ancidoni.

VI

Os paramentos

Os artistas, que com tanta pericia lavraram e cinzelaram as notaveis peças que acabamos de descrever, não ficaram unicos em campo a gosar o seu triumpho. Outros, ainda que sob diversa fórma, vieram competir com elles e disputar-lhes a corôa de gloria.

As officinas, onde se teceram as ricas sedas e onde se recamaram de bordados as vestes sacerdotaes, não merecem menos encarecida menção que as officinas dos ourives.

Os paramentos da capella de S. João Baptista, pela qualidade primacial do tecido, pela riqueza do bordado, pela delicadeza do desenho, pela perfeição com que foram executados e pelo seu excellente estado de conservação, só encontram rivaes nos seus congeneres da basilica de Mafra, que são da mesma época e devidos á generosidade do mesmo doador. Estes, porém, destacam-se d'aquelles pela materia prima do bordado, tendo a seda e o retroz substituido o ouro. Sobre a sua valia relativa, se uns aos outros levam vantagem, é ponto difficil de resolver, porque entre ambos a admiração e a cusiosidade pairam indecisas.

O nosso paiz possue n'este genero de trabalho *specimens* de primeira ordem, com bordados a ouro em alto relevo, com quadros matizados de seda, e marchetados ainda com pedras preciosas, como por exemplo a capa abbacial que pertenceu ás monjas de Lorvão, um frontal da Sé de Braga, e muitos outros paramentos ainda, que figuraram na Exposição de Arte Orna-

mental. As vestimentas de S. Roque e de Mafra, representantes d'outra época, pódem todavia supportar airosamente o confronto com quaesquer outras.

Principiaremos por dar a relação dos paramentos e roupa branca, que foram encommendados para Roma e que constituem o riquissimo enxoval da capella:

«*Paramento* para missas solemnes todo bordado de ouro, em lhama branca, com a maior perfeição, riqueza, e do melhor gosto; que constará de peças seguintes:

Pluvial com sua estóla.

Casula com estóla e manipulo.

Dalmatica com estóla e manipulo.

Tunicella com manipulo.

Quatro *pendentes* para dalmatica e tunicella.

Bolsa de corporaes.

Véo de calix.

Trez *pannos de livros.*

Véo de hombros.

Almofada para o *missal.*

Panno de pulpito.

Outro *paramento* todo bordado em lhama carmezim da mesma fórma e riqueza; e que tenha as mesmas peças que o sobredito.

Para os ditos dois paramentos não se devem fazer frontaes, porque hão de servir com o *frontal de prata,* que se mandou fazer.

Para servir com os ditos paramentos se fará tambem o seguinte:

Seis *pluviaes* de lhama branca guarnecidos com bordado á imitação de galão de ouro.

Seis *pluviaes* de lhama carmesim guarnecidos na mesma forma que os ditos de lhama branca.

Paramentos para missas rezadas em dias solemnes, todos bordados de ouro sobre lhama.

Cinco *casulas* das cinco côres, a saber: branca, carmezim, verde, roxo e rosino, com suas:

Cinco *estólas.*

Cinco *manipulos.*

Cinco *bolsas de corporaes.*

Cinco *véos de calices.*
Cinco *almofadas para missal.*
Cinco *frontaes* postos nas grades.
Paramentos para quotidiano, meio bordados em seda; a saber: as casulas com os sebastos bordados, e uma guarnição tambem de bordado, á maneira de galão em roda, e esta mesma guarnição se fará nas estólas e manipulos, bolsas de corporaes, coxins para missal e frontaes; e constarão das peças seguintes:

Cinco *casulas* das cinco côres: branca, carmezim, verde, roxa e negra; com suas:
Cinco *estólas.*
Cinco *manipulos.*
Cinco *bolsas de corporaes.*
Cinco *véos de calices.*
Cinco *almofadas* ou *coxins* para missal.
Cinco *frontaes* póstos nas grades.

Livros para missas:
Trez *missaes* com differentes encadernações para a differença dos dias em que servirem, todos porém dos melhores, e excellentemente encadernados.
Livro de Evangelhos na mesma fórma; e outro de epistolas.

Paramentos pertencentes á capella.
Um *palleo branco* de seis varas, bordado de ouro; rico e de bom gosto.
Um *pavilhão* rico para o sacrario, de côr branca, todo bordado de ouro.
Outro *pavilhão* como o sobredito, de côr carmezim, todo bordado de ouro.
Dois *pavilhões* menos ricos para o dito sacrario; um de côr verde e outro de côr rosea, todos bordados.
Porteiras ou cortinas conforme parecer melhor em Roma, para as portas lateraes da capella; de côr branca, todas bordadas de ouro.
Outras *porteiras* ou cortinas para as mesmas portas, de côr carmezim, na fórma das sobreditas.

Dois sortimentos de *porteiras* ou cortinas ditas menos ricas, de côr verde e de côr roxa, todas bordadas.

Cinco sortimentos de *porteiras* ou cortinas ditas, de côr branca, carmezim, verde, roxa e negra, com uma guarnição bordada á imitação de galão largo.

Todas as ditas *porteiras* ou cortinas devem trazer cordões, para abrir e fechar.

Véos ou *cortinas* de côr roxa para cobrir o painel do altar e os dois paineis lateraes na Semana da Paixão; conforme as mais ricas e de melhor gosto que se usarem em Roma, já preparadas com cordões, etc., para se descobrirem os paineis no sabbado santo.

Para as *cruzes* do altar e processionaes, devem vir *bolsas* de côr roxa, na mesma fórma das mais ricas que houver em Roma, para se cobrirem na Semana da Paixão.

Uma *alcatifa* ou *tapete* para cobrir nos dias mais solemnes a *bradella* e os degráos do altar, e mais dois palmos do pavimento junto ao degráo; tecida de todas as côres com ouro; das mais ricas e de melhor gosto que seja possivel: e deve vir ajustada na bradella e degráos na fórma que se pratica em Roma, nas egrejas em que houver mais cuidado em fazer tudo com o maior acerto.

Duas outras *alcatifas* ou *tapetes* para servirem nos dias menos solemnes e nos ordinarios, para o que será uma inferior da outra; que cubram a bradella, degraos e pavimento na mesma fórma que a sobredita.

Banco para os padres da missa, com suas coberturas de *arraz* e de côres, e com seu tapete para os pés á imitação do mais rico e caprichoso que houver em Roma.

Cêpo em que se ponha a *cruz processional* na capella; e a *credencia*, tudo como o melhor que houver em Roma.

Roupa branca para as missas cantadas e rezadas, assim nos dias solemnes como nos ordinarios, regulando-se a sua bondade pela riqueza dos paramentos.

Seis *toalhas* para o altar.

Doze *toalhas* para guardas da do altar.

Seis *alvas* ricas para as missas cantadas.

Quatro *alvas* finas com renda larga para missas rezadas em dias solemnes.

Seis *alvas* com renda menos larga para missas rezadas em dias ordinarios.

Vinte e quatro *amitos* todos guarnecidos com rendinha para servirem com as ditas alvas.

Vinte e quatro *cordões;* seis d'estes com mais distincção.

Setenta e dois *sanguinhos* guarnecidos com rendinha.

Doze *palas* guarnecidas de rendinha.

Seis *palas* com rendas melhores.

Doze *corporaes* com suas guardas, guarnecidos de renda.

Seis *corporaes* com suas guardas, com rendas melhores.

Vinte e quatro *toalhinhas* para enxugar as mãos, guarnecidas de rendas.

Seis *toalhinhas* ditas, com melhores rendas.

Duas *toalhas* de communhão, guarnecidas de rendas.

Doze *toalhas* para o lavatorio da sacristia.

Pannos para limpar, sacudir, etc., de toda a casta, e em bastante quantidade; declarando os seus uzos, á imitação dos que se usarem em Roma; onde se tratar com mais aceio e cuidado dos paramentos e moveis da egreja.

Todos os sobreditos paramentos e roupas, virão com *capas*, e com todo o mais resguardo conveniente, accommodados em *caixões* ou *armarios* com gavetas, extremamente bem feitos, para se conservarem sempre nos mesmos, na casa que se destinar para estarem guardados; e além dos ditos caixões ou armarios que devem vir muito bem embrulhados com palhas e pannos, etc., terão por fóra caixas de madeira tôsca para os defender do estrago das conducções; e preservar o que vem dentro de agua, poeiras, etc., que arruinaria tudo se lhe chegasse.

Lisboa, 9 de Março de 1744.»

Os paramentos actualmente existentes são os seguintes:

Paramentos brancos

1. *Paramento branco riquissimo:* Foi bordado a ouro em lhama branca de prata por Giuliani Saturni. Actualmente consta de 51 peças.

O mesmo bordador fez um pavilhão de egual genero para o sacrario.

2. *Outro paramento menos rico*, tambem bordado a ouro sobre lhama branca, por Nicolo Bovi. Conta actualmente 6 peças.

3. *Paramento de anvers branco* (gorgorão?) bordado a seda côr de ouro, por Carlo ou Pietro Abondio. Custou 884 escudos. Consta hoje de 6 peças.

O mesmo Abondio bordou dois reposteiros eguaes aos paramentos.

Francesco Giuliani, vestimenteiro, fez o paramento branco bordado a seda.

Paramentos vermelhos

4. *Paramento riquissimo bordado a ouro sobre lhama carmesim*, por Girolamo Mariani, por cujo trabalho recebeu 5:496 escudos e 53 e meio bajocos. Em 4 de abril de 1746 recebeu o mesmo a ultima prestação de uma conta de 1:736 escudos por 248 palmos de diversos bordados a ouro sobre lhama carmesim, á rasão de 7 escudos o palmo. Este bordado foi applicado nas seguintes peças:

Uma casula com estóla e manipulo, 33 palmos;
Uma dalmatica com estóla e manipulo, 44;
Uma tunicella com estóla e manipulo, 44;
Um véo de hombros, 40;
Uma bolsa de corporaes, 1 ½;
Um véo de calice, 9;
Tres cobertas para os livros: missal, evangeliario e epistolario 7 ½;
Um pluvial, 77 ½.

Esta conta soffreu depois uma reducção de 8 ½ palmos, ficando em 248. No fim d'esta conta nomeia ainda, sem designar a medida, uma almofada para missal e um panno para pulpito, bordados por Mariani.

N'outra factura d'este bordador, datada de 11 de setembro de 1746, diz que recebeu 199 ½ escudos por conta de 206,50, importancia total de:

Tres cobertas de livros bordadas em lastro de ouro carmesim, tendo todas tres 22 ½ palmos quadrados, pagos á razão de 7 escudos, 157 ½;

Duas almofadas de egual trabalho com 7 palmos de bordado, 49 escudos.

5. *Paramento menos rico, bordado tambem a ouro sobre lhama carmesim*, por Filippo Salandri, o qual por este paramento e o de anvers roseo recebeu 3:589 escudos e 47 ½ bajocos.

Salandri bordou tambem a ouro, em lhama carmesim, dois reposteiros para as portas lateraes, seis pluviaes, uma casula com estóla, manipulo, véo de calice e bolsa de corporaes.

6. *Paramento de anvers carmesim, bordado a seda* por Giovanni Battista Salandri, composto das seguintes peças: Casula, estóla, manipulo, *collarino* (?), bolsa de corporaes e véo de calice. Todo o bordado d'estas peças sommava 28 palmos quadrados: mais dois reposteiros com 10 ½ palmos de altura e 7 ½ de largura e 53 palmos de bordado; uma almofada de missal com 4 ½ palmos de bordado nos dois lados; um frontal com 23 palmos quadrados. O bordado de todas estas peças, 108 ½ palmos quadrados, á razão de 4 ½ escudos por palmo, custou 486 escudos e 23 bajocos.

D'estes tres paramentos existem actualmente as seguintes peças:

28 do mais rico;
6 do immediato;
6 do bordado a retroz.

Paramento preto

7. *Paramento de anvers, preto*, bordado a seda por Nicolo Bovi. Custou 760 escudos e consta hoje de 6 peças. Foi feito pelo vestimenteiro Francesco Giuliani.

Paramento roseo

8. *Paramento de Anvers, roseo.* Foi bordado a ouro por Filippo Salandri, que recebeu por este trabalho, juntamente com o de bordar o paramento vermelho menos rico, 3:589 escudos e 47 ½ bajocos. Consta de 6 peças.

Nicolo Bovi bordou a ouro o frontal e o pavilhão roseo para o sacrario, pelo que recebeu 608 escudos e 37 bajocos.
O paramento foi feito pelo vestimenteiro Francesco Giuliani.

Paramentos roxos

9. *Paramento roxo bordado a ouro.* O paramento rico é bordado a ouro sobre lhama *pavonaça* por Cosimo Patrenostro. As peças existentes são nove.
No Livro 49 VIII-25 fol. 25 vem o paramento rico e as tres cortinas dos quadros bordadas por Giuliani Saturni, mas, analysando o que dizem os outros livros, Saturni apenas bordou (n'esta côr) uma das cortinas e as tres bolsas para as cruzes, encarregando a outros collegas de trabalhos, que, porventura, lhe foram incumbidos.
O paramento secundario é de anvers bordado a seda côr de ouro por Filippo Gabrielle, sendo o seu custo de 760 escudos e 40 bajocos. Consta de 6 peças. Foi feito pelo vestimenteiro Francesco Giuliani.

Paramentos verdes

10. *Paramento verde bordado a ouro.* O melhor é bordado a ouro sobre lhama verde por Filippo Gabrielle.
No Livro 49-VIII-25 fol. 2, diz que Giuliani Saturni bordou o referido paramento, porém ha toda a probabilidade que lhe fosse incumbido mas que o mandasse bordar por Gabrielle, como fez com outros trabalhos.

11. *Paramento bordado em anvers a seda côr de ouro*, trabalho de Benedetto Salandri. Um frontal e dois reposteiros pelo mesmo bordador.

Cortinas

12. *Panno ou cortina de cobrir o quadro do altar pela Semana Santa.* E' bordado a ouro em relevo sobre anvers pavonaço, representando os instrumentos da Paixão. Tem 16 palmos de alto por 9 de largo. Foi bordado por Filippo Gabrielle, sendo o seu custo de 1:323 escudos.

13. *Duas outras cortinas identicas para os quadros lateraes.* São egualmente bordadas sobre anvers, medindo, porém, cada uma d'ellas, 11 palmos de alto por 7 ½ de largo. O seu custo foi de 710 escudos. Giuliani Saturni bordou uma, e a outra Cosimo Patrenostro.

Capas das cruzes

14. *Tres bolsas ou capas de cobrir as cruzes* na Semana Santa, sendo duas mais ricas. Foram bordadas por Giuliani Saturni.

Pavilhões

15. *Duas peças de um pavilhão* bordado a ouro sobre lhama pavonaça, por Cosimo Patrenostro.

16. *Pavilhão bordado a ouro em lhama verde.* Vê-se que tres bordadores trabalharam n'esta peça, a saber:

Giacomo Puttini, que bordou metade e todo o capuz, pelo que recebeu 279 escudos e 50 bajocos; Filippo Gabrielle, que bordou uma parte e Appollonia Piscitelli outra parte.

VII

Roupa branca

Se as peças de prata dourada e as vestimentas fascinam os olhos não só pelo precioso da materia como pela riqueza do trabalho e vivacidade das côres, a rouparia, isto é, o conjuncto de peças brancas, com que o sacerdote primeiramente se paramenta e sobre as quaes assentam depois as sumptuosas vestes, não causa impressão menos agradavel pela magnificencia das rendas, com que estão ornadas e que fariam inveja ás damas mais elegantes, que bem as desejariam para seus enfeites, e as noivas mais fidalgas para o seu enxoval. E' realmente uma collecção de primeira ordem, de um extraordinario valor artistico e cujas reproducções photographicas os especialistas e os amadores não deixarão de adquirir, não só para ensinamento, como sendo dos mais bellos modelos, mas tambem como documentos inexcediveis para a historia d'esta industria.

Uma cousa nos penalisa, e é que, possuindo os dados sufficientes para saber quaes foram os artistas e artifices que concorreram para a elaboração de toda a obra, só n'este ponto sejam menos amplas e elucidativas as noticias que possuimos. O que se sabe de positivo é que foi a sr.ª Marianna Cenci a incumbida de toda a obra, tarefa que executou muito a contento, pelo que foi brindada com uma caixa de rapé (Scátola). Toda a importancia da encommenda, incluindo o custo da caixa, montou a 4:200 escudos.

As peças de rouparia enviadas de Roma por Marianna Cenci, estão em correspondencia exacta com a encommenda que lhe foi feita de Lisboa, julgando desnecessario reproduzir aqui a

competente lista, visto achar-se já feita a enumeração dos objectos no capitulo anterior.

Marianna Cenci parece ter tido por collaboradora uma tal marqueza de Rossi, pois encontramos o seu nome, conjugado com o d'aquella, no alto de uma nota ou conta de remessa. Não apparece em mais nenhuma outra parte, e por isso não podemos avaliar a importancia do papel que desempenhou n'esta commissão.

Nas contas de Marianna Cenci figuram os seguintes individuos:

Sebastiano Porena, *trinarolo*, recebendo por cordões e borlas de seda, etc.;

Suzana, inghles, recebendo pela execução de rendas de Inglaterra;

Madame Berganter, encrespadeira;

Suor Maria Colomba Leone, Maria Smeraldi e Anna Bruschini, costureiras.

Convém observar que o nome da sr.ª Censi não se póde precisar com toda a exactidão, por não apparecer subscrevendo nenhum documento, e, quando o citam, vem pelas seguintes formas: Maria Anna Cenci, Marianna Bolognette Cenci, Mariana Cenci.

N'um recibo assignado por Simone Gentili declara ter recebido do commendador Sampaio, por mão da Ill.ma Sr.ª Maria Anna Censi, em 14 de maio de 1745, o seguinte:

63 palmos de renda fina de Flandres, de um e meio palmo de largura para roquetes, a 27 escudos o palmo; 111 palmos de dita estreita, para guarnecer, a 35 bajocos o palmo, 38 escudos e 85 bajocos; 29 palmos de tela battista fina, a 27 $^1/_2$ bajocos o palmo, 7 escudos e 97 $^1/_2$ bajocos; 87 palmos de dita mediana, a 25 bajocos, 21 escudos e 75 bajocos; 87 de outra mais inferior, a 17 $^1/_2$ bajocos, 15 escudos 22 $^1/_2$ bajocos; 60 d'outra estreita, para guarnecer, a 35 bajocos o palmo, 21 escudos; 50 palmos de outra similhante, ao mesmo preço, 17 escudos e 50 bajocos; 84 palmos de renda fina de Flandres, de mais de 1 palmo de largo, a 20 $^1/_2$ escudos o palmo, 172 escudos e 20 bajocos; 31 palmos de outra battista, a 17 $^1/_2$ bajocos, 5 escudos e 42 $^1/_2$ bajocos. Somma 470 escudos e 2 $^1/_2$ bajocos.

N'um recibo assignado por Susanna Inghles, diz esta ter recebido do commendador Sampaio, por mão da Ill.ma Sr.a Marianna Bolognessi Cenci, a quantia de 602 escudos e 60 bajocos, importancia da conta que se segue:

69 palmos de ponto de Inglaterra (renda) a 1,20 (1 escudo e 20 bajocos); 79 palmos de dito, a 1,20 o palmo; 27 palmos de dito largo a 2,20 o palmo; 210 palmos de dito *pedino* a 35 bajocos o palmo; 43 palmos de renda de Flandres larga a 1,50 o palmo; 32 palmos de dita mais estreita, a 70 bajocos o palmo; 42 palmos de dita larga a 1,60; 50 palmos de dita estreita, a 45 bajocos; 39 $^2/_3$ palmos de dita larga a 1,50; 28 palmos de dita larga de *cordonetto*, a 80 bajocos; 56 palmos larga de *cordonetto*, a 60 bajocos: somma, 602 escudos e 60 bajocos. Este recibo é datado de 14 de julho de 1745.

Em outro de 16 do mesmo mez e anno, assignado por Giuseppe Girardi, vem a seguinte conta:

5 peças de cambraia battista de Flandres superfina, de 29 palmos por peça, a 50 bajocos o palmo, 72,50;

2 peças de dita, de 29 palmos, a 40 bajocos, 23,20;

3 ditas de dita superfina, a 50 bajocos o palmo, 43,50;

1 dita de dita de 29 palmos, a 50 bajocos, 14,50;

9 $^1/_2$ palmos de dita, a 50 bajocos, 4,75;

2 peças de dita ordinaria a 17 $^1/_2$ bajocos o palmo, 10,15;

10 cannas de tela de Hollanda superfina, 28 escudos.

Somma 196 escudos e 60 bajocos.

Pietro Perucca, em 24 de setembro de 1745, passou um recibo, declarando haver cobrado do commendar Sampaio, por mão da Ill.ma Sr.a Marianna Cenci, o seguinte:

16 cannas de *tela constanza* fina, á rasão de 1 escudo e 10 bajocos a canna, 17 escudos e 60 bajocos;

33 palmos de renda de Flandres fina, a 80 bajocos o palmo, 26 escudos e 40 bajocos;

1 peça de 40 cannas de tela *renzo* (cambraia) de Flandres, a 1 escudo e 80 bajocos a canna, 7 escudos e 20 bajocos; 1 peça de 69 palmos de renda, a 30 bajocos, 20 escudos e 70 bajocos; 3 cannas e 6 palmos de tela *renzo* de Flandres, a 1 escudo e 80 bajocos, 6 escudos e 75 bajocos; 24 cannas e 2 palmos de tela *constanza*, a 95 bajocos, 23 escudos e 3 $^1/_2$ bajocos. Ao todo 101 escudos e 68 $^1/_2$ bajocos.

O enxoval vindo de Roma conserva-se intacto ou quasi intacto, não tendo o tempo causado estragos apreciaveis. Em 1892 fez-se um inventario pelo qual se mostra que as peças existentes regulam pelas da primitiva encommenda. E' como segue:

Quatro alvas de cambraia com renda de Flandres de 0^m,06 de largo.
Uma dita com renda dita finissima, de 0^m,30 de largo.
Duas ditas de 0^m,34.
Tres ditas de 0^m,30.
Uma dita de 0^m,29.
Uma dita de 0^m,27.
Uma dita de 0^m,22.
Uma dita de 0^m,20.
Uma dita encrespada, com renda fina, de 0^m,30.
Duas ditas de 0^m,22.
Uma dita de bretanha com renda de 0^m,21.
Dois pares de punhos cobertos de renda.
Dezesete amitos de cambraia, guarnecidos de renda fina.
Uma toalha de altar, de cambraia de linho, guarnecida com uma renda fina de 0^m,24 de largo.
Uma dita guarnecida com renda fina de 0^m,12 de largo.
Sete ditas guarnecidas com renda de Flandres, de 0^m,04 de largo.
Dez ditas de linho fino, sem guarnições.
Seis ditas de esguião, lizas, para credencia.
Seis ditas de mãos, de linho, sendo quatro guarnecidas com rendas de 0^m,04 de largo.
Duas ditas sem renda, velhas.
Uma toalha de lavanda.
Duas ditas de forrar o altar.
Um roquete de linho sem guarnições.
Quatro sobrepellizes de linho fino com rendas finas de 0^m,23 de largo.
Quarenta corporaes de cambraia de uma só folha guarnecida de renda de Flandres.
Setenta sanguinhos de cambraia guarnecidos com renda de Flandres.
Onze fitas para amitos de seda branca com borlas da mesma.

Dez fitas de seda branca para amitos, com borlas de ouro.
Seis cingulos de seda branca, com duas borlas cada um.
Seis cingulos de linha branca, com duas borlas cada um.
Quatro pares de fitas com borlas de ouro, para alvas.
Tres ditas para os amitos.
Uma porção de rendas que parece ter sido guarnição de uma toalha.
Fragmentos de panno a que estão presas algumas rendas.

VIII

Tapeçaria

Por ordem de Lisboa, de 9 de março de 1744, foram encommendadas para Roma tres alcatifas graduadas para servirem na capella, cobrindo qualquer d'ellas o suppedaneo, degraus do altar e mais dois palmos de pavimento. A melhor, tecida a côres com ouro, das mais ricas e do melhor gosto que fôsse possivel: as duas outras, para servirem nos dias menos solemnes e nos ordinarios, para o que uma seria inferior á outra.

Egualmente encommendaram-se coberturas de arrás e de côres para o banco dos padres da missa e tapetes para os pés dos mesmos, junto ao banco.

No Livro 49-VIII-24 fol. 22 v. mandado a Lisboa em 1745, e em outro quasi egual, que na mesma data foi archivado na Computistaria em Roma, vê-se que a referida encommenda foi incumbida ao tapeceiro Antonio Gargaglia, do qual diz fazer ou estar fazendo o dito tapete com ouro e urdidura de seda, o mais rico e de melhor gosto possivel. Tinha este 300 palmos quadrados, que á razão de 10 escudos o palmo, importou em 3:000 escudos.

Referindo-se aos outros dois tapetes, diz que o melhor era tambem rico, mas sem ouro, do custo de 1:800 escudos (a 6 escudos o palmo) e o terceiro de 1:200 escudos, a 4 escudos.

Observa-se, porém, que na margem do livro 49-VIII-25 fol. 30, que corresponde á menção do primeiro tapete, diz em lettra differente: *Fatto e mandato a Lisbona.* Na correspondente ao segundo: *Non fatto* e o mesmo na correspondente ao terceiro.

D'aqui se infere que os dois ultimos se não fizeram e que o primeiro veiu para Lisboa, mas provavelmente teve outro destino, que não o da capella de S. João Baptista.

O tapete, que hoje ali existe, está assignado por *Agostino Speranza*. Para confirmação d'isto, achamos no livro 49-IX-36 fol. 88, que este artista recebera em 12 de junho de 1751 a ultima prestação por conta de 1:969 escudos e 40 bajocos, importancia de um *arazzo*, por elle feito, de fio de seda e ouro, com 24 palmos e 2 onças de comprimento por 14 ½ de largura, para a capella do Espirito Santo e S. João Baptista, etc.

No Livro 49-VIII-12 fol. 26 está um recibo com data de 20 de abril de 1750, assignado por Agostino Speranza e seus companheiros, cuja officina era então defronte do palacio do cardeal Orsini. Os companheiros eram: Mario Silvestri, Ferdinando Canziani, Michele Bastianelli, Filippo Fiorentini e Alessandro Zannetti. Biagio Chicchi, pintor, fez dois cartões a aguarella, que serviram de modelos para os dois tapetes mais ricos, recebendo 80 escudos pelo modelo do primeiro e 70 pelo do segundo.

Quando o tapete rico veiu encaixotado para Lisboa foi polvilhado com pimenta para o preservar do caruncho.

IX

Objectos meudos

A encommenda da capella real para Roma foi absolutamente completa, não se tomando sómente em consideração a parte artistica, mas ligando-se egual importancia a todos os objectos complementares, por mais insignificantes que fossem. Parece que o genio das bagatellas, competindo com o genio da ostentação, se comprazia em baixar ás infimas particularidades. Esta pormenorisação, levada a tal excesso, impressiona desagradavelmente, pois faz suppôr que Portugal estava desprovido de todos os recursos, sendo necessario mandar vir vassouras, lamparinas, almotolias, pavio, bilhas de barro, etc.

A titulo de méra curiosidade e para se ver até que ponto se foi minucioso, daremos aqui uma nota dos diversos utensilios, que acompanharam os outros objectos. Em 23 de julho de 1747 recebeu Emidio Buzzini 5 escudos e 50 bajocos pelos seguintes objectos, que fez ou vendeu:

1 escova dobrada de 30 palmos de comprido, 1 escudo e 60 bajocos; outra de 16 palmos, 1 escudo e 20 bajocos; outra de 12 palmos, 60 bajocos; 2 de 3 palmos, 60 bajocos; 2 de rabos de rapoza, 40 bajocos; 4 pinceis grossos a 20 bajocos, 80; 1 folle para soprar a poeira, 20 bajocos.

Em 1750 vieram 45 lamparinas de cristal para as lampadas de prata dourada; outras tantas para as de prata e metal dourado; 6 garrafas ou frascos de cristal para agua e para vinho em serviço na sacristia e ainda mais algumas miudezas. Custo total 25 escudos.

N'outra caixa vinha mais o seguinte:

4 bilhas de louça branca vidrada para ter agua na sacristia; 4 *vettine* de barro vidradas por dentro para o mesmo fim; 6 botijas de louça branca para ter o vinho na sacristia. Custo d'estas 14 peças, 8 escudos e 20 bajocos.

Mais insignificancias ainda, vindas em 1750:

2 *buzzichi* de folha para azeite com tesoura e espevitador. 3 escudos; 9 *sugarini* para lamparinas de cristal, 3 escudos; 1 novello de algodão para pavios, 9 escudos; 1 novello de pavios já feitos, 10 escudos; instrumento para fazer pavios, 8 escudos. Este instrumento foi feito por Simon Moretti.

Em 1752 recebeu Antonio Ravasi 991 escudos e 47 bajocos, de contas suas abertas desde abril de 1750, para caixas e contra-caixas destinadas a resguardar os diffrentes objectos, que vieram de Roma para Lisboa, tanto para a capella como para a Patriarchal.

X

Os livros

Quem com animo tão generoso se empenhou em mandar executar expressamente as alfaias da capella, não desdenhando ligar a sua attenção ás coisas mais insignificantes, não se esqueceria dos livros de canto e reza para os dias de festa e uso quotidiano. Foi o que succedeu, sendo licito todavia advertir desde já, que elles não correspondem condignamente á magnificencia geral, nem estão em harmonia perfeita com os demais objectos do thesouro. E' certo que elles são de uma bella execução typographica e artistica, que honra as officinas dos impressores pontificios, mas não são exemplares unicos, nem se recommendam por qualquer circumstancia acima do commum. As proprias encadernações nada teem tambem de singular. Não cobrem as suas pastas chapas metallicas, esmeradamente buriladas ou incrustadas de pedras preciosas, nem tão pouco são d'estes trabalhos de pelle, em delicado mosaico ou finamente dourados a ferrinhos, como os que fazem as delicias dos collecionadores da especialidade, e que sóbem a altos preços, quando apparecem á venda em hasta publica, ou nas mãos dos livreiros que negoceiam n'este ramo. O custo dos tres missaes—trinta escudos—bem demonstra a modicidade relativa da obra.

Em nosso humilde entender, haveria equivalencia entre a sumptuosidade das alfaias e os livros, se estes fossem de uso exclusivo da capella, elegantemente calligraphados em pergaminho, com primorosas illuminuras, á similhança dos *Commentarios á Biblia*, de Nicolau de Lyra, caprichosamente exe-

cutados por habeis artistas, em Florença, nos fins do seculo XV, para a côrte de Portugal. Esta obra, que se acha hoje depositada na Torre do Tombo, é mais vulgarmente conhecida pelo nome de *Biblia de Belem* ou *dos Jeronymos*, por ter sido doada por D. Manuel aos frades da ordem de S. Jeronymo no seu mosteiro do Restello, suburbios de Lisboa.

Feitos estes breves reparos, passaremos a dar a descripção dos cinco livros lithurgicos, usados na capella, quer nos dias communs, quer nos dias festivos:

1 e 2—*Missale Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum S. Pii V. Pontificis Maximi, jusso editum, Climentis VIII et Urbani VIII. Auctoritate recognitum in quo Missæ novissimæ Sanctorum accurante sunt dispositæ.*—Romœ Ex-Typographia Vaticana apud Jo: Mariam Henricum Salvioni Romanum MDCCXXXV, Superiorum permissu. Sumptibus Bernardini Gerardi Bibliopolœ in platea Pasquini. Vol. in-fol. de 536 pag., precedidas de 32 innumeradas, etc. A edição é nitida, em bom papel e illustrada com dez estampas proprias, de gravura em cobre, abertas a buril, pelos gravadores: *B. Thiboust, Pet. Valentinus, Carl. Grandi e Petr. Ant. de Petris;* por desenhos e pinturas de *Sebast. Conca, Carl. Lovanensis, Joseph Passarus* e *Aureliano Milani.* Esta descripção refere-se aos dois missaes, por serem da mesma edição, distinguindo-se apenas pela encadernação, comquanto a de ambos seja em marroquim encarnado. O mais ostentoso tem as pastas coalhadas de folhagens e filetes dourados e gravados com differentes ferros; occupando o centro um medalhão elliptico, com o baptismo de Christo pelo seu Precursor. O outro é mais modestamente ornado, com filetes nas pastas e no centro as armas reaes portuguezas. Nenhum d'elles tem brochas, cantos, ou qualquer outro ornato de metal; sendo as pastas de ambos douradas por seixas e forradas de papel adamascado de ouro. Nas contas que vieram de Roma vê-se que alli foram encommendados para a capella tres missaes da melhor edição e com differentes encadernações, graduadas pelos dias mais ou menos festivos em que deviam servir durante o anno. Com respeito ao seu custo achamos uma conta do editor-livreiro Bernardino Gerardi, em que este diz ter vendido e encadernado tres missaes, dourados e pintados por folhas,

e as capas de marroquim encarnado, cheias de lavores dourados, tudo pelo custo de 37 $1/2$ escudos, á rasão de 12 $1/2$ cada exemplar. Após isto, em recibo passado no mesmo papel, diz ter recebido apenas a somma total de 30 escudos; ficando portanto cada exemplar em 10 escudos. Não sabemos explicar esta divergencia, a não ser que o editor-livreiro fizesse abatimento na occasião de lhe ser satisfeita a conta. Parece-nos digno de notar que fosse tão relativamente diminuto o preço dos tres exemplares, quando é certo que elles são de uma bella execução typographica e encadernados com algum primor. Como se vê, um dos missaes desappareceu, existindo actualmente dois.

3.—*Evangelia totius anni tam in proprio de tempore quam in festis Sanctorum ex-prescripto Missalis Romani Sacri Concilii Tridentini. Decreto Restituti necnon Clementis VIII et Urbani VIII. Auctoritate Recogniti.*—Roma apud Joannem Mariam Salvioni Joachimum et Jo: Josephum Filios Typographos Pontificios Vaticanos MDCCXLVI.—Vol. in-fol. de 327—LXVIII pag., mais 8 preliminares innumeradas e 4 gravuras proprias estampadas a tinta vermelha, abertas pelos gravadores *J. Batt. Sintes, B. Thiboust* e *Maximilianus Limpach,* por desenhos de *Carl. Lovanensis, Joseph Passarus, Rosalba Maria Salvioni* e *Aureliano Milani.* A edição d'este Evangeliario e do Epistolario cuja descripção vae em seguida, foi feita a expensas d'el-rei D. João V, custando a impressão de ambos 1:618 $1/2$ escudos. As encadernações tanto de um como de outro são eguaes á do Missal que é mais esmeradamente encadernado.

4.—*Epistola totius anni, tam in proprio de tempore quam in festis Sanctorum, etc.* Tudo mais inteiramente identico ao que diz o frontispicio do Evangeliario. Consta de XII-300 e mais LXVIII pag. e 4 estampas, a tinta vermelha, tres das quaes são communs ao Evangeliario. A quarta, differente, no Epistolario é de Cyrus Ferrus, desenho de Jo: Batta Sintes, e no Evangeliario é de Thiboust.

Na Real Bibliotheca da Ajuda ha um exemplar do Epistolario com as estampas a tinta preta.

5—*Canon Missæ Pontificalis.*—Romœ apud Joannem Ma-

riam Salvioni Joachimum et Jo: Josephum Filios Typographos Pontificios Vaticanos. MDCCXLV. E' illustrado com 16 estampas de gravura em cobre, abertas por *Carl. Grandi*, *B. Thiboust*, *Pet. Valentinus*, *Jo: Batta Sintes*, *Maximilianus Limpach* e *Aloysus Gomier*, por desenhos e quadros de *Joseph Passarus*, *Iliac Brandi*, *Pet. Ant. de Petris*, *Pomarantius*, *Francsico Vieira*, *Rosalba Maria Salvioni*, *Aureliano Melani* e *Hannibal Carracchius*. A encadernação é perfeitamente identica á dos antecedentes.

XI

O modelo da capella

O modelo da capella de S. João Baptista foi executado pelo ebanista Giuseppe Palms, por 900 escudos. Giuseppe Focheti fez as pinturas por 350 escudos. Gennaro Nicoletti, pintou em cobre as tres miniaturas dos quadros por 350 escudos. Giuseppe Voyet, pintor, imitou os differentes marmores e figuras, pelo que recebeu 481 escudos e 50 bajocos.

As suas dimensões são as seguintes: 1^{m},30 de altura por 0,89 de largura ou frente e 0^{m},76 de profundidade; medidas tomadas pela parte externa.

Este modelo, que se guarda hoje no Museu Nacional de Bellas Artes, não se conserva exactamente no seu estado primitivo, pois foi restaurado ahi por 1879.

N'este anno, a 31 de março, Delfim Deodato Guedes (mais tarde conde de Almedina), vice-inspector da Academia de Bellas Artes, officiava ao Provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, pedindo-lhe que desse licença a Sebastião Ferreira d'Almeida para visitar a capella de S. João Baptista, afim de que podesse, em presença d'ella, restaurar com mais fidelidade e perfeição o modelo da mesma capella, trabalho de que estava incumbido.

Em 6 de novembro de 1879, officio identico, da mesma procedencia, pedia que fosse concedida egual permissão ao professor Silva Porto, para que este podesse restaurar os quadrinhos do modelo.

Damos em seguida, na integra, os dois officios, que constituem documentos interessantes para a historia do modelo:

Academia Real de Bellas Artes de Lisboa — Livro quarto — Numero duzentos e vinte e seis — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: — Tendo esta Academia mandado restaurar o modelo que possue da Capella de S. João Baptista, erecta na Egreja de S. Roque, e tornando-se necessario para o perfeito acabamento d'esta obra, que o artista incumbido do restauro, o Senhor Sebastião Ferreira d'Almeida possa confrontar o original, rogo a Vossa Excellencia o especial favor de conceder que o referido artista visite algumas vezes aquelle monumento, dignando-se Vossa Excellencia dar para o indicado fim, as ordens competentes. — Deus guarde a Vossa Excellencia. — Academia, trinta e um de março de mil oitocentos setenta e nove. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Rio Maior, Provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa. — *Delfim Deodato Guedes*, vice-inspector.

Academia Real de Bellas Artes de Lisboa. — Livro quarto. — Numero duzentos e oitenta e um. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: — Com referencia ao meu officio de trinta e um de março do corrente anno, vou novamente rogar a Vossa Excellencia o especial favor de conceder licença ao Senhor Antonio Carvalho Silva Porto, professor d'esta Academia, para visitar a capella de S. João Baptista, afim de poder restaurar os quadros do modelo da referida capella, que esta Academia possue. — Deus guarde a Vossa Excellencia. — Academia, seis de novembro de mil oitocentos e setenta e nove. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Rio Maior, Provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa. — *Delfim Deodato Guedes*, vice-inspector.

Da linguagem d'estes officios se deduz claramente que se tratava de restaurar os paineisinhos originaes vindos de Roma, que ainda então existiam, mas os factos, de que tivemos conhecimento, não estão de pleno accordo com as declarações d'esses officios. Pessoa fidedigna e de toda a confiança, o sr. Antonio José Nunes Junior, actual director da Escola e do Museu de Bellas Artes, affirmou-nos que elle pintára e não restaurára os dois quadrinhos lateraes, e que o mesmo succedera com Silva Porto, relativamente ao quadro do altar. Não sabemos explicar o motivo porque se tomou tal resolução, mas é de crer que os originaes estivessem muito deteriorados e que se julgasse preferivel pintal-os de novo a ter de os restaurar. Esta hypothese a acceitará o leitor se a julgar sensata, ou a substituirá por outra que entender mais plausivel. Em todo o caso, em nosso humilde parecer, cremos que teria sido mais conveniente conservarem-se as pinturas primitivas, para que ficassem servindo de ponto de comparação e de prova historica.

Como elemento curioso para a historia do modelo e como remate a este capitulo, vamos transcrever um trecho do tomo XI

do *Gabinete historico*, de frei Claudio da Conceição. Antes, porém, de o reproduzir, cumpre observar que o primeiro periodo está redigido um pouco obscuramente, de modo a fazer suppor que os quadrinhos do modelo seriam pintados por Massuci, quando foram realmente, como já dissemos, por Nicoletti. Eis agora o alludido trecho:

«Feito o modelo com tres paineis para servirem de originaes aos de Mosaico, pintados por Agostinho Massuci, pintor o mais famoso, que então havia em Roma, foi enviado a Portugal. Este modelo, do qual muito se agradou El-Rei, foi entregue ao seu Architecto da obra de Mafra João Frederico Ludovici, o qual estando possuindo José Frederico Ludovice, Escrivão da Camara do Desembargo do Paço, que falleceu na sua Quinta de Bemfica a 19 de Maio de 1825, o vendeu a João Baptista Verde, que presentemente o possue.»

XII

Lista dos artistas e artifices que collaboraram na obra da capella

Foram numerosos os artistas e artifices que trabalharam mais ou menos intensamente, mais ou menos directamente na obra da capella e suas dependencias. Formulamos uma lista de 130 nomes, que damos por ordem alphabetica, divididos pelas seguintes classes:

a) Architectos — 3.
b) Canteiros — 4.
c) Pedreiros — 3.
d) Esculptores — 9.
e) Pintores — 6.
f) Mosaicistas — 20.
g) Metallistas — 8.
h) Serralheiros e ferreiros — 5.
i) Ourives — 27.
j) Latoeiros — 3.
k) Dourador — 1.
l) Bordadores — 12.
m) Tapeceiros — 8.
n) Sirgueiros — Vestimenteiros — 2.
o) Marceneiros, embutidores, entalhadores — 6.
p) Fornecedores de materiaes — 3.
q) Machinista-engenheiro — 1.
r) Rouparia branca — 1.

s) Diversos artifices e empregos (espadeiros, estojeiros, encadernador, escoveiro, enfardador e picheleiro) 8.

E' bem de vêr, admittida já a divisão de artistas e artifices, que nem todos, tanto d'um como d'outro grupo, exerceram papel identico, devendo collocar-se um grande numero em posição subalterna.

a) Architectos

1 — *Ludovice (João Frederico).* — Allemão. Estava trabalhando em Roma, quando os jesuitas, nos ultimos annos do seculo XVII, o contrataram, como metallista e ourives, para vir trabalhar em Portugal no sacrario da egreja de Santo Antão de Lisboa. Em 30 de agosto de 1701, já se achava no nosso paiz, e aqui permaneceu o resto da vida, deixando familia, de que ainda ha descendentes. Gosou de grande consideração e foi muito estimado, tanto no tempo de D. João V como no de D. José. Falleceu em 18 de janeiro de 1752, sendo enterrado na egreja da Encarnação. A elle se devem o risco do vastissimo palacio-convento de Mafra e o da capella-mór da Sé de Evora, além de outras obras. Foi muitas vezes consultado, sendo seguido o seu voto, sobre a construcção da capella de S. João Baptista. São d'elle as *instrucções* que se enviaram a Roma sobre esta materia.

2 — *Salvi (Nicola).* — Nasceu em Roma em 1699. Recebeu uma educação esmerada, adquirindo conhecimentos de philosophia, mathematica e alguns de medicina e anatomia, sendo até membro de todas as Academias poeticas de Roma. A sua maior inclinação foi comtudo para a architectura, recebendo as lições de Canevari e quando este foi chamado a Portugal por D. João V, Salvi ficou encarregado de todos os trabalhos que o seu mestre dirigia em Roma. Salvi restaurou o Baptisterio de S. Paulo extramuros; fez o altar de Santo Eustachio, mas a obra, que lhe alcançou mais renome, não obstante todos os seus defeitos, foi a fonte de Trevi, em Roma. Nos ultimos annos da existencia soffreu ataques de paralysia, que o impossibilitaram de trabalhar, até que falleceu em 1751.

3 — *Vanvitelli (Luighi).* — Foi um dos mais celebres archi-

tectos do seu tempo e auctor do maior monumento do seu seculo. Nasceu em Napoles em 1700. Filho de Gaspar Van-Vitelli, natural de Utrecht e pintor de muita reputação. Aos seis annos já Luigi desenhava do natural e tal desenvolvimento teve a sua propensão nativa, que aos 20 annos o cardeal Aquaviva o encarregava da pintura a fresco da capella das reliquias em Santa Cecilia e a oleo o quadro da mesma Santa. Esta e outras obras do mesmo genero lhe deram logar subido entre os pintores do seu tempo; entretanto era pela architectura que tinha maior predilecção, estudando-a com Ivara, a quem em breve excedeu, e tanto que o cardeal São Clemente não hesitou em o mandar a Urbino para restaurar o palacio Albani, sendo ahi mesmo encarregado de construir as egrejas S. Francisco e S. Domingos. Aos 26 annos foi nomeado architecto da basilica de S. Pedro, onde dirigiu a collocação dos grandes mosaicos que ornam suas capellas, tendo antes d'isso de transportar para copias, em dimensões apropriadas, os originaes de differentes tamanhos, sendo muitas d'essas copias de mosaico feitas pelo proprio Vanvitelli. Trabalhou associado com Nicola Salvi no encanamento das aguas para a fonte de Trevi. Nas memorias escriptas de sua mão, que se conservam na Academia de S. Lucas, diz elle que concorrera voluntariamente, com muitos outros, ao projecto da grande fachada de S. João de Latrão. De 22 dezenhos que foram expostos a julgamento dos academicos, os projectos de Vanvitelli e de N. Salvi foram os preferidos, embora o Papa adjudicasse a obra a Galilei, confiando, porém, a Salvi a fonte de Trevi e a Vanvitelli os trabalhos de Ancona. Este ultimo tinha apresentado dois dezenhos da sobredita fachada; um com uma ordem de columnas e o outro com duas. Vanvitelli foi, pois, a Ancona, onde edificou um magnifico Lazareto, construindo e restaurando outros muitos edificios da mesma cidade. Em Roma fez muitos e varios trabalhos mas a sua maior empreza foi o convento de Santo Agostinho, edificio dos mais consideraveis d'aquella cidade. Realisou tambem a celebre operação dos circulos de ferro na cupula de S. Pedro para evitar a continuação das fendas, que se lhe manifestáram no principio do seculo passado. Chegou a tanto a sua reputação que Carlos III, de Napoles, depois rei de Hespanha, querendo construir em Caserta um palacio, que em grandeza e magnifi-

cencia fosse superior a todos os outros dos soberanos da Europa, o encarregou a elle de similhante empreza, de que se desempenhou o mais satisfactoriamente possivel.

Vanvitelli morreu em Caserta em 1773, deixando seis filhos. Era de um caracter honesto, docil e franco. Escreveu e publicou algumas obras.

b) Canteiros

4 — *Milani (Gregorio).*—Veiu de Roma a Lisboa contratado para assentar a capella em S. Roque, com a clausula de ganhar 45 escudos mensaes, sendo 35 pagos em Lisboa e 10 em Roma.

5 — *Mirabelli (Andrea).*—Servente de canteiro. Veiu de Roma a Lisboa para o assentamento da capella. Ganhava por mez 25 escudos, sendo-lhe pagos 19 em Lisboa e 6 em Roma.

6 — *Rotolone (Pietro Paolo).* — Fez todos os trabalhos de cantaria da capella, dos quaes démos noticia á proporção que os fomos descrevendo.

7 — *Tedeschi (Cicilia).*— Era a dona da grande officina de canteiro, de que era mestre e gerente o artista anterior. Em 15 de junho de 1750 recebeu a ultima prestação de uma conta relativa á capella, na importancia de 60:713 escudos.

c) Pedreiros

8—*Bossi (Gio: Carlo).*—Foi o mestre pedreiro, que trabalhou em toda a construcção da capella em Roma, desde 1742 até 11 de maio de 1747, pelo que recebeu 4:833 escudos e 67 bajocos, sendo a ultima prestação paga em 19 de junho de 1750.

9 — *Carabelli (Francesco).*—Veiu a Lisboa para assentar a capella, ganhando 45 escudos mensaes, dos quaes recebeu 25 em Lisboa e 20 em Roma.

10—*Petrini (Matteo).*— Nas mesmas condições do anterior.

Servente do dito pedreiro, pelo que recebeu em Lisboa 25 escudos por mez.

d) Esculptores

11 — *Corradini (Padre Antonio).* — Fez os dois anjos de marmore de Carrara, que ladeiam as armas reaes, que estão sobre o arco exterior da capella, e 3 cabeças de cherubins das que estão nos caixotões da abobada.

12 — *Corsini (Agostino).* — Fez o modelo de baixo-relevo representando a apocalypse para o frontal de prata do altar; dois meninos de marmore em relevo, duas cabeças de cherubins, de marmore, recebendo por todo este trabalho 870 escudos. No Livro 49-IX-34 fol. 20, vem com o nome de Antonio, mas no 49-VIII-16 fol. 207, a assignatura original é Agostino.

13 — *Estache (Pietro de L').* — Fez dois grupos de cherubins de marmore de Carrara, que encimam as duas molduras de porfido dos quadros lateraes e quatro cabeças de cherubins para os caixotões da abobada.

14 — *Giovannini (Domenico).* — Fez as armas reaes portuguezas, que estão sobre o arco na parte exterior da capella, e os festões de marmore que correm aos lados dos dois baixos relevos que estão na abobada.

15. — *Giusti (Alessandro).* — Veiu para Lisboa com os artistas e serventes destinados a erigir a capella de S. João Baptista. Vencia a mensalidade de 45 escudos. Ficou depois em Portugal, onde residiu longos annos até á sua morte. Em Mafra dirigiu os trabalhos de esculptura dos retabulos das capellas, formando ali escola.

Depois de uma longa e laboriosa existencia, Giusti perdeu a vista. D. José não esqueceu os serviços que elle havia prestado á arte portugueza e mandou-o a França, officialmente rerecommendado, a buscar allivio, se fosse possivel, aos seus padecimentos.

Da sua chegada a Paris dá conta o nosso embaixador, em data de 17 de maio de 1773, nos seguintes termos:

«Ante-hontem, 15 do corrente, chegou a esta casa o Escultor Justi com o seu cunhado e por elle receby o officio de V. Ex.ª, de 13 de abril, pelo qual fico inteirado das ordens de El-Rey Nosso Senhor, que executei exactamente. Na semana seguinte terei a honra de participar a V. Ex.ª o que dizem os oculistas sobre a sua queixa: mas não obstante a habilidade d'elles, ouço fallar de poucos milagres d'esta natureza. Tambem aqui chegou Daniel Gildemeester ha quatro dias e ámanhã continua a sua jornada para esse Reyno. Cada hora lhe custa uma impaciencia.»

A 21 de maio, realisava-se a conferencia dos especialistas. Tres dias depois narrava D. Vicente de Sousa Coutinho o que se tinha passado. Diz elle:

«Sexta feira, 21 do corrente, vieram examinar os olhos do Estatuario, quatro dos melhores oculistas d'esta cidade e todos concordarão em que a queixa não tinha remedio, como consta da certidão inclusa. Julgarão que os nervos opticos estavão paralyticos e que a operação seria inutil e perigosissima.

N'estes termos tornará para esse Reyno no primeiro navio que sahir do Havre. Elle ouviu com muita conformidade a triste sentença dos taes cirurgiões, e assim me ficou o pezar de que se não restabeleça, como El-Rey Nosso Senhor desejava, movido da sua grande piedade. Tanto uns como outros propozérão alguas precauções para evitar o damno eminente. Tambem os Doutores Sanches e Joseph Alvarez lhe indicarão o methodo que devia observar, que leva por escripto.»

A certidão alludida não se perdeu, embora se tenha conservado até hoje inedita. Publicamol-a como um documento para a vida de Giusti e um testimunho, ainda que ligeiro, do estado da medicina ocular n'aquella época. Eis o attestado:

«Le Conseil Soussigné n'est pas d'avis que m. Just (sic) se laisse operer aucun des deux yeux, parce que l'operation seroit inutile, attendu que l'organe immediat de la vue est paralysé, tant du côté droit que du côté gauche. Mais comme il est sujeit à engourdissements aux extremités du côté droit, le même Conseil propose de faire un cautère au bras gauche et l'usage des eaux thermales purgatives, quatre fois l'année, et continuées pendant neuf jours chaque fois, dans l'intention de prevenir quelque coup de sang, qui ne manquerois pas de causer quelque paralysie au côté droit, accident dont le malade paroit menacé.»

O attestado é assignado por Louis, L. Demours, Grandjean, Grandjean Junior.

Giusti pouco se demorou em Paris. Em 30 de maio participava o nosso embaixador:

«O Estatuario Alexandre Justi parte ámanhan para o Havre de Grau e seo Cunhado me passou o recibo incluso das vinte e sinco moedas que lhe entreguei por ordem de V. Ex.ª»

O recibo é passado n'estes termos:

«Recebi do Ill.mo e Ex.mo Senhor Dom Vicente de Sousa Coutinho, Embayxador de Sua Magestade Fidelissima n'esta Corte, a quantia de vinte e cinco moedas de quatro mil e oitocentos réis, em dinheiro de França setecentas e cinquoenta Livras tornezas; e assignei este recibo por meu cunhado Alexandre Justi.—Paris 29 de Mayo de 1773—*Ignacio Pecorario.*»

Antes de vir para Lisboa esculpiu em Roma um grupo de nuvens e quatro cherubins em marmore de Carrara, que está na abobada da capella, de onde pende a cadeia do lampadario, pelo que recebeu 210 escudos; duas cabeças (isoladas) de cherubins, de marmore, das que estão nos caixotões da abobada. Esculpiu mais em buxo, reduzidos a ponto pequeno, os dois baixos relevos da abobada para se collocarem no modelosinho da capella em madeira.

16.—*Ludovici* (*Bernardino*).—Fez os seguintes trabalhos: baixo relevo de marmore de Carrara, que está na abobada ao lado da Epistola, representando a prégação de S. João Baptista no deserto; dois meninos que amparam lateralmente o baixo-relevo; um grupo de cherubins que está sobre a moldura do baixo-relevo; 7 cabeças de cherubins para os caixotões da abobada.

17—*Maine* (*Gio*: *Batta*).—Fez o modelo da imagem de Christo para a cruz pertencente á banqueta de castiçaes de prata dourada, que fizeram Angelo Spinazi e outros.

18—*Marchionni* (*Carlo*).—Fez o baixo-relevo de marmore de Carrara que está na abobada ao lado do Evangelho, representando a visita de Nossa Senhora a Santa Isabel.

19—*Verschaffelt* (*Pietro*).—Fez dois anjos de marmore de Carrara, que estão sobre a cimalha do frontispicio do retabulo da capella; grupo de cherubins que guarnece o pé da cruz de metal que está entre os mesmos anjos. Deu o risco para o lam-

padario de cobre dourado cinzelado pelos latoeiros José e Antonio Ricciani.

e) Pintores

20—*Chicchi* (*Biagio*).—Pintou a aguarella dois cartões para serem imitados nos dois tapetes que servem no suppedaneo do altar, sendo um para os dias festivos e outro para uso quotidiano.

21—*Fochett* (*Giuseppe*).—Pintou o modelo da capella por 350 escudos.

22—*Giaquinto* (*Corrado*).—Fez o quadro representando a vinda do Espirito Santo, que existe hoje no Museu das Janellas Verdes, pelo qual recebeu 450 escudos.

23—*Massucci* (*Agostino*).—Auctor da pintura dos tres quadros da capella, trasladados a mosaico por Mattia Moretti e seus companheiros.

Nasceu em Roma em 1691, fallecendo em 1758. Foi o ultimo discipulo de Carlo Maratti. Pintou especialmente *Sagradas Familias* e assumptos da Virgem. A sua obra mais consideravel é o *S. Boaventura* em Urbino.

24—*Nicoletti* (*Gennaro*).—Fez as tres miniaturas em cobre imitando os quadros de mosaico para o pequeno modelo da capella.

25—*Stern* (*Ignazio*).—Pintou, em cartão por 400 escudos, os festões que foram imitados em mosaico no pavimento da capella.

Nasceu em 1698 e morreu em 1746.

f) Mosaicistas

26—*Albertini* (*Tommaso*).—Servente de mosaicista. Trabalhou no mosaico do pavimento.

27—*Bussoni* (*Domenico*).—Por escriptura publica, feita em

Roma a 23 de junho de 1752, foi contratado para vir immediatamente a Lisboa, afim de assentar dois quadros de mosaico na capella, o do *Baptismo de Christo* e o da *Vinda do Espirito Santo*, que vieram por esta occasião, subministrando-se-lhe para isso os serventes e apparelhos necessarios. Comprometttia-se egualmente a reparar qualquer fractura que tivesse havido no quadro da *Annunciação* e no pavimento. Este trabalho foi ajustado por 700 escudos romanos, de 10 julios cada um, além das despezas da viagem maritima, incluindo a volta. O contrato era valido por dez mezes, e se durante este praso não ultimasse a tarefa, ser-lhe-iam pagos os mezes sobreexcedentes á rasão de 70 escudos. Partiu de Roma no dia 20 ou 21 de julho de 1752. Bussoni foi companheiro de Enuo, com quem trabalhou no pavimento da capella.

28 — *Cardoni* (*Pietro*).— Trabalhou com Enuo no pavimento da capella.

29 — *Cocchi* (*Alessandro*).— Idem.

30 — *Davini* (*Gio: Batta*).— Servente de mosaicista. Idem. Tambem trabalhou com Mattia Moretti no mosaico dos quadros.

31 — *Enuo* (*Enrigo* ou *Henrico*).— Dirigiu e executou o trabalho em mosaico do pavimento, no qual foi auxiliado pelos seguintes companheiros: Bussoni, Cocchi, Cardoni, Fattori, Gossoni, Onofrij, Ottoviani, Palate, e os serventes Davini, Maglia, Marini Parassini, Piccerilli. Simonetti, Valle e Albertini.

32 — *Fattori* (*Liborio*).— Companheiro de Enuo. Trabalhou no pavimento.

33 — *Garassini* (*Giuseppe*).— Servente. Idem.

34 — *Gossoni* (*Domenico*).— Idem, idem.

35 — *Maglia* (*Antonio*).— Trabalhou com Enuo no pavimento da capella.

36 — *Marini* (*Gio: Maria*). — Servente, trabalhou no pavimento da capella.

37 — *Mattioli* (*Alesio*). — Fabricou esmaltes para o mosaico da capella, 1744-1746.

38 — *Moretti* (*Mattia*). — Pintor mosaicista. Dirigiu e metteu a mosaico meudo e polido os tres quadros da capella.

39 — *Onofrij* (*Nicola*). — Companheiro de Enuo no trabalho do pavimento.

40 — *Ottaviani* (*Giuseppe*). — Idem.

41 — *Palate* (*Guillelmo*). — Idem.

42 — *Piccirilli* (*Filippo*). — Idem, idem. Tambem trabalhou com Moretti no mosaico dos quadros.

43 — *Simonetti* (*Giuseppe*). — Servente. Trabalhou no mosaico do pavimento.

44 — *Valerij* (*Filippo*). — Administrador da fabrica de mosaico de S. Pedro, a quem se pagaram algumas contas, que dispendeu com os mosaicos para os quadros, serventes, etc.

45 — *Valle* (*Lorenzo*). — Servente que trabalhou no pavimento.

g) Metallistas

46 — *Anibaldi* (*Francesco*). — Fez a ornamentação de metal dourado, que guarnece as molduras de porfido dos dois quadros lateraes.

47 — *Fazij* (*Giacomo*). — Veiu a Lisboa contratado para collocação da capella, ganhando 45 escudos mensaes.

48 — *Giardoni* (*Francesco*). — Metallista-fundidor. Fez os capiteis de metal dourado das columnas com 2 $1/4$ palmos de altura

cada um; base das mesmas e das pilastras com 1 $^{1}/_{6}$; estrias do mesmo metal para segurar as faxas de lapis-lazuli das columnas; ornatos das duas portas lateraes; ornatos da cornija geral, da base e cimalha do pedestal ou stylobato.

49 — *Guerrini (Francesco)*.—Fez, executando-os depois, os modelos de todas as peças de metal, que guarnecem a balaustrada, incluindo as duas cancellinhas.

50 —*Mascelli (Pietro)*.—Fez dois festões que estão nos dois meios arcos da abobada da capella e molduras dos mesmos meios arcos.

51 —*Rosa (Francesco*.—Fez: ornatos de metal para o friso da architrave; moldura e festões de metal para o nicho do retabulo; molduras e florões dos caixotões da abobada do nicho; quatorze florões e quatro meios florões para os caixotões da abobada da capella e as molduras dos mesmos; as duas molduras ovaes dos baixos-relevos da abobada.

52 — *Scifone (Felice)*.—Fez o docel de chapa de cobre dourado para a capella, pelo que recebeu 7:143 escudos, conta approvada pelos dois architectos. Existe parte.

53 — *Valle (Agostino)*.—Fez a cruz radiante de metal dourado que está sobre a cimalha do frontispicio do retabulo por 3:000 escudos e por 755 escudos, a moldura de metal dourado, que encosta aos frontaes bordados.

h) Serralheiros e Ferreiros

54 —*Ancidoni (Agostino)*.—Fez as ferragens para o sacrario; para o lampadario de metal dourado e para tres dos trinta castiçaes da exposição.

55 —*Ascenzij (Giovanni)*.—Fez os parafusos e mais ferragens necessarias para segurar as peças de metal que Francesco Giardoni fez nas columnas e pilastras da capella.

56 —*Moretti (Mattia)*.—Fez pregos grandes e pequenos para

os caixões, parafusos para as molduras douradas, os aros das portas lateraes e da balaustrada da capella.

57 — *Moretti* (*Simone*). — Fez os cortes para os instrumentos de cortar hostias e o instrumento para fazer pavios. Não existem.

58 — *Pachellini* (*Pietro Paolo*), serralheiro. — Fez muitas e varias ferragens, fechaduras, chaves, lemes, parafusos, etc., para a capella, seus moveis e caixas de conducção para Lisboa. Por estes trabalhos, incluindo alguns que não foram para a capella, desde maio de 1743 até egual mez de 1747, recebeu a quantia de 3:415 escudos e 72 $^{1}/_{2}$ bajocos.

i) Ourives

59 — *Alessandris* (*Paolo de*). — Fez seis dos trinta castiçaes para a exposição, que não existem.

60 — *Arighi* (*Antonio*). — Fez:

Ornatos de metal dourado para o altar e degraus do mesmo;

Ornatos para o degrau da banqueta;

Moldura do quadro grande;

Armas reaes e cifra do nome do rei;

Ornatos do sacrario, que não existem;

Maquineta de prata e metal dourado para a exposição do Santissimo, que não existe;

Seis castiçaes de metal dourado e lapis-lazuli com sua cruz propria;

Frontal de prata, metal dourado e lapis-lazuli para dias festivos.

61 — *Baislach* ou *Baislak* (*Francesco*). — Fez as tres lampadas de prata dourada com as competentes correntes para servirem nos dias solemnes. Tinham de pezo 240 libras e custaram 10:760 escudos e 62 bajocos. Não existem.

62 — *Belli* (*Vincenzo*). — Fez o jarro e bacia de prata dourada; duas galhetas com seu pratinho, tudo de prata dourada. Não existem estas ultimas.

63—*Bertetti (Pietro).*—Fez seis castiçaes de prata dourada para a exposição, que não existem.

64—*Bononi (Bartolomeo).*—Fez duas caixinhas de prata para resguardar os sellos nas authenticas dos oito relicarios. Existe uma.

65—*Caporali (Lorenzo de).*—Fez um calice de ouro com copa e patena do mesmo metal. Não existe. Fez tambem dois corta-hostias de cobre dourado com sua moldurinha em roda e dois mais pequenos. Custaram os quatro 17 escudos. Fez os ralos de metal para os dois confessionarios e os modelos dos ornatos em cobre para os dois armarios da sacristia, modelos que elle tambem executou, pelo que recebeu 5:166 escudos.

66—*Carosi (Gio: Battista).*—Fez quatro dos trinta castiçaes da exposição do Sacramento, que não existem.

67—*Doria (Silvestro).*—Fez as cancellas de metal dourado das duas portas lateraes; ornatos das duas archivoltas da abobada e as molduras dos espelhos dos intercolumnios.

68—*Gagliardi (Giuseppe):*—Fez os dois grandes tocheiros de prata. Morreu em abril de 1749 e d'ahi em deante figura nas contas a viuva Constanza Fattore & Filhos.

69—*Gigli (Antonio).*—Fez as seguintes peças de prata dourada:

Dois apagadores; um calice com patena para o uso quotidiano; uma campainha; duas galhetas com o respectivo pratinho; dois purificadores com pratinho, um para servir nas communhões e outro na missa do Natal; outro purificador grande, dourado em partes, para servir na communhão do povo; um thuribulo e naveta com colherinha. Dos apagadores só existe um; o mesmo succede com respeito aos purificadores.

Como atraz observámos (pag. 33), o thuribulo e a naveta não teem a marca d'este auctor mas sim L. G., o que leva á supposição de que elle désse a fazer estas peças a outro artista.

70 — *Grassi* (*Gaetano*). — Ourives e metallista. Foi um dos artistas que vieram a Lisboa contratados para o assentamento da capella, pelo que ganhava 45 escudos mensaes.

71 — *Guarnieri* (*Carlo*). — Fez quatro relicarios de prata dourada, tendo cada um quatro palmos de altura.

72 — *Maglie* (*Simone*). — Fez as lampadas de metal dourado com ornatos de prata sobrepostos.

73 — *Piroli* (*Matteo*). — Fez duas galhetas de ouro com pratinho; quatro ditas com os seus dois pratinhos de prata dourada; metaes dourados para guarnição dos armarios da sacristia; guarnição de metal dourado para o pé de uma cruz processional feito de jaldo antigo. Nada d'isto existe.

74 — *Pozzi* (*Lorenzo*). — Fez seis castiçaes de prata dourada para os trinta da exposição, que não existem.

75 — *Princivalli* (*Francesco*). — Fez uma pixide com tampa de ouro de 24 quilates Não existe. Fez tambem quatro castiçaes de prata para os trinta da exposição.

76 — *Puliti* (*Tomasso*). — Fez uma custodia de ouro que não existe. Puliti e seu companheiro Francesco Salci fizeram quatro dos seis castiçaes de prata dourada por incumbencia de Angelo Spinazzi, a quem foi encommendada a banqueta para servir nos dias festivos. Os quatro referidos castiçaes foram os dois maiores e os dois menores da banqueta.

77 — *Salci* (*Francesco*). — Veja-se o artigo anterior.

78 — *Sanini* (*Gio: Felice*). — Fez o modelo dos trinta castiçaes para a Exposição do Santissimo.

79 — *Smiti* (*Francesco*). — Fez as seguintes peças de prata dourada: quatro lanternas, um lampadario, uma cruz processional, uma caixa com os vasos dos santos oleos, uma com reliquias, depositadas no altar sagrado, outra para hostias, dois

atiçadores ou apagadores, seis varas para o pallio. O peso e custo geral de todos estas peças, que desappareceram, á excepção da caixa das reliquias, foi: prata cerca de 420 libras por 5:282 escudos; ouro e despeza de dourar, 1:740; modelos, cera, etc., 325; feitio 346; total 10:812 escudos.

80 — *Smitti* (*Gaetano*).— Fez ornatos de arabesco dos dois arcos da abobada da capella.

81 — *Spinazzi (Angelo)*.—Fez uma banqueta de seis castiçaes de prata dourada com sua competente cruz. Outros ourives collaboraram n'esta obra.

82 — *Tantardino (Carlo)*.—Fez quatro dos trinta castiçaes para a Exposição do Santissimo.

83 — *Tofani* (*Filippo*).—Fez seraphins, volutas, castellos e festões para adaptar nas tres lampadas de prata dourada feitas por Francesco Baislach.

84 — *Vaccari* (*Pietro*).—Fez um pratinho de prata dourada com duas galhetas de cristal guarnecidas tambem de prata dourada. Não existem.

85 — *Vendetti* (*Antonio*).—Fez uma muda de sacras de prata dourada por 3:515 escudos e 17 bajocos. Outra de metal dourado por 1:208 escudos e 20 bajocos.

j) Latoeiros

86 — *Kaiser* (*Gio: Paolo*) —Fez os festões do primeiro arco da abobada da capella e moldura que o guarnece; festões do sofito da architrave no vão dos quadros e dos intercolumnios; estrias que ligam o mosaico do pavimento.

87 — *Ricciani* (*Angelo* e *Giuseppe*).— Fizeram em 1744 o lampadario de metal dourado para as tres lampadas de serviço quotidiano, que importou em 2:778 escudos. Em 1750 fez

Angelo Ricciani um concerto e accrescentamento no referido lampadario, que ficára defeituoso, devido ao primeiro medelo.

88 — *Ricciani* (*Giuseppe*). — Forrou de latão os varões, argolas e mais ferragens dos reposteiros das portas lateraes; fez ornatos no pedestal da cruz processional, que não existe.

k) Dourador

89 — *Lori* (*Pietro*). — Dourou as duas grandes molduras de madeira para os quadros lateraes (modelos em tela) feitos um por Agostino Massucci, e o outro por Conrado Giaquinto.

l) Bordadores

90 — *Abbondio* (*Carlo* ou *Pietro*). — Bordou um paramento de anvers, branco, a seda côr de ouro, e dois reposteiros eguaes ao paramento.

91 — *Bovi* (*Nicolo*). — Bordou a ouro um paramento de lhama branca; frontal roxo bordado a ouro; pavilhão roxo completo para o sacrario; paramento de anvers preto bordado a seda.

92 — *Gabrielle* (*Filippo*). — Bordou a ouro um paramento de lhama verde; metade d'um pavilhão da mesma côr; a ouro, sobre anvers pavonaço, o panno que cobre o quadro grande pela Semana Santa; a seda o paramento de anvers pavonaço e um paramento verde tambem a seda.

93 — *Mariani* (*Girolamo*). — Bordou o riquissimo paramento carmesim.

94 — *Patrenostro* (*Cosimo*). — Bordou o paramento rico pavonaço e uma das cortinas pavonaças dos dois quadros lateraes.

95 — *Piscitelli* (*Appolonia*). — Bordadora. Bordou a ouro sobre lhama verde metade d'um pavilhão do Sacrario.

96 — *Puttini* (*Giacomo*). — Bordou a ouro em lhama verde a

outra metade do pavilhão, de que anteriormente se falla, e o competente capuz. Não existe.

97 — *Salandri* (*Benedetto*).—Bordou a seda côr de ouro um paramento verde; um frontal e dois reposteiros.

98 — *Salandri* (*Carlo*).—Fez tres borlas de ouro e seda para as tres lampadas de prata e metal dourado.

99 — *Salandri* (*Filippo*).—Bordou o paramento menos rico a ouro sobre lhama carmesim e o paramento de anvers rosco a ouro.

100— *Salandri* (*Giovanni Battista*).—Bordou a seda o paramento de anvers carmesim, que consta de diversas peças: dois reposteiros de egual bordado; uma almofada de missal e um frontal de identico trabalho.

101 — *Saturni* (*Giuliano*).— Bordou o riquissimo paramento branco; um pavilhão de sacrario da mesma côr e riqueza, que não existe; tres bolsas pavonaças de vestir as cruzes na Semana Santa, uma das quaes menos rica e cortina rica para cobrir um dos quadros lateraes na Semana Santa.

m) Tapeceiros

102 —*Bastianelli* (*Michele*).—Trabalhou com Speranza no tapete rico para a capella.

103 — *Canziani* (*Ferdinando*).—Idem.

104 —*Ferloni* (*Pietro*).—Fez o panno de arrás muito rico para cobrir o banco dos celebrantes na missa cantada; tapete rico e caprichoso para os pés dos ditos celebrantes no mesmo acto. Custaram ambos 767 escudos e 50 bajocos. Não existem. Ha todavia uma nota n'um dos livros das correspondencias e contas que diz á margem da verba do tapete—*non fatto*.

105 — *Fiorentini* (*Filippo*). — Trabalhou com Speranza no tapete rico para a capella.

106 — *Gargaglia* (*Antonio*). — Foi incumbido de fazer tres tapetes com destino á capella; o primeiro, riquissimo, para os dias solemnes, custou 3:000 escudos; o segundo para os dias festivos, custou 1:800 escudos; e o terceiro, para uso quotidiano, custou 1:200. D'estes tapetes nenhum é o que existe na capella, nem mesmo o mais rico, porque no livro 49-VIII-25 fol. 30 onde diz o mesmo que no anterior 49-VIII-24 na margem traz as seguintes notas — em frente do 1.º: *fatto e mandato a Lisbona;* em frente do 2.º e do 3.º: *non fatto.* Logo, o primeiro não é o que existe, até mesmo porque o actual está assignado por Agostino Speranza.

107 — *Silvestri* (*Mario*). — Trabalhou com Speranza no tapete rico para a capella.

108 — *Speranza* (*Agostino*). — Fez o tapete rico de estambre, seda e ouro, que ainda existe, assignado com o seu nome. N'este trabalho teve por companheiros Mario Silvestre, Ferdinando Canziani, Michele Bastianelli, Filippo Fiorentini, Alessandro Zannetti.

109 — *Zannetti* (*Alessandro*). — Trabalhou com Speranza no tapete rico da capella.

n) Sirgueiros e Vestimenteiros

110 — *Cavo* (*Gasparo*). — Sirgueiro. — Fez cordões, franjas, borlas e outros trabalhos e aviamentos para os paramentos e seus bordados.

111 — *Giuliani* (*Francesco*). — Vestimenteiro — Fez o paramento roxo bordado a ouro; o branco e o preto bordados a seda.

o) Marceneiros, embutidores e entalhadores

112—*Cittadini* (*Lucino*).—Fez o estrado do suppedaneo do altar marchetado de marfim e varias madeiras preciosas; o esqueleto do docel para revestir de metal dourado, o qual não existe; armarios para arrecadar a prata e alfaias, que não existem.

113—*Casolio* (*Carlo*).—Entalhador.—Fez as peças interiores de madeira polida em que estão as reliquias nos quatro relicarios de prata dourada, sendo o seu custo 24 escudos.

114—*Manaccione* (*Giacomo*).—Fez os modelos de madeira em ponto grande que eram necessarios aos metallistas para por elles poderem modelar os trabalhos em metal. Modelos em madeira para os arcos da capella.

115—*Palmini* (*Gio*).—Fez os dois confessionarios de raiz de nogueira com guarnições de metal dourado, que estão encostados á teia da capella. Anteriormente tinham sido feitos outros dois pelo marceneiro Giuseppe Palms, os quaes foram reprovados. Custaram os actuaes 132 escudos e 65 bajocos.

116—*Palms* (*Giuseppe*).—Fez o sacrario de nogueira e outras madeiras em que foram engastadas varias pedras e metaes, por 50 escudos. Não existe. Modelo pequeno da capella; modelo para a balaustrada.

117—*Ravasi* (*Antonio*).—Fez caixas e contra-caixas para resguardo das differentes peças que vieram de Roma, tanto para a capella de S. João Baptista como para a Patriarchal.

p) Fornecedores de materiaes, Marmores e Esmaltes

118—*Campi* (*Paolo*).—Vendeu as pedras para as esculpturas que fizeram Corradini, Corsini, Estache e Verchaffelt.

119—*Ravasi* (*Marc' Antonio*).—Fez uma viagem a Liorne, Genova e Florença para obter provisão de esmaltes ou mineraes para fabricar os que serviram nos quadros e pavimento.

120—*Angelis* (*Gio: Pietro de*).—Forneceu o gesso que o canteiro e os mosaicistas empregaram no trabalho da capella.

q) Machinista-engenheiro

121—*Corsini* (*Giovanni*).—Machinista-engenheiro da reverenda fabrica de S. Pedro de Roma. Por escriptura publica celebrada n'aquella cidade em 30 de junho de 1752, foi contractado para vir a Lisboa collocar os dois quadros de mosaico *Baptismo de Christo* e *Vinda do Espirito Santo*. A escriptura era redigida nos mesmos termos e condições da que fez para o mesmo fim o mosaicista Domenico Bussoni, differençando-se apenas em vir Corsini contractado por 600 escudos, e os mezes que excedessem os vinte serem-lhe pagos a 60 escudos. A partida de Roma foi logo em seguida ao dia 20 de julho do referido anno. N'este mesmo anno recebeu em janeiro o engenheiro Gio: Corsini e companheiro Sampitrini, por arriar dos cavalletes as partes do quadro grande de mosaico e transportal-as da officina para a porta grande, de onde embarcaram, 6 escudos.

r) Rouparia branca

122—*Cenci* (*Marianna*).—Encarregada da roupa branca para a capella, cujo custo foi de 4:200 escudos, incluindo n'esta conta uma caixa de ouro para rapé, no custo de 140 escudos, que lhe foi offerecida em signal de agradecimento pela boa direcção e trabalho que teve. No logar competente vão designadas as pessoas, que foram suas collaboradoras, não se podendo todavia designar o trabalho especial de cada uma d'ellas.

s) Diversos artifices e empregados

ESPADEIROS

123—*Conestri* (*Agostino*).—Fez as ferragens para as portinhas da balaustrada feitas pelo metallista Francesco Guerrini; fez e dourou parafusos e outras peças de segurança para o quadro grande de mosaico e ferragens para as cancellas das portas lateraes, feitas por Silvestro Doria.

124 — *Giacchesi* (*Ignazio*).—Dourou varias ferragens para os armarios da sacristia da capella, na importancia de 15 escudos e 90 bajocos, conta já reduzida e paga em o primeiro de outubro de 1750.

ESTOJEIROS

125 — *Molinari* (*Antonio*).—Fez 18 estojos para as seguintes peças: 7 para os 30 castiçaes da Exposição do Santissimo; 1 para o lampadario de metal dourado; 3 para outras tantas lampadas de cobre e prata; 1 para as galhetas e correspondente pratinho de prata dourada; 1 para a pixide de ouro; 4 para os quatro relicarios de prata. Custaram todos 320 escudos e 54 bajocos.

126 — *Salviucci* (*Francesco*).—Fez quatro estojos para os quatro relicarios feitos pelo ourives Carlo Guarnieri, pelo que recebeu 108 escudos.

ENCADERNADOR

127 — *Gerardi* (*Bernardino*).—Encadernou ou mandou encadernar, com differentes encadernações, tres Missaes, o Livro dos Evangelhos e o das Epistolas para a capella.

ESCOVEIRO

128 — *Buzzini* (*Emidio*).—Em 23 de julho de 1747 recebeu 5 escudos e 40 bajocos pelos seguintes objectos: uma escova dobrada de 30 palmos de comprido; uma dita de 16 palmos; uma de 12 palmos; duas de 3 palmos; duas de rabos de raposa; quatro pinceis grossos e um folle para soprar a poeira.

ENFARDADOR

129 — *Anselmi* (*Giuseppe*).—Enfardou varias peças da capella para se transportarem a Lisboa, sendo uma d'ellas o quadro lateral da *Descida do Espirito Santo*, em mosaico.

PICHELEIRO

130 — *Bassetti* (*Pietro*).—Estanhou barras e outras peças de ferro e tambem vendeu algumas porções de chumbo para obras da capella (1746).

ADDENDA ET CORRIGENDA

NOTAS E DOCUMENTOS

A capella de S. João Baptista e o seu thesouro, no seu conjuncto e nas suas particularidades, foi tudo obra, como vimos, de artistas e artifices italianos. Deve-se todavia advertir que as *instrucções* enviadas a Roma sobre o assumpto eram tão minuciosas, que não pequena parcella de gloria e de responsabilidade cabe a quem as redigiu e inspirou. Dir-se-hia que se delineava e miniaturava com a palavra escripta. Foi extensa a correspondencia que se travou entre Lisboa e Roma, analysando-se e debatendo-se, por vezes com vivacidade, alguns interessantes problemas, a par de outras questões de somenos importancia. Os documentos, que em seguida vamos publicar, são a demonstração mais evidente da these que emittimos. Era o padre Carbone, jesuita italiano, quem superintendia em Lisboa na direcção suprema d'este negocio, mas não lhe faltava o conselho dos entendidos e até dos curiosos. Nada se decidia, em presença dos riscos enviados de Roma, sem primeiro se ter ponderado com a maxima cautela é discernimento. Por detraz do padre Carbone projecta-se a figura do afamado Ludovice, que discute acaloradamente com os seus collegas romanos. E' interessante e instructiva a polemica, por nos mostrar os conhecimentos que havia de uma e outra parte, dando-nos além d'isso uma ideia geral do estado da architectura e do saber dos architectos e artistas d'aquella época.

Outra parte não menos curiosa da correspondencia é a que se refere ás relações entre o padre Carbone e o nosso agente diplomatico em Roma, o commendador Sampaio. N'essas cartas ficou de algum modo estampada a photographia moral d'este ultimo, que nem sempre parece ter merecido a confiança do seu interlocutor.

Abstendo-nos de mais largas considerações, por as julgarmos superfluas, deixemos falar os documentos, que terão mais eloquencia que as nossas palavras.

I

Ordem que foi de Lisboa em carta de 26 de Outubro de 1742, para se fazer em Roma o desenho para a Capella de S. João em S. Roque

Para se ornar uma capella dedicada ao Espirito Santo e a S. João Baptista, que está na Egreja de S. Roque, da casa professa dos Padres da Companhia d'esta Côrte, quer S. Magestade se faça logo um desenho pelo melhor architecto, que presentemente se acha em Roma e para que o faça ajustado pelo sitio, que occupa a dita Capella, se remette a sua planta, alçado exterior do emboco com toda a parede até á cimalha da Egreja, outro alçado interior, e o espacato que mostra o seu lado, a serventia, e tribuna que está sobre a mesma Capella.

A forma do ornato d'esta Capella toda se deixa na disposição da caprichosa idéa do architecto, porque cómo se pretende seja das mais ricas e de melhor gosto, fica na liberdade do mesmo architecto usar de toda a casta de marmores mais raros e vistosos, assim dos antigos como dos modernos e egualmente de ornamentos de bronze doirados, de sorte que na dita Capella resplandeça primorosamente o precioso da materia com a bizarria da arte; e isto não só deve ser no retabolo e lados da Capella, mas tambem no tecto, entrada, balaustrada, pavimento e degraus da mesma Capella, tendo amplo arbitrio de ornar tudo o mais nobremente e do melhor gosto que lhe fôr possivel.

Para que possa formar a sua idéa, sujeita logo no principio a algumas circumstancias, que S. Magestade manda attender na referida Capella, se fazem as advertencias seguintes:

No retabolo haverá um painel, que represente o baptismo de Christo Nosso Senhor, no qual, além do Senhor, Espirito Santo e S. João Baptista, esteja a Virgem Senhora Nossa; e para que se faça com propriedade a composição d'este painel se devem consultar alguns sujeitos doutos, que tenham genio e curiosidade em semelhantes composições, para que digam a fórma com que poderá expressar-se melhor.

Em cada lado, por cima da porta, tambem se fará um painel; de uma parte representará a Annunciação do Verbo Divino, e da outra a Vinda do

Espirito Santo sobre os Apostolos no Cenaculo. Determinadas as medidas dos ditos tres paineis pelo architecto, e ajustada a forma de se representar o do altar, se entregarão ao Sr. Agostinho Massucci, para que faça os desenhos dos mesmos paineis, os mais primorosos que possam esperar-se do seu vasto engenho, os quaes se mandarão, com os desenhos da dita Capella, para S. Magestade os vêr e determinar se por elles deverá pintar os paineis ou os padrões, para por elles se fazerem de mosaico.

As sobreditas portas dos lados não se podem mudar do logar em que estão, respeitando as mais Capellas que estão em linha recta com esta, que S. Magestade quer mandar ornar.

Para as medidas do altar, banqueta, bradella e degraus, se buscará o mestre de ceremonias mais curioso e inclinado especialmente á melhor postura dos altares e a proporcional-os com o tamanho das Capellas, e a distribuir-lhes a sua banqueta, bradella e degraus, de sorte que façam bom commodo para o uso, e parecer o altar magestoso; sempre porém sujeito ás medidas que determina S. Carlos Borromeu nas suas Attas Mediolanenses e na fórma que se ajustar virá desenhado em papel á parte, com explicação das rasões porque assim se ajustou.

Tambem se adverte que, como haverá occasiões em que na dita Capella se ponha um sacrario, e sobre elle se exponha o Santissimo Sacramento, será conveniente que o architecto, a quem se encarregar o desenho da dita Capella, tenha no sentido o modo de accommodar o dito sacrario, e faça ao mesmo tempo o risco assim do sacrario, como da machineta, que se ha de armar sobre elle, e das banquetas, e mais ornatos pertencentes á idéa da referida exposição. E como bem se conhece que em um ou dois desenhos não se póde expressar tudo, de sorte que fique bem perceptivel, poderá fazer-se o numero d'elles, que se julgar necessario para mostrar tudo miudamente, não só de claro-escuro, mas pintando as côres dos marmores e bronzes dourados o mais proprio que fôr possivel, distribuidos do melhor gosto, para que, satisfazendo-se o de S. Magestade, faça encarregar ao architecto da execução da obra da dita Capella n'essa côrte, e de a fazer conduzir para esta com a maior cautela e segurança, acompanhada por officiaes capazes, que a ponham no logar para que se manda fazer.

No alçado exterior da Capella vae riscada a balaustrada, que n'ella existe, a qual nem serve para se ver a fórma nem a medida, mas sómente para mostrar que a ha e da mesma sorte nas Capellas que se lhe seguem.

Mandam-se tambem designados nos seus justos tamanhos a imposta, bazamento e degrau da Capella, para que em tudo tenha o architecto clareza do estado em que se acha a Capella. *(R. B. A.—49—VIII—27—pag. 1).*

II

Rol das peças da ideia da capella de S. João Baptista e do Espirito Santo na Egreja de S. Roque, de que se faz menção na resposta ás reflexões que vieram de Roma, remettido em carta de 7 de Julho de 1743

Toda a altura da Capella, do pavimento até por cima da imposta, são palmos	30	e	4 $1/2$	onças
Repartem-se da fórma seguinte:				
Os dois degraus debaixo da bradella a 8 onças cada um	1	»	4	»
A bradella			8	»
Altura do altar	4	»	10	»
Banqueta, de altura			11	»
Comprimento da columna	18	»	4 $1/2$	»
Altura da cimalha real, comprehendida a architrave, friso e cornija, sem a gula direita	4	»	3	»
Faz os sobreditos	30	»	4 $1/2$	»

A grossura da columna, na parte inferior são palmos	2
Intercolunio do retabolo, 6 diametros que são	12
Largura do painel do retabolo, palm	9 $1/2$
Altura do mesmo até o ponto que rompe a architrave e frizo	16 $1/2$
Largura de cada um dos paineis lateraes	8 $1/2$
Altura de cada um dos ditos do ponto da porta de baixo	12 $3/4$
Intercolunio nos ditos paineis lateraes 6 diametros, que são	12

O retabolo se forma de quatro columnas resaltadas umas das outras, com seu frontispicio.

Tambem em cada lado ha frontispicio para maior ornamento e magestade do painel.

No logar d'estes frontispicios lateraes se formam lunetas na abobada para caberem meninos sobre cada um d'elles.

Na abobada tem archivoltas com o mesmo relevo das columnas e pilares tudo a prumo do pé direito.

III

Advertencias para o Architecto, em carta de Lisboa de 6 de Fevereiro de 1743

Como a Capella dedicada ao Espirito Santo e a S. João Baptista, na Egreja de S. Roque, se quer feita com toda a magnificencia possivel, ainda que os riscos que vieram de Roma são de bom gosto, e mostram grande pratica no riscar, comtudo achou-se-lhe que notar o seguinte:

Que a um edificio, ou peça semelhante, se devem dar todas as partes que requer uma ordem real de architectura, de que é composta, e como no risco da dita Capella falta uma parte principal da sua cimalha, qual é o friso, fica a dita Capella defraudada d'elle, do que procedeu, além de outras desordens, não se lhe poder fazer retabolo com frontispicio em forma que ficasse airoso e completo com todas as partes principaes da cimalha real, que são: cornija, architrave e friso, por lhe faltar este.

Ainda que ha exemplos de se fazerem, e haverem feito cornijas architravadas sem frizo, não podem ter logar, nem se praticam na parte principal de todo o edificio, mas sim em arcadas de porticos, corredores, escadas, e logares subterraneos, onde não ha altura, ou se trata de limitar a despeza, ou quando se quer dar esta parte ás outras, não sendo na parte principal do edificio, como é esta Capella, que deve ser considerada edificio real e todo sobre si, como o exemplo das celebres Capellas de Cibo al Popolo, e de S. Carlino alle quatro fontane, que tem columnas, architrave, frizo e cornija inteiramente; ainda que no retabolo não faça frontespicio, e sómente sirva a cimalha de imposta, para sobre ella voltar o archivolto, e o claro, que fica em toda a sua largura e altura, serve para um grande painel com sua moldura ao redor.

O retabolo, que os ditos riscos mostram, se não tivera o altar deante, não se lhe poderia chamar retabolo, nem tal lembraria, vendo-se uma abertura no fim com ar livre, e seria muito improprio, usando de tão grande numero de columnas, disformar aquella parte, que deve representar toda a substancia e compostura da obra, limitando-lhe o campo das pinturas de tão celebre auctor, assim com a extravagancia do sitio, e logar da propria pintura, como de a reduzir á figura escassa de um ovado, com que ainda assim cobre muita parte de duas columnas; e ainda que haja exemplos de paineis de retabolos ovados, não os ha em edificios grandes e sérios, mas em Capellinhas como Santo Izidoro e S. Lourenço em Lucina, etc., mas sem encobrir pilar e muito menos columnas de grande preço.

Como as portas, que atravessam a dita Capella, devem estar á linea com

as das mais Capellas, que lhe estão aos lados, dando-se-lhe nova disposição, e não podendo caír assim, pódem fazer-se duas portas, uma junto á outra, deixando aberta a que estiver no seu devido logar, e a outra fingida; mas sem frontispicio, bastando-lhe a sua cimalha mais limitada na altura para accrescentar a parte que se lhe limitar na altura do painel como se vê ala Madona de Victoria na Capella de Santa Thereza, a qual tambem serve para exemplo do acima referido, e alargando tambem o sitio para o painel, pondo um só pilar por aleta, fazendo logo columna do outro pilar, e ajustando a porta com duas, como está dito, se não podér ajustar-se bem com uma só. A porta fingida será tapada com marmore, que imite côr de nogueira, e repartida com suas almofadas ou requadros como se fosse verdadeira porta, com suas ferragens e argolas de bom gosto de bronze dourado, como ha uma porta movel na Capella de Monlione ala Madona de Monte Santo.

As armas reaes no pavimento são muito indecentes, porque nas cinco quinas d'ellas se significam as cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo; o logar decente e proprio é o meio do arco do emboco, com advertencia que não se use do manto real, e que em logar dos genios estejam anjos acompanhando as ditas armas reaes, assim para ficar mais airoso, como para occupar menos logar do vão da janella que está immediatamente sobre o arco, a qual é muito necessaria para dar luz á Egreja e Capellas defronte, e no pavimento, em logar das ditas armas, se porá a esphera, etc.

O altar deve encostar-se á parede, por ser de Capella menor, dos quaes não trata S. Carlos, quando determina que sejam despegados da parede posterior, pelo que se adverte que nem pelo pensamento passe occupar com a balaustrada coisa alguma do corpo da Egreja, na qual (sendo grande) nos dias santos não cabe todo o povo que a ella concorre.

As columnas de lapis-lazuli se veem com 24 canaes, o que não póde mostrar grandeza, e por este respeito, no altar de Santo Ignacio, ainda que as columnas teem mais de 3 palmos e $^1/_4$ de diametro, se lhe fizeram sómente 18 canaes, e vendo-se depois que este numero não admittia divisão de quartos com partes inteiras e que se desencontravam dos 24 canaes que teem os capiteis, disfarçaram esta irregularidade, usando de folhas tortas nos capiteis; porém fazendo-se em cada columna 16 canaes ou planos, se consegue mostrar grandeza, e se evita a referida irregularidade, porque no dito numero 16 não só se acha divisão de quartos com partes inteiras respectiva ao abaco e volutas, mas tambem de oitavos respectiva aos meios das frentes dos capiteis, nos quaes se usará de folhas direitas e de duas ordens.

O tecto, por se achar grosseiro e carregado, e não soffrer pedraria pelas paredes divisorias entre Capella e Capella serem delgadas, se poderá ornar de outro modo com ornatos engraçados e ligeiros, que se façam de madeira de bórdo, e se assentem em varias peças segurando-as com ferros na abobada, que tem de tijolo e dourando-se depois.

O emboco do arco da banda do corpo da Egreja escusa capitel com cimalha, que tenha friso, architrave e cornija, pelo que dentro na Capella o primeiro resalto, ou seja pilar, ou columna, terá toda a cimalha, e a sua gula direita andará por cima da cimalha da imposta da Capella pela parte de fóra, e converterão os membros d'esta imposta nos que lhe parecerem convenientes para a sua cornija.

O Altar d'esta Capella, já fica dito, deve encostar á parede posterior d'ella,

porém, como não se falou da sua medida e fórma, aqui se prescreve, por evitar as cousas que n'elle desagradaram, e se consideraram menos proprias. A altura do altar em 4 palmos e 10 onças, e o seu comprimento em 10 palmos, deve conservar-se; toda a sua largura (como esse altar ha de accrescentar-se para a parte anterior, quando houver exposições do Santissimo Sacramento) terá 4 palmos e $^1/_2$, dos quaes ficarão livres para o altar 3 palmos e $^1/_4$ e para a banqueta 1 palmo e $^1/_4$, a altura da banqueta por nenhum modo excederá 1 palmo, nem ha necessidade de ser mais alta, porque absolutamente se reprova tenha sacrario no meio, em que se houvesse de recolher o Santissimo Sacramento, como mostram os riscos; antes, querendo o Architecto que egual ao basamento das columnas, poderá diminuir-lhe do dito palmo até uma onça pouco mais ou menos; o comprimento da banqueta póde ser 14 palmos, como vem riscado, e a parte que excede ao comprimento do altar ou estará sobre pedestal, na fórma do risco, ou sobre misolas, pois de qualquer d'estes modos ha exemplos. Tambem se conservará a altura da bradella e dos degráos em 8 onças, e o plano d'estes, assim na frente como nos lados, em 1 palmo e 10 onças, porém a largura da bradella serão 4 palmos e o seu comprimento excederá ao do altar em cada lado 3 até 4 onças, as quaes continuarão acompanhando ambos os lados do altar com a mesma molduragem e lavor que tiverem na frente.

A forma do altar será a do pedestal da ordem real da Capella, a que ha de ficar encostado, com seus requadros no fusto; no requadro do meio da frente terá uma cruz de relevo, á imitação do altar da Confissão de S. Pedro, etc. A mesa do mesmo altar será de uma pedra inteira assim no comprimento como na largura, bem solida e compacta, sem o minimo lezim, ou seja do mesmo marmore que fôr a cimazia dos pedestaes ou do de massa de Carrara e a sua grossura será a da mesma cimazia, a forma da banqueta, e o seu ornato será o mais nobre e de melhor gosto e capricho a que o architecto podér chegar.

A bradella será de marmores á imitação das dos altares do Santo Ignacio, e de S. Luiz Gonzaga, o seu plano terá um rebaixo, o qual, para evitar o frio dos pés ao celebrante, se encherá com um estrado encaixilhado de madeiras de varias côres distribuidas em forma, e com tal artificio, que fique vistoso e de bom gosto; advertindo que nada seja empelichado, nem grudado, porque com a intemperança do ar d'este paiz são quasi de nenhuma duração as madeiras empelichadas e grudadas, e para evitar esse defeito se armará tudo em boa grossura com encaixes e travessas a rabo de minhoto, com cavilhas e prégos, etc., de sorte porém que este estrado mettido no dito rebaixo fique no mesmo plano da guarnição de pedra que ha de ter a bradella, assim na frente e ilhargas como na parte que toca o altar; e n'esta parte, em tanta distancia do pé anterior do altar quanta é a grossura da grade de madeira, que deve acompanhar o mesmo altar e a da grade do seu frontal terá uma moldura pelo comprimento d'este (da qual falla S. Carlos para defender o pé do frontal) de bronze, ornada e dourada, que esteja fixa na dita parte.

Nos degraus usará o architecto do ornato a seu capricho, conservando as medidas acima prescriptas.

A disposição da machineta desagradou totalmente, assim por não estar armada sobre pedestal ou basamento que acompanhasse os seus agetos, como por não ter mais sacrario para recolher o Santissimo Sacramento que

o do meio da banqueta, que acima fica prohibido, pelo que se formará um sacrario que seja pela parte exterior de uma boa ordem de architectura, delicado, nobre e precioso, assim de alabastros como de metaes dourados, etc., com alguns baixos relevos, em que se representem os mysterios que S. Carlos determina, e por dentro forrado com taboas, e mais guarnições, sem grudes, nem collas conforme as disposições do mesmo Santo; tendo-se grande cuidado em que seja pouco pesado e armado com a maior segurança para se transportar facilmente e sem perigo para a Capella, quando se houver de usar d'elle. Sobre o corpo d'este sacrario, que, como se disse, será de uma boa ordem de architectura, haverá a sua cupula de obra correspondente a todo o ornato do sacrario; esta cupula será levadiça afim de servir quando se usar do sacrario, sem haver exposição, e de se tirar, quando a houver.

Para as funcções de exposição se fará uma machineta de 4 columnas e sua cobertura em forma de cupula ou de baldachino, como parecer mais grave, decente e nobre, que assente sobre a cimalha do corpo do sacrario, para ennobrecer e cobrir o logar da custodia ou ostensorio. As medidas do sacrario e da machineta devem proporcionar-se pelo tamanho da Capella e do proprio altar; assim para não parecer mesquinho, como por evitar a censura de que come ou entupe toda a Capella, e se attenderá tambem a que nas exposições ha de estar acompanhado do conveniente numero de castiçaes (para o que se accrescentará o altar na parte anterior, etc.) e que não só nas partes, mas que tambem no todo, faça boa e vistosa comparsa.

Para as funcções de exposição tambem se deve averiguar quanto ha de accrescentar-se ao altar para a parte anterior com madeira, e o accrescentamento que se julgar preciso não só para o altar, mas tambem para a bradella e degraus, bastando que em funcção de exposição o plano da bradella e dos degraus seja pela infima medida que S. Carlos determina; o que tudo se fará logo para vir com o altar, sacrario, etc. Advirta-se, que a porta do sacrario ha de ser bastante grande, para que se lhe possa recolher uma custodia ou ostensorio processional, sem que seja necessario desmanchal-o, e como esta exposição se ha de fazer pela parte anterior do altar, tambem deve vir feita a escada pela forma que se usa nas exposições que se fazem na Egreja de S. Pedro, nos altares da Confissão, da Cathedra e do Santissimo, com todas as suas guarnições, etc., proporcionada ao tamanho do altar em que ha de servir.

O sobredito sacrario, sua cupula e machineta referida, deve trazer suas coberturas e vir recolhido tudo muito bem acondicionado em caixas por forma de armarios bem feitos e fortes, em que não sómente venha pelo caminho, mas tambem esteja conservado e recolhido com limpeza e segurança, o tempo que não estiver sobre o altar, e, além d'estas caixas em forma de armario, devem ter por fóra d'ellas outras toscas, para resguardo do transporte.

A brevidade, com que se deseja acabada toda esta obra, é inexplicavel; pelo que se torna a recommendar muito, que, salva a perfeição, riqueza e singularidade tantas vezes repetida, se lhe appliquem todos os meios de evitar demoras.

IV

Advertencias para o Pintor, em carta de 6 de Fevereiro de 1743

Os tres riscos dos paineis, que se remetteram feitos pelo Sr. Agostinho Massuci, summamente agradaram. No da Annunciada um sujeito muito devoto reparou no anjo não se inclinar nada diante de Nossa Senhora, ao que tambem houve quem respondesse que o anjo se representava no meio da sua oração, em que naturalmente estaria direito e só no principio e no fim d'ella se devia suppôr estivesse inclinado. Como os paineis (segundo o que se adverte ao architecto) sairam maiores, será conveniente accrescentar na gloria da Annunciada alguns meninos, como fez Albano em Bolonha na Egreja de S. Bartholomeu, e na do baptismo dois anjos, como fez Carlos Marati em S. Pedro, e Rafael nas logeas Vaticanas.

Adverte-se ao Sr. Agostinho Massuci que faça toda a diligencia com o architecto, que estiver encarregado da fabrica da Capella, lhe dê sitio grande para os paineis, afim de fazer as principaes figuras maiores do natural, e tanto maiores tanto melhor se executam em mosaico.

No caso que não se possam concluir os paineis feitos de mosaico, para o mesmo tempo que se acabar a Capella, fará o Sr. Agostinho Massuci, ou mandará fazer com sua assistencia, copias dos mesmos paineis originaes para se fazer o mosaico pelas taes copias; e caso que elle as não faça, serão retocadas por elle mesmo, em forma que outra alguma pessoa não conheça quaes são os originaes, e estes virão com a Capella para estarem emquanto não vierem os de mosaico, aos quaes acompanharão os padrões por onde se fizeram.

V

Resposta, em 7 de Julho de 1743, ás reflexões que vieram de Roma sobre a Capella de S. João Baptista e do Espirito Santo

As reflexões com que responderam de Roma os architectos, que se acham encarregados da Capella do Espirito Santo e de S. João Baptista, á instrucção que se remetteu d'esta côrte em carta de 6 de Fevereiro proximo passado sobre os riscos, que de lá se tinham mandado, em nada alteram o que na dita instrucção se advertiu, porquanto foi muito bem considerada antes de se remetter, e não menos examinados os exemplos com que se auctorisou para serem conformes ao que se propunha.

Pelo que se torna a repetir que, deixando de parte caprichos pittorescos, que não são admissiveis em uma Capella que se manda fazer de architectura nobre, séria e rica, se sigam as advertencias expressadas na referida instrucção, ratificando-se que a cimalha tenha architrave, friso e cornija; que o painel do retabolo seja quadro e o maior que possa conseguir-se entre columnas com frontispicio sobre a cimalha d'ellas, que não haja pilares com capiteis fóra do emboco da Capella, nem menos os anjos sobre pedestaes (de que se tornou a falar) no dito emboco; e que a balaustrada não exceda nada para fóra do vivo da parede da Egreja. Em cada lado da Capella se usará só de uma porta no logar em que vem das mais Capellas, pois o recurso de duas portas juntas só se advertiu para o caso de não se accommodar uma só no seu proprio com a distribuição do ornato da Capella. E finalmente a banqueta, altar, bradella e degraus, tambem se executarão (não obstante as ultimas reflexões que vieram a este respeito) assim nas medidas como nos mais requisitos, conforme se disse na instrucção mencionada.

O tecto se admitte que seja de abobada de marmores correspondente ao ornato do pé direito, com advertencia porém de que em tal caso se farão na volta costellas sobre os pilares ou columnas, para que tenha mais segurança, e sobre as portas lateraes se farão lunetas na abobada para dar logar sobre a propria Capella a ornar os paineis de cima das ditas portas, e tambem se adverte que o impeliciado principalmente da abobada seja bem grosso e entalado, de modo que succedendo perder o betume á força (como mostra a experiencia n'este clima) nem por isso se arruine com perigo de quem entrar na dita Capella e imperfeição da obra.

Reparando-se em que encarecesse o sitio da dita Capella por tão limitado, se tomou a resolução de fazer uma idéa que accommodasse as peças que vão nomeadas no rol incluso, com paineis sem comparação maiores dos que se tinham remettido nos riscos, e assim tudo o mais; e a distribuição das referidas peças se mostrará dentro de 15 dias por planta e alçados intelligivelmente para que se veja que tudo cabe no sitio, e que, com o mesmo tamanho de paineis e numero de columnas e pilares, se poderá accommodar tambem d'outra idéa a sua disposição, que se deixa ao arbitrio dos architectos que fazem a dita Capella.

VI

Ordem ida de Lisboa, com relação á Capella do Espirito Santo e S. João Baptista e seus pertences, em carta de 9 de Março de 1744

Com a occasião das perguntas que se fizeram sobre o accrescentamento do altar da Capella do Espirito Santo e de S. João Baptista, na funcção de expôr o Santissimo Sacramento, lembraram os riscos que estavam quasi feitos para a dita Capella, conformes ao gosto de quem a manda fazer, e diversos dos que se tinham mandado de Roma para a dita Capella, em resposta dos quaes se avisou a maior parte das cousas que se reprovaram, e se deram umas medidas geraes das peças principaes, e juntamente se disse havia remetter-se uma planta com seus alçados para se fazer a dita Capella; como, porém, se applicou o tempo a outras obras de muita pressa, agora é que se poude terminar o que é bastante para se fazer a dita Capella, segundo a mente de seu dono.

E dando-se-lhe parte que havia aviso de que, sem embargo de não se terem remettido os ditos riscos, trabalhavam n'ella e talvez por diversa fórma, seguindo os que de lá tinham mandado, por fórmas extravagantes e muito diversas de retabolos que geralmente ha feitos; o dito Senhor respondeu que se o mudar e emendar a obra, que se achasse feita, reduzindo-a pelos riscos que se mandam agora, importasse em seis ou sete mil cruzados, pouco mais ou menos, que não reparava n'esta maior despeza, afim de se executar pelos riscos que vão agora com as seguintes advertencias:

A fórma da abobada do tecto n'estes riscos segue a ordem dos pilares e columnas, com archivoltos, que se farão de marmore claro, e seus festões de bronze dourado, e nos intercolumnios ou entre archivoltos terão fórros de outro marmore mais escuro, ou seja verde e antigo, ou giallo, ou lapis-lazuli, ou outro; mas negro de nenhuma maneira. Estas fiadas de entre archivolto serão separadas na sua largura dos archivoltos brancos, de sorte que não tenham no seu lado pegada a outra fiada de forro de diversa côr de marmore por varias razões, sendo a principal d'ellas assentar-se por cada vez inteiramente em toda a meia volta as referidas fiadas, desmanchando-se na abobada de tijolo, que existe, sómente por cada vez a largura que tiver ou o archivolto, ou os fórros, com o que se conseguirá assental-os sem perigo das abobadas das duas Capellas, entre as quaes está esta de que se trata.

No meio da abobada haverá duas lunetas, na fórma do risco, para dar logar mais desafogado aos dois anjinhos que estão sobre os frontispicios, e materia para mais se enriquecer. O fundo d'essas lunetas poderá fazer-se de tres pedras concavo por travêsso pouco mais ou menos um palmo, e as duas juntas serão cortadas a geito de peças de volta com córtes para o centro com

nicho para depois de assentadas fazerem resistencia as abobadas das Capellas lateraes sobreditas.

Na variedade das pedras e seus rebaixos, e ornamentos das molduras, se fará como melhor parecer, mas nos ornatos sobre os fórros se imite os riscos reduzidos a ponto maior, e tenham o alusívo de conchas, canas e folhas d'estas de bronze dourado, que produz e alude a agua, e esta fórma de abobada liga, e é mais coherente com a architectura que veste as paredes do que a fórma da que de lá se remetteu; a qual não condizia com cousa alguma do que estava debaixo, além de ser muito ordinaria e commum.

A cimalha, architrave e friso, tenham o mesmo profil e tamanho com que vae riscado na sua justa medida, a qual, para ser rica, ainda que tem algum membro menos dos que alguns professores accrescentaram a esta ordem, que se soffreriam em uma obra que fosse machina na sua grandeza, será de marmore de côr que parecer melhor, com advertencia de evitar as manchas diversas na côr para muito claras umas, e outras para muito escuras, porque, havendo-as, fazem pessimo effeito nos cornijamentos, confundindo o claro-escuro das suas modinaturas; e esta mesma advertencia se recommenda em toda a parte que houver molduragens ou cornijamentos, e para melhor se distinguirem as misulas e flôres da dita cimalha, se poderão fazer de bronze dourado, o que se deixa a arbitrio do architecto. O friso porém será rico de ornatos de bronze dourado, podendo ser sobre lapis-lazuli, por sair sobre elle o ouro muito melhor que em outra qualquer côr.

Remette-se tambem o risco para o docel em papel á parte em ponto maior; a sua fórma em barambazes imita a rigor aquelle da Confissão de S. Pedro feito pelo Bernini, e em logar de tearas e abelhas, se farão conchas e peixes aluzivos da agua, conforme ao desenho, e o tecto interior com a pomba, ornatos e seraphins, etc., na fórma do mesmo desenho, advertindo que tudo ha de ser feito de chapa de cobre delgado por ambas as faces, e para que mostrem bastante grossura, tudo se armará sobre grades de chapinhas de latão que se parafusarão nos engradamentos que se armarem nos ferros grossos que saem da parede, parafusando tudo com muitas tarrachinhas para ficar direito e seguro. Os ferros, que saem da parede, serão junto d'ella muito mais grossos e se irão adelgaçando até á frente, como se explica no risco, e depois de tudo armado se cobrirá por cima de taboas bem unidas, para que não só não appareçam os engradamentos e tarrachas, mas tambem se evite que a poeira penetre por entre ellas. Todo este docel será dourado, assim pela parte interior como pela exterior dos barambazes, e para não descair da parte da frente com o tempo, se accrescentam dois ferros, que fazem officio de cordas que prendem a grade nos angulos anteriores do docel com parafusos para apertar e alargar, e enganchem sobre o meio da cimalha da Capella, como mostra o desenho.

Sobre o frontispicio do retabolo se collocou o cordeiro adorado por dois anjos, e para mais riqueza se lhe poz um grande resplendor, com o qual se evita fazer-lhe forro lavorioso; o dito cordeiro e seu resplendor será de bronze dourado, e os anjos de marmore, advertindo que só se indica o logar das figuras e o sentido d'ellas, porque a esculptura ha de ser do Sr. Maine e de outros tão bons como elle, se os houver, não podendo elle fazer toda a que ha na Capella. Nas mãos dos anjos e meninos se pozeram palmas e capellas de rosas e de louros, attendendo ao martyrio de S. João, e, pela mesma

razão, as conchas, canas e capellas de flôres. No pedestal, sobre que está o cordeiro, se poderá pôr, em logar do seraphim, o santo nome de Jesus em bastante grandeza.

Fez-se toda a diligencia para que no retabolo houvesse quatro columnas e em cada lado da Capella duas columnas, e dois pilares na melhor proporção de distancia entre si que dá o antigo, como se vê nos altares da rotunda, e se conseguiu para os quadros bastante sitio para o Sr. Agostinho Massuci fazer-se honra. As medidas dos quadros são, com tenue differença, as mesmas que já foram remettidas, porém, como a fórma dos seus finimentos será diversa, será a proprosito reduzil-a á que agora se remette, caso que cada quadro não seja em um só pedaço de peperino, que sendo de mais pedaços com as juntas nos contornos das figuras, ficaria facil a dita reducção e tambem o transporte.

As cabeças dos cherubins do timpano dos frontispicios se poderão fazer de bronze dourado, como parecer melhor; as molduras dos quadros se poderão fazer de bronze com bellos lavores dourados e da mesma sorte os capiteis e bases das columnas.

Adverte-se que onde ha pilares se devem diminuir sómente em frente como as columnas, para que as mizulas na cimalha e nos resaltos dos taes pilares façam a mesma frente que nas columnas, e os capiteis tenham o mesmo ar. A planta da cimalha bem explica a repartição das mizulas, e tira toda a difficuldade que podia haver para se ajustarem.

Vae um altar em ponto maior com as suas molduras e cruz no meio, sobre o qual já se deram sufficientes instrucções; e quanto á pergunta que se fez de Roma a respeito da materia de que ha de ser o accrescentamento do altar e do frontal que ha de servir n'elle nas occasiões de exposição do Santissimo Sacramento, se responde, que o dito accrescentamento se fará de boa madeira duravel, e armada com perfeição e segurança, e que deverá servir o frontal de prata que n'esta occasião se encommenda com outros moveis para esta capella, e caso que a banqueta propria do altar com as suas mizolas não possam mudar-se nem accommodar-se com o projecto da exposição que o architecto pozer em obra, se fará nova banqueta de altar com suas mizolas, e da mesma sorte toda a mais compostura dos lados do altar na ultima perfeição de materia portatil e propria para tal logar.

As portas dos lados da capella dos riscos que vieram, ainda que fossem grandiosas, comtudo se julgou serem improprias para dentro de uma capella, sendo-o para edificio da banda da rua, por serem pobres e terem sómente a cimalha fazendo frontispicio, sem cimalha direita ao menos sobre dois bilhotes, como está no risco que vae, que é mais rica.

Vão as armas reaes e a cifra do nome de Sua Magestade em ponto sobre o grande, para os logares destinados a ellas nos riscos pequenos, e se farão de bronze dourado.

Tambem vae de profil o tamanho do bazamento que tem a Capella, e riscado n'elle o como deve unir decentemente a obra nova com a que existe. O mesmo está explicado na cimalha real, para se vêr como pega a nova com a que existe; e esta está riscada de tinta vermelha, e a nova de tinta preta.

Se o que estiver feito na dita Capella se afastar muito do que se remette nos riscos inclusos, nos quaes não ha extravagancias, mas tudo se chega as cousas melhores, ainda que com alguma variedade, se reduzirá a esta fórma,

porque desde principio se avisou fosse de sorte que logo se desse a conhecer, pela gravidade e ajustado do seu ornato, ser capella com seu retabolo.

As mudanças que se deverão fazer, sómente se entendem, caso de haver extravagancias no todo, ou nas partes principaes, e no que estiver por fazer dentro nos limites da despeza mencionada de seis até sete mil cruzados; porque se exceder se deverá dar parte. Sendo inevitavel que o retabulo tenha quatro columnas, e que nos lados haja em cada um duas columnas e dois pilares, os quaes de proposito se deixarão pilares podendo ser columnas, para o retabulo ficar com superioridade aos lados da capella; e tambem que tenham os seus membros principaes todos, principalmente cimalha, architrave e frizo; e se tiver menos columnas se reduzirão ao numero referido, por se querer obra rica, nobilissima e perfeita, pois está tão perto da vista que se póde tocar com a mão.

Do pavimento e bradella não ha que accrescentar ao que se avisou; e da mesma sorte a respeito da balaustrada, que terá os balaustres de bom ar com postigos de bronze dourado, boas ferragens, etc.

Depois que se fizer dos riscos sobreditos o uso para que se remettem, se tornarão a mandar quando lá se escusarem.

VII

Lista dos riscos que se remetteram para Roma em 9 de Março de 1744, pertencentes á Capella do Espirito Santo e S. João Baptista da Egreja de S. Roque

1 — Frente da Capella com o seu retabolo.
2 — Lado da mesma Capella.
3 — Planta geometrica da mesma Capella.
4 — Planta do docel.
5 — Frente do docel.
6 — Profil do mesmo docel.
7 — Armas reaes para se collocarem no meio do claro dos pedestaes.
8 — Cifra do nome para similhante logar.
9 — Cimalha real, no seu justo tamanho, que ha de pôr-se em obra.
10 — Planta da mesma cimalha com a repartição das misulas.
11 — Profil da cimalha que existe na Capella com profil da que se ha de fazer de novo.
12 — Profil do basamento que existe na Capella e do que se ha de fazer de novo.

VIII

Relação de varias cousas pertencentes á Capella do Espirito Santo e de S. João Baptista da Egreja de S. Roque, que se devem encommendar com a occasião de se remetterem para Roma os riscos da dita Capella, e hão de vir com a mesma, sem falta

No lado da Epistola da Capella, no logar que ficar mais bem accommodado, e com algum ornamento que satisfaça a vista, se fará uma sacada em que possa estar o pratinho das galhetas nas missas rezadas, e por baixo da dita sacada outra que tenha uso de se lançar n'ella a agua, que tiver servido ao celebrante de lavar as mãos, a qual escoará por um buraco ou sumidouro para uma cisterna que por baixo fará a seu tempo no proprio logar.

Sobre a balaustrada se armarão dois confessionarios, um de cada parte, em modo que o confessor esteja encostado á aleta do emboco da Capella. O confessionario constará do ralo de bronze dourado, a que fala o penitente, com seu ornato de madeira em roda, de sorte que nas ilhargas do tal ralo saque para fóra quanto baste para encobrir a bocca do confessor e do penitente, quando falarem um para o outro.

Estes confessionarios serão levadiços para se tirarem quando fôr conveniente; advertindo que, tirados os ditos confessionarios, não fique imperfeição alguma sobre a balaustrada, e pela parte exterior d'ella, nem ainda signal de que ali houvesse taes confessionarios.

O postigo da balaustrada se fará de bronze dourado de singular ornato e transfurado parecendo, e terá boa fechadura.

As portas dos lados da Capella terão movel para se fecharem com boa fechadura e serão tambem de bronze dourado com ornato caprichoso, e parecendo proprio, se farão transfuradas.

Assim o sobredito postigo da balaustiada como os moveis das portas lateraes se moverão com machas-femeas de fixas para se poderem tirar e pôr, e não devem ser de coice.

Junto á cimalha das ditas portas lateraes da Capella haverá de cada parte uma escapola ou femea, em que se armem varões ou qualquer outra coisa para porteiras ou cortinas, e, sendo as escapolas ou femeas feitas para apparecer, se ornarão com primor e se farão de bronze dourado.

Na parte superior do painel do altar e dos lateraes deve haver ou femeas ou escapolas mettidas com tal dissimulação que não sejam perceptiveis, nas quaes se hajam de armar os varões dos vèos ou das cortinas, com que se cobrirem os paineis na semana da paixão, etc.

Assim para os ditos véos ou cortinas, como para as das portas lateraes da Capella, ou sejam porteiras, se farão varões de ferro bem polidos e doura-

dos com roldanas nas extremidades para por ellas passarem os cordões de abrir e fechar os taes véos, cortinas ou porteiras.

Sobre o altar haverá, na altura da cimalha da Capella, docel de bronze dourado, o qual cobrirá todo o altar, e não ficando desproporcionado ao tamanho da Capella, tambem cobrirá toda a banqueta e bradella do altar. O ornato d'este docel será o mais caprichoso que admittir peça simílhante, do qual vae tambem desenho com os da Capella, e será seguro com tanta cautela que possa andar gente sobre elle para o alimpar ou por outro qualquer motivo. Os ferros com que estiver preso serão dispostos com tal arte e vigilancia, que, salva a referida segurança, se possa tirar o tal docel e todos os ferros com que estiver armado sem causar o minimo prejuizo á Capella, nem tão pouco deixar n'ella buraco, escapola femea, ou signal de que esteve ali armado, porque tudo o que se fizer para a tal segurança será occulto, como v. g. sobre a cimalha para que fique encoberto com a sua sacada, ou em parte que possa haver ornamento levadiço, que, tirado tudo o que pertencer ao docel, facil e promptamente se encubra, pondo o tal ornamento, e além d'esta cautela a deve haver grande em que seja ornado o logar, que cobrir o dito docel, na mesma fórma como se tal docel não houvesse, para que, tirado elle, se veja todo o ornamento egual e sem deformidade alguma.

Como este altar provavelmente haverá de sagrar-se, virá juntamente com elle uma laginha (ou duas para o caso de se quebrar uma) que sirva de tampa ao sepulcro que se houver de fazer no meio da lagem que servir de mesa do altar, e tambem virá a caixa de prata com as reliquias, tudo em termos de servir promptamente quando se quizer sagrar; advertindo porém que a lagem ou mesa do altar, virá intacta para cá se lhe abrir o sepulcro em sendo necessario, e a laginha será da mesma qualidade de pedra da dita mesa do altar.

As tres alampadas, que esta Capella ha de ter, não se querem penduradas cada uma sobre si no tecto da Capella, pelo que deve fazer-se um lampadario de que pendam todas tres, com advertencia que a do meio estará mais alta que as duas lateraes seis onças, e a distancia entre uma e outra será um palmo.

Este lampadario será de bronze dourado, transfurado e composto de arabescos de bom gosto e delicados, quando soffrer o peso das alampadas e o movimento de subir e descer, para que afronte o menos que fôr possivel o painel do altar. A altura, em que deve estar este lampadario, se governa pela borla que tem na parte inferior as alampadas lateraes, as quaes estarão altas do pavimento da Capella até á dita borla 14 palmos; e como d'esta altura hão de descer com contrapeso, quanto baste para as luzes commodamente se atiçarem do chão, haverá advertencia em que a cadeia ou varão, de que pender o dito lampadario, seja de sorte, que, descido na fórma referida, appareça ornada egualmente a dita cadeia ou varão desde o lampadario até o tecto da Capella; e tambem haverá advertencia em se armar a dita cadeia ou varão de maneira que não se possa torcer quando subir e descer, para que a face do lampadario se conserve sempre parallela com o altar da Capella. O logar do buraco, de que ha de descer a sobredita cadeia ou varão, será o ponto da abobada encostado á parte interior do archivolto do emboco da Capella.

Lisboa, 9 de março de 1744.

IX

Resposta á Critica que o sublime artifice remetteu a esta côrte sobre os riscos que se mandaram a essa Curia com as instrucções juntas aos mesmos, nas quaes logo se advertiu que importando o desmancho da obra já feita mais de sete mil cruzados, se continuasse a obra principiada pelos riscos feitos na mesma Curia, o que, não obstante, o sublime artifice quiz perder o tempo em formar uma oração cheia de falsidades citando auctores, como são os S. Gallo, Miguel Angelo, Rafael de Urbino, Vignola, Dominico Fontana, o Raynaldi, o Bernini, e o Borromini, sómentes para com as suas obras reprovar as obras centinadas, no que encheu doze folhas de papel.

O centinado deriva-se do centro de que se tiram todas as linhas curvas, e sobre esta curvatura, ou linha circular, é todo este discurso. Pretendendo o sublime artifice que todas as obras da architectura se devem fazer á linha recta, não citando porém obras algumas dos referidos auctores rectilineas, como se citarão muitas obras centinadas dos sobreditos A. A. Do Bramante temos a basilica de S. Pedro em Vathi, o qual não contente de fazer a tribuna centinada ou circular como é dado ás basilicas antigas, quiz tambem centinar os dois braços do cruzeiro, quando até o seu tempo o tôpo dos taes braços eram de linha recta, como são as mais basilicas de Roma. O templo no claustro de S. Pedro Montorio, que é do dito auctor, é todo circular e centinado. Do S. Gallo temos os dois tôpos circulares ou centinados no vestibulo do Palacio Farnes pela banda do Tibre. De Miguel Angelo temos a celebre Capella em Santa Maria Maior da Casa Sforza, em que sendo o altar rectilineo por contra-posto tem (e verdadeiramente com arte) ambos os lados circulares, e outras partes d'ella em defensa dos riscos de cá remettidos contra a dita critica. De Rafael de Urbino, por poucas obras que d'elle houvesse de architectura, temos um portico a Monte Mario, em que se vêem dois grandes vãos a modo de Capellas, ambos nos seus tôpos concavos ou centinados. Em falando dos mais modernos, e particularmente de retabolos, quem fez o retabolo da Capella mór da Egreja de Jesus Maria todo centinado por cima do quadro, o qual é de linha recta, com sua moldura por todas as quatro faces recta, e tem a cimalha real que assenta immediatamente por cima da tal moldura centinada para fóra, ou convéxa talvez dois palmos, e mais, o que tudo está no ar; esta quantidade quem a sustenta no comprimento de alguns quatorze palmos? Pois é architectura do cavalhero Raynaldi. Na ordem actica o vão do meio é centinado concavo com um frontispicio circular convexo, que sustenta este frontispicio? Este sublime artifice vá vêr este retabolo para sua confusão.

Quem fez o retabolo do altar de Santa Thereza na Egreja de Nossa Senhora da Victoria todo centinado, a saber concavo, e convexo com a cimalha no ar centinada para fóra mais de um palmo fóra dos vivos do seu nascimento em espaço tão limitado de pilar a pilar? Não é architectura do cavalhero Bernini, citado do sublime artifice para sua confusão? Quem fez o retabolo de S. Domingos, e Christo com o nolime tangere de Nossa Senhora, e a Magdalena? Não é quasi todo centinado? pois é architectura do mesmo Bernini!

Quem fez o retabolo e a Capella dos Raymondes na Igreja de S. Pedro Montorio? Não vê o sublime artifice que é centinado o retabolo, e com as ilhargas da dita Capella a linha recta? no tecto d'esta Capella se vêem surgir os archivoltos a prumo das columnas e pilares pela disposição dos riscos de cá remettidos, e pelo sublime artifice n'esta parte tambem censurados, como se não soubesse o sublime artifice que tambem esta é do Bernini, e parece que o mesmo Bernini não soube fazer obra de linha recta, porque a Igreja de Santo André de Monte Cavallo é toda centinada, tanto assim que o seu portico é de tal sorte centinado que o vivo exterior da architrave está mais de quatro palmos e meio fóra do vivo das ditas columnas, de que nasce com um intercolumnio de alguns vinte palmos: que diz o sublime artifice a tão consideravel centinado? entendo que terá medo de entrar no dito vestibulo (que é architravado) quando tem medo e critica os riscos de cá mandados com uma centina em similhante parte ácerca de um palmo, tendo por baixo da cimalha uma cornija que circularmente une uma banda com a outra.

Tornando á Capella do mesmo A que fez a da casa Poli na Igreja de S. Grisogono a Transtebre, fazendo o retabolo n'ella rectilineo, fez os lados da mesma inteiramente centinados, e com frontispicio sobre os pilares nos ditos lados, o que tanto tem censurado o sublime artifice nos riscos que de cá foram, mostrando juntamente ao sublime artifice assim os lados d'esta Capella, como os da familia Sforza em Santa Maria Maior, de Miguel Angelo ha duas columnas cada uma mettida em seu nicho que tem suas aletas, acima mencionada, terem fórma de retabolo em se lhe pondo painel com altar deante e de caminho saiba o sublime artifice que na de Miguel Angelo cuja largura se deve tirar da largura do nicho, e não da altura d'elle, como pela critica se pretende, sendo regra antiquissima e geral que os espaços que ha entre as columnas, ou pilares ou estipedes, se tiram das suas larguras; e como este logar é em um edificio de toda a riqueza, todas as partes se pódem enriquecer tambem fóra do commum, saiba tambem que Miguel Angelo era summamente inclinado a mettêr columnas em nichos, como se vê nos palacios debaixo dos porticos de Campidoglio dentro e fóra, estas aletas de nichos tendo a duodecima parte da largura d'elles são mais que sufficientes; e tornando ao Bernini, foi tal a sua inclinação a obras centinadas, que sendo a maior parte das praças e adros de templos, principiando pelos do Templo de Jerusalem, e todos os adros das Igrejas dos Christãos, quadrangulares e segundo o ceremonial como de obrigação: comtudo quiz fazer o grande adro de S. Pedro todo centinado á imitação de algumas praças da gentilidade, como a do templo de Baccho, e o fôro adiante do templo de Marte vendicatore, etc."

E apparecendo no mesmo tempo varias plantas de outros architectos rectilineas angulares todas foram rejeitadas, tanta força teve o centinado no genio de Bernini.

Do Borromini não ha obra alguma, tanto sacra como profana, e até as que restaurou, em que não usasse de centinado, como se vê na restauração da Igreja de S. João de Latrano, que, com ser templo tão sério, centinou pela parte de dentro a frente em que está a porta principal, tão sensivelmente, que o que está sobre o arco da tal porta parece que se sustenta por milagre, mettendo aos lados d'esta grande centinadura duas alas de linhas obliquas, não falando nos grandes nichos de todo centinados, e de uma extrema belleza.

Mais centinada é toda a Igreja da Sapiencia de Roma, a frontaria da Igreja de Santa Ignez em praça Navona. O oratorio de S. Filippe Nery, S. Carlino, as quatro fontanas por dentro e por fóra, e na Capella mór da Igreja de S. João dos Florentinos, aonde fez o retabolo rectilineo, e os lados da dita Capella os escavou para os centinar concavos, pondo-lhe dentro nichos convexos para contraposição do retabolo. Não falo do palacio Falconiere, que até sobre o telhado quiz centinar.

O Vignola, tão insigne na architectura e perspectiva, não fez centinado, é redondo todo o pateo do insigne palacio de Capraróla, ainda que exteriormente fosse de cinco faces? E quem fez as nobilissimas faciatas de la Pace, e de S. Lucas, parte centinadas e parte rectilineas, não foi Pedro da Cortona, que, como pintor celebre, soube contrapôr e fazer graciosamente contrastar (como na composição de uma historia) as obras de architectura? Todas as referidas obras em todo o tempo foram muito celebradas de todos os professores de debuxo, e só ao sublime artifice lhe não quadram, talvez seja a razão querer desviar-se do grande trabalho que isto causa ao architecto, principalmente quando nas cimalhas lhe quer pôr as misolas com distribuição acertada como terá visto e verá nas plantas que de cá foram, dando o sublime artifice noticia (com grande magoa do dono d'esta obra) de ter usado de uma cornija jonica em uma Capella que se recommendou fosse de toda a riqueza e artificio, o que faz arguir que foi por uma pura preguiça de não querer estar ao bufete para averiguar com aquella diligencia que requer uma simillhante repartição de misolas entre si equidistantes em todo o circuito da Capella, e principalmente declarando de ser a disposição do seu retabolo e Capella, todo rectilineo, em que com muito menos trabalho do que no centinado se repartem as referidas partes.

Em tanto a dita Capella fica com a nota de ser composta de obra bastarda, e de duas ordens de architectura diversas, usando na parte mais nobre de uma ordem inferior que é a jonica, e se entende só pelas referidas razões que está culpado o sublime artifice.

Não vê o sublime artifice que no retabolo da Capella de Santa Thereza, cujas columnas teem menos de dois palmos de diametro, e consequentemente mais pequenas que as nossas (que se encommendaram de dois palmos) com tudo o Bernini na cimalha da dita Capella e retabolo, usou de misolas, as quaes em si são grande ornamento, e produzem os rozoins entre ellas, que é a maior riqueza e magestade que póde haver em uma cimalha real.

E no que toca ao friso dos riscos remettidos de cá, o sublime artifice perde o tempo de o censurar, como de lavor muito miudo; não vê que uma só flôr occupa toda a altura d'elle, nem vê que no friso da dita Capella de Santa Thereza ha folhagens que vão girando com flôres entre ellas que lhe tomam parte do logar, e isso afim de proporcionar taes ornatos com as folhas e florões dos capiteis, que ficariam mesquinhos com ornatos grosseiros ao pé de si.

O sublime artifice, em seu adjutorio contra o centinado, recorre á antiguidade dos gregos e romanos, não sabe que d'estes ficou mui pouco, e principalmente das obras de grande riqueza e magnificencia, por essas serem as primeiras que os inimigos despiram e arruinaram; que bellas formas haveria entre ellas no interior dos palacios imperiaes, reaes e senatorios; nas basilicas, termos, theatros e templos cujas partes escura e escassamente estão apontadas nas historias, pelo que muito se enganam os que cuidam que nas poucas reliquias que ficaram, tanto em Roma como nas mais partes da Europa, não as vendo na fórma das que hoje e modernamente se fazem, e se tem feito, as condemnam como viciosas pela novidade, sem reflectirem que já o proprio Salomão, fonte das sciencias humanas no seu tempo, declarou que não podia haver coisa que já não houvesse havido.

Mas vamos com o sublime artifice contra o centinado com os exemplos da pouca antiguidade que ficou, e no centro de Roma, que é patria commua de todas as nações, achámos o Panteon, e na verdade devemos confessar que no seu portico e fachada achámos um grande exemplo de obra rectilinea, mas passando d'este ao interior do mesmo Panteon perdemos totalmente o rectilineo, por ser tudo quanto ha n'elle circular ou centinado.

Centinado é S. Estevão da Redonda, e tambem é centinado Santa Ignez extramuros, que foi antigamente o templo de Baccho; centinado ou circular tambem é o amphitheatro de Flavio, e a metade dos mais theatros ordinarios, como o de Marco Marcello e o que está ao pé da Igreja de Santa Cruz de Jerusalem, e muitas partes das principaes nos tantos termos que ha em Roma circulares ou centinados.

O que houve nas referidas partes, ou edificios rectilineo, se acha arruinado, pelo que não se póde com certeza segurar com que variedade de disposições estariam feitos os muitos ornatos de aberturas, tabernaculos, nichos e sitios diversos, que ornavam a scena rectilinea dos theatros; de obras rectilineas na verdade não se acham senão os arcos triumphaes, e algumas columnas na costa do Campidoglio, e no fôro romano, quando não queiramos allegar com acquaductos que nada fazem ao nosso preposito, e mui pouco os arcos de triumpho por ser constante que estes foram armados apressadamente de fragmentos de outros edificios.

Em conclusão aos edificios circulares antigos devemos a architectura, e é incontrastavel o ser o circular mais perfeito e mais permanente que o rectilineo, o que se prova com uma simples tira de papel, a qual centinada ou curvada se tem por si mesma sobre a sua grossura, por delgada que seja, o que se não póde conseguir emquanto está rectilinea, por mais grossa que seja, e sobretudo todos os orbes que Deus creou, e a mesma terra é centinada, nem póde haver linha verdadeiramente recta horisontal v. g. de Lisboa até Roma, porque tirada pelo archipendolo, em mais partes se converte insensivelmente em linha curva e só o poderia ser se o olho alcançasse de uma parte á outra: não nos alargamos mais sobre este particular por não entrar em maior laberinto.

O sublime artifice chama, por encarecimento do seu rectilineo, aos corpos vegetativos, e aos animados, e diz que o corpo humano é rectilineo, e as partes d'elle como são as pernas e canellas; na verdade ainda não se tem visto nenhuma parte d'estas corrida á plaina ou garlopa, nem feita ao torno, porque por este pouco que se conhece de debuxo das figuras humanas, se sabe

que a barriga da perna, pela banda de dentro, tem um musculo de bom relevo e em frente, pela banda de fóra, tem um cavo tenue com um musculo mais alto, e outro mais baixo; os dois tornozelos de uma perna, o interior está mais alto do exterior; pelo que em esta parte não tem que fazer o carpinteiro com a sua plaina, que faz obra rectilinea, nem o torneiro que faz balaustres, cujas entradas e sahidas estão em esquadria, um defronte do outro, o que é tudo contra o natural, e contra uma perna bem debuxada, que deve serpear, a saber, o que sae por uma banda entrar pela outra suavemente.

Do que nasce que pondo-se um homem com todo o peso do corpo sobre uma só perna sem fazer peso na outra ilharga da perna em que se sustenta sóbe, e a outra abaixa, e atraz d'isto se governa o restante do corpo, o que causa o equilibrio do peso do corpo todo. Agora vamos á fórma das partes do corpo em osso, e veja o sublime artifice como são centinadas as costellas d'elle, e de todos os ossos, desde as pernas que tem tanto ou quanto de curvura e de nenhum modo corridas á garlopa para poderem ser rectilineas, e assim vê tambem o sublime artifice que contra si allega com o corpo humano como no mais acima referido.

E passando ao vegetativo, como são as arvores que o sublime artifice allega para exemplo do seu já enfadonho rectilineo, e falando das mais proprias e mais duraveis para os edificios d'estas, o carvalheiro é das principaes, pela sua muita duração e grossura: não vê como esta arvore, quasi de sua nascença e á flôr da terra, começa a voltar, centinando depois dos seus primeiros ramos vae subindo e curvando para varias partes, e o mesmo faz nos seus ramos que vão centinando de tal sorte, que se foram quadrados, como são redondos, podia-se usar d'elles para architraves de edificios circulares e centinados, com pouco perdimento de tempo, e de materia; o contrario se experimentaria quando se quizesse saccar uma viga de vinte e cinco ou trinta palmos só com um palmo de grosso, porque se perderia mais que metade da sua madeira, e ficariam as veias cortadas, e por isso enfraquecido; isto mesmo se experimentaria na oliveira e no sobreiro, e quanto mais se entra nas madeiras nobres, como é o ebano e pau santo, ainda mais centinados os achamos, como vemos nos grandes troncos que das Indias veem a esta côrte e se ha algumas arvores mais direitas que as referidas, sempre são de inferior qualidade e força como é o arcipreste, o lariche, pinheiro, etc.; porém nenhum d'estes é tão rectilineo que se possa tirar d'elles uma columna cuja figura imitam, e não as traves quadradas, como o sublime artifice diz imitarem, porque é sem questão que querendo esquadrejar um pau redondo que tenha pela sua face um palmo e um terço de largura, depois de esquadrejado é necessario que tenha mais de dois palmos de diametro, emquanto rodondo. Tanto se fala n'este pilar quadrado para que o sublime artifice não pretenda que a architectura se tenha tirado só da madeira, porquanto a natureza com muita propriedade tem creado as pedras para as obras da architectura, e principalmente os marmores, porque nas pedreiras se acham em bancos tão direitos quasi como lavrados ao ferro uns de dois, outros de tres, outros de quatro, de cinco, e de seis e mais palmos de grossura, e assim estão desbastadas pela natureza por duas faces; e ainda que estas pedras sahem de egual grossura, comtudo, a imitação das arvores, d'ellas se fazem columnas que diminuem em cima, além da muita sustancia que se lhes tira com arredondal-as, e sendo isto o que se obra nas columnas, qual é a razão

porque se não possam diminuir tambem os pilares quadrados quando elles ficam sempre com mais uma terça parte do material que a columna, tendo a mesma grossura? Censurando tanto o sublime artifice esta diminuição no pilar, não repara no ar do capitel de uma columna quanto é mais airoso do que o de um pilar quadrado não diminuido, e no terço ambos de uma mesma grossura? Não vê que se faz zeloso nas repartições das misulas das cimalhas reaes ainda em obras não centinadas, tendo-as nas centinadas como impossiveis, ainda que sem fundamentos verdadeiros, citando flanqueamentos como se se tratára de baluartes; que succederia quando resalteasse por dois lados a columna em pouca distancia do pilar não diminuido, e ambos sobre os seus verdadeiros vivos como dissonariam estes dois vilhotes um mais largo que o outro uma sexta parte, e assim mesmo as misulas; e já que se mostra tão irresoluto, por não dizer pouco pratico, leia ao Escamozio sobre este particular que o adverte grandemente porque a muita pratica e exercicio grande o foi ensinando, advertindo porém que esta pratica só a poderá haver nas partes em que ha columnas e pilares, e com isto nos deixamos das fedorentas chimeras, etc., sobre este particular.

O sublime artifice, na propriedade dos ornatos allusivos, se quer fazer moralista e zeloso do decoro dos sacros templos, em os quaes não convém serem proprias as canas com suas folhas, com sua flôr, ou espiga, dizendo falsamente que estas só se acham nas aguas mortas, não deve ter visto como se representam os rios na pintura e esculptura, com as cabeças enramadas das ditas canas, e da mesma sorte as nymphas que representam fontes, mas com muito mais propriedade se póde com estas canas significar a agua do Jordão, porque Christo Nosso Senhor perguntando aos phariseus e turba, ao que tinham ido vêr no deserto ao pé do Jordão, aonde estava o Santo Precursor baptisando, se foram para vêr uma cana agitada do vento, o que é evidente signal de que ao pé do Jordão nasciam canas, e alguns peregrinos por devoção as teem trazido d'aquellas partes; não duvido que na paragem, em que o Jordão se mette no mar morto, não se creassem canas, por ser sitio tão pestifero que não póde subsistir cousa viva ao redor d'elle algumas milhas, mas é tão commum e proprio para S. João Baptista, que quasi sempre se representa com cana na mão; veja o sublime artifice como o maior santo que ha se podia representar com uma planta na mão, que sahisse das aguas mortas, que quando muito produzem juncos.

Vamos aos peixes, que o sublime artifice quer baptisar por golfinhos, peixes de agua salgada, mettendo falsamente a Santo André como pescador d'ella, veja como sabe bem da Historia Sacra! E saiba que Santo André sómente pescou no lago de Genezar, que é de agua dulcissima, porquanto o Jordão passa pelo meio d'elle: a Escriptura chama ás vezes a este lago mar de Tiberiades derivado da cidade d'este nome, que está nas suas margens, e outras vezes o chama mar de Galilea; porém é o mesmo lago em que Christo fez tirar um grande lance de peixes aos Apostolos, entre os quaes, diz o texto, havia peixes grandes que poderiam ter a fórma de golfinhos, e tanto se fez eleição d'esta figura de peixe nos ornatos para se differençar das enguias que se parecem com cobras, cheias d'aquelle mordaz veneno, pelo que é mais que proprio para significar a agua, e a S. João Baptista valer-se piamente de canas e peixes, e isto nos sagrados templos.

Ainda que vejamos na confissão de S. Pedro em Vathi, nas armas dos

pontifices, oito caraças ou mascarones, e tambem na Igreja de S. Pedro in Vincula na sepultura de Julio II, se vêem satiros descompostamente postos, e outras profanidades muito indecentes, e estranhadas em um tomo das obras de architectura de Mr. Avilher Frances, sendo estas coisas profanas feitas sem significação alguma, e sómente para ornar, e mais proprias para pôr em uma praça; comtudo são feitas por dois homens grandes como são o Bernini e o Bonarota; que diz o sublime artifice a isto? Não se vê confuso á vista do referido?

Vamos agora ao cordeiro, que este innocente não escapou de ser mordido com o achar pequeno sobre o frontispicio do retabolo que de cá foi, e saiba, se é bom e verdadeiro catholico, que na Hostia Consagrada, com ser tão pequena, está Christo Nosso Senhor realmente com todas as partes do seu corpo; não vê que este cordeiro representa ao mesmo Senhor sacrificado? Estranharia vêl-o d'esta sorte pelo não vêr como um cordeiro que veiu em um risco de baptisterio talvez da mão do sublime artifice, cuja cabeça e pescoço se parecia mais á de um jumento que á de um cordeiro, e leve essa de caminho para a emenda da obra, etc., muito se estranha que um professor, que deve saber que em riscos limitados qualquer traço ás vezes são onças, o que assim se declara pelo ridiculo exame das innocentes aletas querer reduzil-as a onças, no que já acima se falou. Vamos agora a exemplos sobre o limitado tamanho do cordeiro em comparação dos anjos que o adoram, e o sublime artifice tome o trabalho de ir vêr a Capella do SS. Sacramento em S. Pedro, e então dará a razão porque o Senhor resuscitado, que faz remate ao sacrario, com ser figura inteira, tem menos altura que a quarta parte da dos dois anjos que estão sobre os pedestaes da mesma ordem em que está o dito sacrario, vá vêr tambem, na mesma Igreja, como proporcionam os dois anjos nas ilhargas da cadeira de S. Pedro com os da gloria posterior á dita cadeira, que são em dobro mais altos, nem os ditos anjos proporcionam com os meninos que fazem remate á dita cadeira, nem com os quatro doutores que lhe pegam, e o mais é serem ambas estas obras do Bernini, que o sublime artifice cita para ser imitado; oh! que miseria onde ha paixão cega!

Vamos ao primeiro degrau, que mete coisa de um palmo por linha recta no vão da porta; já sabemos que é regra geral que a architectura não deve tirar o uso ao edificio; tambem é sem duvida que um homem, para passar por um vão, não occupa mais de tres palmos, e estes e mais ha de haver do vivo do degrau até á hombreira que está para fóra; lembrado estará o sublime artifice que na sua planta, que remetteu a esta côrte, o primeiro degrau do seu retabolo tomava todo o vão da porta, e sobre isto ou antes d'isto, se lhe advertiu que a este respeito do uso livre poderia fazer duas portas, ou unidas uma com a outra, ou distantes, conforme o dito uso e symetria o pedisse, sobre o que fez uma tal exclamação, como se não se soubesse que taes coisas se fazem por necessidade, e que Roma está cheia d'isto.

Sobre a gula direita que no risco remettido de cá só se acha nos frontispicios, para estes avultarem mais, e as partes direitas se ajustarem melhor com a obra antiga da Igreja que chamam o ataco, se traz por exemplo aquella celebre e unica cimalha da Igreja de S. Pedro, na qual não ha nem gula direita, nem gula reversa, mas só um tenue listello unido com a corôa; ella é do seu Sangalo ou do Bonarota que lhe não quiz accrescentar estas duas gulas que lhe faltam, e a obra está em Roma, e ha de ser á romana, ainda que o sublime artifice o negue, pela falta das ditas gulas.

As armas e cifras reaes devem estar do vivo superior dos pedestaes e mesa do altar para baixo, e de nenhum modo d'este vivo para cima, por piedade e reverencia que o dono tem a tão sagrado logar, e fique isto advertido e inalteravel, nem se sabe de exemplos de estarem as armas dos donos das obras em outro sitio, estando dentro nas capellas; e ainda que os houvesse não se approvam, e em commum o seu verdadeiro logar são os paineis dos pedestaes por ambos os lados livres, sempre sobre fundo precioso, preferindo o artificio em todo o caso á materia, ainda que tanto se encareça.

O docel absolutamente se manda qne se faça, e ainda que bem se sabe que em Roma não os ha por esta fórma, comtudo por ordem do dono d'esta obra se tem cá feito varios doceis da mesma fórma, e entre elles ha quatro que cada um tem dezenove palmos em frente com alguns quinze palmos de sacada, e asoalhados em cima com taboas tão grossas que quando se mudam conforme as côres que o ceremonial pede, andam seis e oito homens em cima e passa de vinte annos que existem sem ter perigado a obra d'elles nem pessoa alguma; porém é de advertir que este docel ha de ser por toda a parte de chapa de cobre, e de chapa tambem do mesmo hão de ser as borlas ou fiochi, o mais delgado que fôr possivel, ainda que não tenha escuros ou calados tão fortes como se fosem vasadas; os barambazes hão de ter o mesmo lavor do risco com peixes e conchas acima referidas, e, se a respeito do muito delgado da chapa, a obra não poder ser tão perfeitamente acabada, a muita distancia e a razão do pouco pezo a desculpa, e ao tecto não poder receber luz viva; de chapa tambem será a propria cimalha d'elle, e se dispensa não ser centinado como é o da confissão de S. Pedro, mas revera como os riscos com todos os ferros n'elle apontados, porque a experiencia que temos d'elles é a melhor mestra, e se adverte que de nenhuma sorte se ponham ferros que desçam a prumo do tecto da capella para prender no docel, porque os ferros que estão no risco que o suspendem para cima não se pódem vêr senão em uma grandissima distancia, e já imperceptiveis.

Este docel ha de estar sempre e nunca se ha de vestir com coisa alguma depois de acabado e armado, antes de se remetter deve-se pendurar revera encostado a uma parede da grossura da que está no risco, e segurado com todos os seus ferros para se fazer experiencia, advertindo que os dois ferros que descem obliquamente para suspender e temperar o docel que fique ao livel não devem estar mais baixos do que estão no risco para fazerem bem o seu officio, assim mais se recommenda que todos os ferros sejam de uma qualidade muito doce, e pela banda da parede, de onde nascem, antes mais grossos em tudo do que mostra o risco. A razão de se mandar na instrucção passada que o docel se podesse tirar, e todos os ferros em que estivesse armado, sem que causasse o minimo prejuizo á Capella, nem tão pouco deixassse defeito, etc., não procede de se considerar superfluo conservar-se docel ou bandachino, nas occasiões de exposição, por esta se fazer com machineta ou tabernaculo, mas para que, occorrendo caso accidental, que fizesse preciso tirar-se o docel, ficasse o ornato da Capella completo e perfeito, independentemente do dito docel.

Do lampadario não fala palavra, como se fôra peça incognita ou nome novo, havendo-o na Capella do SS. de S. Pedro, ainda que fixo, e em Santa Maria Maior e outras Igrejas de Roma, do qual trata S. Carlos nas Actas Mediolanenses parte 4 lib. 1., Cap. XVIII e n'este ponto sómente se occupou

em fazer anatomia na fórma da cadeia ou varão que se prescreveu para o tal lampadario, supponđo a de alampada sem embargo de se ter declarado que a cadeia ou varão que suspendesse o dito lampadario fosse feito de maneira que se não podesse torcer e que conservasse o lampadario sempre parallelo com o altar, cuja cautela de nenhum modo se podia attribuir as alampadas de per si, não só porque expressamente se disse *as tres alampadas que esta Capella ha de ter não se querem penduradas cada uma sobre si do tecto da Capella pelo que deve fazer-se um lampadario de que pendam todas tres*, etc., mas tambem porque se apontou a fórma do lampadario, o logar e altura em que havia collocar-se, e a distancia com que se haviam graduar n'elle as alampadas.

O fim a que se encaminhou a dita advertencia da cadeia ser feita de maneira que não torcesse, respeita unicamente a conservação da postura do lampadario parado, subindo e descendo, e não ao modo com que ha de subir e descer, porque temos lampadarios que sóbem e descem suavemente com sete alampadas suspensas por tres cadeias, e outros com tres alampadas suspensas por uma cadeia, sem que deixem de se conservar parallelos com o altar; pelo que se torna a encommendar se faça um lampadario em que as tres alampadas sejam penduradas na fórma da instrucção passada, que se mandou a esse proposito pertencente ao lampadario e sua cadeia, porque a fórma dos contrapezos cá se ajustará sobre o mesmo logar do furame de que descer a sobredita cadeia ou varão do lampadario.

A pia baptismal, feita de pedaços de porfido, totalmente se reprova, porque como se quer e se quiz sempre de uma só pedra, não se admitte que seja de pedaços, ainda que se podessem encobrir as juntas com ornatos tão artificiosos que parecesse ser de um só pedaço de porfido, e afim de que fosse inteira se mandou uma segunda instrucção em 31 de outubro passado, prevenindo que, não havendo vasca ou pia de porfido, se fizesse de outro qualquer marmore o mais precioso de que houvesse exemplo em baptisterio de basilica conspicua, e que não havendo tal exemplo, ou não se achando vasca ou pia de marmore similhante á de alguma basilica conspicua, se fizesse do mais precioso marmore branco que se podesse achar; na conformidade da referida instrucção se ordena novamente se execute a pia baptismal, porquanto absolutamente se quer de uma só pedra de marmore, ou de alabastro antigo ou moderno, que seja duro e tome lustro.

O cancello do baptisterio deve ser executado pelo desenho que foi approvado na instrucção de 12 de março passado, conservando-se-lhe o ornato das porções circulares que tinha nos angulos, e deixando as taes porções circulares fixas, para com maior segurança se moverem as grades da frente, nas occasiões que se abrirem inteiramente.

Por ultimo estranha-se muito ao sublime artifice que, de quantas vezes tem dado noticia d'esta obra, tudo foi replicado, sobre o que se lhe mandava fazer, ou fosse por instrucções ou por riscos que se lhe mandavam, sem remetter risco algum seu, mas só encarecendo o valor da materia, sem apparecer fórma alguma d'ella, sabendo-se que n'esta limitada obra se occupam dois architectos, que parece só pelo seu brio haviam ter mandado riscos da obra que estão fazendo, porque bem sabem que do risco que mandaram, tudo que era seu foi reprovado, porque columnas e cimalhas não são inventadas por elles; nem sequer remetteu o ornato dos requadros do altar, criticando o que de cá se lhe mandou, com dizer que eram repetidas as faxas e filetes, e assim

vá vêr o pavimento da Capella de Santa Francisca Romana na Igreja de Santa Maria Nova em Campo Vaccino, e no pavimento do Sepulcro da dita Santa, verá quantas vezes o Bernini repetiu as mesmas faxas nas divisões, e se esta repetição de tres e quatro vezes o fez para enriquecer um pavimento, o que não se fará para enriquecer um altar quando se lhe não quer pôr um baixo relevo!

Responde-se tambem sobre o encarecer tão affectadamente serem os architectos de Roma os melhores do mundo, como se o clima de Roma influisse sciencia e virtude; o certo é que o sublime artifice não deve ter lido os muitos tomos feitos sobre as antiguidades de toda a Europa e da Asia e sobre todas as castas de edificios modernos feitos por grandes architectos de França, e os tem executado em infinitas obras por ordem de Luiz XIV, chamado o grande, e desde o grande Henrique II se tem augmentado até estes tempos em fórma que chegou até donde podia chegar, sendo os architectos dos ditos soberanos versados em muitas mais sciencias que os ajudaram a chegar a tão alto grau, e assim o sublime architecto não queira ser juiz em causa propria, e valha o adagio italiano que diz: *Qui se loda se embroda*, e qualquer architecto que não seja d'estas duas nações não quererá ser juiz n'esta causa, e se o obrigarem, entendo que será a favor dos Francezes.

De ambas as nações referidas tivemos architectos de quarenta annos a esta parte n'esta Côrte. Os de Roma, Academicos e chamados pelo soberano, estes dirão as obras que fizeram os architectos que cá acharam, tanto temporaneas e de madeira, quanto edificios profanos e sacros de extraordinaria extensão, e, como somos parte, não nos estendemos mais, e tanto se disse obrigado da *crisse* do sublime artifice mostrando que pelos seus mesmos artigos e auctores se condemnou, nem nos aggravamos da sua mal fundada *crissi* tomando-a como de quem vem, *etc.* [1]

Finalmente se conclue recommendando com a maior efficacia que se terminem todas as obras de que se trata, sem perder um instante, usando no que estiver por fazer das instrucções que se teem mandado para maior acerto da obra e satisfação de quem a manda fazer.

Para satisfazer a curiosidade de quem manda fazer a sobredita Capella do Espirito Santo e S. João Baptista se mandará desenho em planta e alçado da fórma com que se mette em obra e se restituirão os desenhos que de cá se remetteram, como se advertiu na instrucção passada.—Lisboa, 21 de maio de 1744.

---

[1] Quer-nos parecer que a palavra *crisse* ou *crissi* seja talvez critica, ou com esta significação.

X

Extractos da correspondencia entre o Padre João Baptista Carbone em Lisboa e Manuel Pereira de Sampaio em Roma, relativos á Capella de S. João Baptista em S. Roque, 1742-1749

Lisboa, 26 de Outubro de 1742.

Servem estas regras de acompanhar os dous maços incluzos, que ainda agora se me remeterão, e apenas tive lugar de ler as instrucções que nelles se mandão, ainda que já S. Mag.de me tinha prevenido, que se havião de fazer estas duas encomendas. Vão as ditas instrucções em portuguez, porque não houve lugar de se verterem em Italiano, mas lá as poderá V. M.ce fazer traduzir. Por ora, segundo dellas entenderá, não se pertende mais que riscos e dezenhos para virem appprovar-se em Lisboa; e assim ficará para depois a execução das Obras, conforme os dezenhos que forem approvados. Toda a despeza que se fizer para as ditas obras, começando desde logo com os dezenhos, deve V. M.ce meter cada hũa separadamente com toda a distinção e clareza. E escuzo recomendar-lhe a devida economia, havendo-a já recomendado bastantemente pelo Expresso a respeito das outras encomendas. Fico para servir a V. M.ce, a quem Deus G.de m.os annos.—Lisboa, 26 de Outubro de 1742.—M.to S.o e Am.o de V. M.ce—*João Baptista Carbone.*—Sr. Commendador Manoel Pereira de Sampayo.

(51—III—68—fl.—85.)

Roma, 17 de Novembro de 1742.

... «A commissão sobre o risco para a nova Capella, como tambem as dos dezenhos dos quadros, respostas a quesitos, etc., serão pontual e advertidamente satisfeitas, por cujo motivo já hoje tenho praticado as diligencias necessarias, sem mais demora que a de se traduzirem os papeis da instrucção.»

(49—VII—32—fl. 305 v.)

Roma, 13 de Dezembro de 1742.

... «Valho-me desta mesma occasião para mandar o risco para a nova Capella, segundo a planta que veiu, cujo risco fizeram os dois architectos Salvi e Vanvitelli, que são dos melhores; sem embargo de que duvidavam

fazer o dito risco em tão poucos dias, desejando mais tempo para que fosse maior a perfeição. Vão tambem os riscos dos tres quadros para a dita Capella feitos por Masucci.»

(49—VII—32—fl. 326.)

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1743.

«Acompanho com esta as advertencias, que pareceu preciso fazer-se, tanto ao pintor como ao architecto, sobre os riscos que vieram da Capella do Espirito Santo e S. João Baptista da Igreja d'esta nossa Casa professa de S. Roque; os quaes riscos torno a remetter em um canudo de folha de Flandres juntamente com os despachos que leva este expresso, Antonio Rodrigues Cavalleiro. Pelas mesmas advertencias entenderá V. M.ce que se manda executar a obra emendada na fórma que se adverte; e que os paineis se mandam fazer de mosaico á vista dos mesmos originaes que fizer o sr. Agostinho Massuci; e só no caso que se não possam acabar os ditos de mosaico para o mesmo tempo em que se houver de remeter a capella para se assentar no seu lugar, se mandam tirar copias dos ditos originaes, para se remeterem estes, e ficarem as copias em seu lugar para se acabarem os ditos mosaicos.

Vão as referidas advertencias em portuguez, porque não houve tempo de se verterem aqui em italiano. Pelo qne é preciso que V. M.ce encarregue a alguem que entenda perfeitamente os termos de uma e outra lingua, e especialmente os termos de architectura, para as traduzir na dita lingua italiana; e antes de se entregarem as traduções, V. M.ce as leia attentamente, e cotege com os originaes portuguezes, para vêr se correspondem exactamente; para cuja conferencia poderá tambem valer-se de outro sujeito, além do traductor, para melhor se certificar da verdadeira correspondencia dos termos.

Bem conhece V. M.ce que o intento de S. Mag.de é que seja a dita capella das mais perfeitas que ha, e que venham as peças tão bem ajustadas, que facilmente se possam aqui armar dentro do vão da mesma capella, que existe na dita egreja, que não é capella de cruseiro, porque as não ha, mas sim pertencente ao corpo da mesma igreja. O que suposto, é mais que preciso executar tudo segundo as medidas do vão, que se remeteram, para que se não encontre embaraço na situação e composição das peças que vierem.

Falta-me agora recommendar a V. M.ce que ponha toda a industria e cuidado na economia das despezas que se hão de fazer para a dita capella (cujas contas devem vir separadas até o ultimo real, como já lhe adverti) para o que me parece conveniente que depois que estiver já emendado o risco, na conformidade das advertencias, V. M.ce ajuste os preços da obra, conferindo com pessoas praticas, intelligentes, e de sã consciencia, para que não haja excesso nos ditos preços; pois ainda que S. Mag.de faz voluntariamente, e por sua devoção a dita obra, e podendo-a fazer de menos custo, a quer fazer mais custosa, comtudo quer que todo o seu custo seja proporcionado á mesma obra, e que se conheça que foi bem empregado tudo que nella se gastou»...

(49—VIII—40—fl. 228.)

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1743.

... «Pelo que toca aos gastos e contas, fico na intelligencia do que V. M.^{ce} me diz, e pelo primeiro expresso espero pelo livro, que V. M.^{ce} me promette nas ditas contas. Não quero por ora discorrer sobre o costume que V. M^{ce} me diz, do nosso ministerio nessa côrte de nunca se mandarem contas, ou extracto d'ellas. V. M.^{ce} póde julgar, se era bem feito, ou não. Porém primeira mente posso segurar a V. M.^{ce} que, quando se remetiam encommendas, ainda no tempo do Bispo do Porto, sempre se dava noticia do seu custo, não só para satisfazer a curiosidade de S. Mag.^{de}, mas tambem para regulamento das remessas de dinheiro; de outra sorte succederá muitas vezes o que V. M.^{ce} tem experimentado, de faltar o dito dinheiro nas occasiões mais precisas. Em segundo lugar é bem que V. M.^{ce} faça reflexão na diversidade dos tempos, circumstancias de Ministerios. Em outros tempos, como V M.^{ce} me ponderou varias vezes, se fazia capricho de gastar muito, o que não é agora, como tenho declarado a V. M.^{ce} em diversas occasiões. Os outros Ministros, que rezidiam nessa côrte, não tinham as contradições e emulações que V. M.^{ce} tem experimentado, nem delles se dizia que gastavam o que queriam, e que tudo compravam por dinheiro, etc., e ainda que o fizessem, não por isto se murmurava delles, porque não tinham emulos e invejozos, que qualificassem as suas acções. V. M.^{ce} não tem a mesma fortuna: e como o mundo dá muitas voltas, não é bem que tenham em que lhe pagar: e se tenho sido o unico canal, por onde tem corrido as incumbencias da nossa côrte para V. M.^{ce}, é justo que me ache prevenido para defender o procedimento de V. M.^{ce} no serviço della, e para responder ás cavillozas opposições que se lhe poderão fazer. E' verdade que eu espero que, procedendo V. M.^{ce} com a devida reflexão e prudencia, e continuando a fazer serviços, como ninguem até agora fez, poderá melhorar de fortuna, pois até a inveja cança, vendo que não aproveita: mas a cautela sempre é boa, porque tirará mais depressa o pasto á mesma inveja.

(51—III—68—fl. 99.)

Roma, 7 de Abril de 1743.

... «Com os riscos e instrucções para a Capella de S. João Baptista se deu logo principio ao modêlo e compra, assim de marmores, como do mais que era necessario, principalmente de lapis-lazuli, por se achar uma unica partida de oitocentas libras, que se quiz sempre vender por junto; e dar-se hoje grandissima difficuldade para se conseguir partida avultada do dito lapis-lazuli. Os architectos fizeram varias duvidas sobre as instrucções que me vieram, e replicam por esta causa para maior lume, acerto e perfeição da obra, que será certamente do maior primor.»

Agostinho Massuci já metteu mão aos quadros, e acabado o primeiro se principiará desde logo a pôr em mosaico, a cuja fabrica tenho falado para que se não empenhe com differentes obras, pois que nunca faltam...

(49—VII—33—fl. 95 v.)

Roma, 20 de Abril de 1743.

Aqui me succedeu um caso galantissimo com o Papa, que tem produzido muita inveja, muita emulação, e muito credito á minha pessoa. Eu o digo em poucas palavras, e confidencialmente a V. Rma. porque não sei como se escreverá n'este correio.

S. Sant.e tem a mesma paixão que eu tenho com a louça da India: ajustou toda a galanteria de palacio de talhas, vasos e curiosidades que lhe regalaram el-rei da Polonia, Gran-Mestre de Malta, e os cardeaes Camerlengo, Acquaviva, Datario, Secretario de estado Bichi, Sacripante, Alexandre Albani, mordomo e outras pessoas particulares, pois que já V. Rma. póde comprehender o que sejam subditos, conhecendo o genio dos soberanos.

Nunca foi possivel que eu lhe fizesse regalo algum neste genero, por mais que fossem as instancias, não já por interesse, ou grossaria, pois não podem dar-se com os principes, mas sim por ser este um assumpto de divertimento para o pobre Papa, vendo os actos da minha repugnancia, e ouvindo as razões das negativas repetidas. Ajustou quarta feira, em que se achava mais aliviado das suas oppressões continuas, fazer-me uma peça, e mandou pela manhã a monsenhor mordomo, e monsenhor mestre de camara a visitar-me: no tempo em que falavamos se levantou o mordomo com o motivo de vêr novamente o meu gabinete, e ficou o mestre de camara detendo-me com discursos sobre promoção, e outros particulares da côrte; mas entretanto vieram seis criados de palacio, e o mordomo tirando quatro talhas dos cantos em que estavam, lh'as entregou. A cousa não se fez com tanta brevidade, que eu não presentisse rumor, e quando passei ao gabinete encontrei o furto em ordem para sahir. Mostrei sobresalto para dar gosto ao Papa, pois que de outra sorte não tinha graça o divertimento; e ajudei, finalmente, a porem-se correntes as talhas ás costas dos criados, dizendo que quando o Papa mandava roubar, e mandava dois ladrões de tanta auctoridade como o seu mesmo mordomo e mestre de camara, era necessario que quem era roubado desse tambem mão do latrocinio.

(49—VII—33—fl. 222.)

Albano, 22 de Junho de 1743.

Pelo que toca aos novos quadros, que V. P. me ordena, procurarei que Massucci os faça com brevidade e perfeição que costuma, mas a brevidade não póde ser tão facilmente porque além de que o dito professor as abomine, deve finalisar primeiro um dos quadros da capella de S. João Baptista, por causa dos mosaicos, que se acham preparados para o principio da obra dos ditos quadros, pois que ajustei toda em vinte mil escudos por escriptura publica, com aprovação muito grande, tanto do dito Massucci e architectos, quanto de differentes pessoas da maior intelligencia, que me louvaram as muitas vantagens do ajuste.

(49—VII—33—fl. 272 v.)

Lisboa, 28 de Julho de 1743.

... «Remetto a V. M.ce a resposta do architecto sobre as duvidas que de ahi se mandaram a respeito da Capella de S. João Baptista; pela dita resposta e pela primeira instrucção que foi, se poderão regular os architectos de Roma para continuarem a obra á satisfação de S. Mag.de.»

(49—VIII—40—fl. 283 v.)

Roma, 1 de Agosto de 1743.

... As respostas que vieram para os Architectos são as que bastam sem duvida para se livrarem das que se lhe offereciam sobre a Capella de S. João Baptista, na qual se vae continuando com felicidade em todo o sentido ..

(49—VII—33—fl. 301)

Roma, outra na mesma data.

... A Commissão das Tapeçarias, ha muitos mezes que é repartida por tres fabricas com differentes teares, sem que seja davel a insinuação neste genero de que se trabalhe lentamente. A capella de S. João Baptista é repartida por infinitos Artifices, segundo as materias de que ella consta, e nem a fabrica nem o lavor, nem finalmente cada uma das cousas, que se fazem por differentes pessoas, permitte a insinuação de que se obre com menos diligencia. Os quadros de mosaico são estabelecidos por escriptura dos mesmos Architectos em vinte mil escudos, aos quaes me obriguei, supposta a vantagem que se me fez conhecer deste ajuste. Os quadros de pintura, tanto da primeira que segunda Commissão, se acham todos a cargo de Agostinho Massucci, que tem feito os riscos e esboço, de todos, pintando cada um delles, segundo o capricho e humor de que se acha cada dia, conforme a resposta que me deu sobre a duvida de não trabalhar unicamente em um quadro até se finalisar...

(49—VII—33—fl. 303)

Roma, 31 de Agosto de 1743.

... Mandei a Civita Vecchia cinco caixões grandes, n.º 1.º e 2.º são os paramentos sacros branco e encarnado com todas as cousas que lhe pertencem, e dentro em cada uma das caixas se acharão as Listas Originaes das ditas Commissões como tambem os preços dos Artifices differentes, que as fizeram.

... Na Capella do Espirito Santo e S. João Baptista se trabalha com muita diligencia, tendo-se adiantado de sorte, que já concorre bastante gente por conta da curiosidade do Paiz, e Sua Santidade me intimou o querer vel-a antes de que se embarque.

(49—VII—33—fl. 325)

Lisboa, 10 de Setembro de 1743.

... «Pelo que toca ás encommendas que V. S. tem entre mãos, não é necessario que alguma dellas se suspenda inteiramente; bastará não apressal-as, especialmente as que necessariamente levam tempo, como é a factura da capella, paineis de mosaico, etc. Nem a insinuação que fiz a V. S. neste particular pedia semelhante suspensão, pois com o dinheiro que se havia remettido, e que se ia remettendo, bem se podia conservar a continuação dellas, subministrando successivamente aos artifices algumas sommas moderadas, até se poderem fazer outras remessas de ouro. Assim pratica em França Francisco Mendes, a quem se tem encommendado obras de gravissimo custo, e as remessas que se lhe fazem são bem raras e tardas; mas não deixa de mandar as encommendas, porque basta o credito e a certeza de que se hão de pagar, para fiarem delle o que manda fazer. O mesmo deveriam praticar com V. S.ª nessa côrte, aonde se sabe por experiencia, que tudo se paga com bastante pontualidade; nem a demora havia de ser de annos, senão de poucos mezes.»

51—III—68—fl. 133.)

Roma, 26 de Outubro de 1743.

... A Capella de S. João Baptista se tem adiantado de tal sorte, que faz pasmar o pouco tempo em que se tem feito tanto. Dois quadros de Massucci estão feitos, e o primeiro de mosaico principiado. Preparo actualmente um caixão grande de pannos de raz, para mandar a Civita Vecchia, e emfim tudo se trabalha, e tudo se vae pondo corrente com aquella pontualidade e cuidado que tem sempre conhecido.

(49—VII—33—fl. 405 v.)

Roma, 8 de fevereiro de 1744.

... «Trabalha-se na capella de S. João Baptista com todo o cuidado, e no mesmo tempo se fazem os mosaicos, quadros e metaes, com tudo o mais que pertence á mesma capella, da qual julgam todos que possa merecer admiração.»

(49—VII—34—fl. 26.)

Lisboa, 14 de Março de 1744.

... «Pelo que toca á capella de S. João Baptista, vejo que se trabalhava nella com calor; o que nunca se persuadiu o Architecto que fez aqui as instrucções, e mandou algumas advertencias tocantes á architectura e idéa que de lá veiu. Por isto havendo-me significado ha tempos que tinha ainda que advertir sobre a mesma architectura, e fazer uns riscos, por onde melhor se governasse a obra, só agora que teve noticia do seu adiantamento, se resol-

veu a acabar uma e outra cousa, remettendo-me os papeis inclusos, e o caixotinho comprido que contém os ditos riscos.

(49—VIII—41—fl. 14.)

Lisboa, 14 de Março de 1744.

Meu amigo e meu Sr. estimo quanto V. S. póde imaginar estas novas mercês que S. Mag.de lhe fez, que são igualmente de honra e de proveito. E agora verá V. S., pois o toca com as mãos, se são veridicas as minhas promessas, ou os meus vaticinios. Sempre disse a V. S. que tratasse de servir bem a S. Mag.de. especialmente no que era do seu maior agrado, porque lhe não havia de faltar o premio condigno e desejado. A mercê da nova commenda, em lugar da 1.a, em todo o tempo seria mui estimavel pelo excesso do rendimento, que vae de uma a outra; porém no tempo presente, em que tantos Fidalgos da primeira graduação estão requerendo e suspirando por commendas, dilatando-lhes S. Mag.de por justas causas os despachos, ainda se faz mais estimavel, e mostra a especial benignidade de S. Mag.de para com V. S. Por esta mesma razão se não tem ainda publicado a tal mercê, e manda o mesmo Sr. recommendar a V. S que não falle nella na carta que escrever ao Sr. Marco Antonio, nem nas de officio que fizer para mim, bastando nestas expressar com termos geraes os seus agradecimentos pelas novas mercês que S. Mag.de lhe tem feito. A do Foro de Fidalgo bem sabe V. S. quão estimavel é neste Reino. De todas ellas é justo que V. S. dê tambem os agradecimentos ao Papa, não se podendo negar que a grande propensão que S. Santidade tem mostrado a V. S., deferindo ás suas representações nos particulares tocantes á nossa Côrte, tem sido a causa de V. S. grangear a maior estimação de S. Mag.de, e merecer-lhe todas estas mercês. Estou certo que V. S. ha de continuar a servir a S. Mag.de com o mesmo zelo e eficacia em tudo o que se offerecer do seu real agrado; e eu pela minha parte não deixarei de contribuir para tudo o que fôr do gosto e adiantamento de V. S.

(51—III—68—fl. 149.)

Roma, 12 de Abril de 1744.

... «Os novos riscos que vieram para a Capella de S. João Baptista fizeram novidade aos Architectos Salvi e Vanvitelli, que são os melhores d'esta Côrte: elles respondem aos prenotandos e advertencias que V. P. me remetteu, os quaes parecem mais proprios de uma vontade com animo de querer fazer discursos, que de um juizo de Architectura. Creia-me V. P. que a sobredita Capella além de ser cousa das mais raras na Europa, é livre tambem de qualquer defeito que possa notar-se-lhe, porque finalmente estamos em Roma, donde os reparos neste genero são mais communs de que em Lisboa, por serem maiores os professores, tanto em numero que nas experiencias. Far-se-ha porém o que se ordena de mais a mais, tanto a respeito da

Capella que do baptisterio, como tambem das Cancelladas, e darei ordem para todas as encommendas que recebo pertencentes á referida Capella segundo os differentes papeis dellas que V. P. me remette.»

(49—VII—34—fl. 95 v.)

Lisboa, 21 de Maio de 1744.

... «Serve esta de acompanhar a resposta do Architecto á critica que de lá veiu sobre os riscos e advertencias que de cá se mandaram para a Capella de S. João Baptista. Remetto-a da mesma sorte que ainda agora a recebi, em portuguez, e mal copiada, pois tem bastantes erros na lingua sem embargo de que estes poderão ser do Author que não é portuguez, nem tem feito grande estudo na mesma lingua. Elle ficou bem picado da critica, e o mostra na sua resposta. Para esta se entender é preciso que V. S.ª a faça traduzir por quem fôr pratico de uma e outra lingua, e tambem dos termos da Architectura. Alguma palavra que fôr demasiadamente picante poderá omittir-se ou moderar-se. Porém devo advertir a V. S.ª que me consta, que assim a critica como a resposta, foram presentes a S. Mag.de; e como approvou as advertencias que se fazem no fim da dita resposta, procure V. S.ª que se executem...

... Por outra via tive noticia que estava mal... Massucci: estimarei que se ache já convalescido; porque na realidade é o melhor pintor que presentemente ha em Roma.

(49—VIII—41—fl. 37.)

Lisboa, 26 de Maio de 1744.

... «Na 2.ª carta que escrevi a V. S.ª pelo expresso, com data de 21 do corrente, lhe adverti que fizesse executar por esses Architectos o que se dizia no fim da resposta d'este Architecto á critica que de lá veiu, o mesmo lhe confirmo na presente. Porém esta advertencia não tira a que se deu no papel antecedente, que de lá se mandou, do qual se fazia menção no principio desta mesma resposta, isto é, que se não mandasse o que estava feito na Capella de S. João Baptista, senão no caso que a mudança houvesse de custar sómente seis ou sete mil cruzados; pois se fôr mais custosa não convem, assim por não multiplicar tantos gastos, como por não atrazar muito a obra.»

(49—VIII—41—fl. 38.)

Roma, 22 de Junho de 1744.

... «Trabalha-se incessantemente por differentes artifices, assim nas cancelladas como no baptisterio; mas V. Rma. é bem capaz para o conhecimento de que semilhantes commissões não podem fazer-se com a brevidade que deseja; espero porém que seja toda a que é possivel, e igualmente a fabrica da magnifica Capella de S. João Baptista, lisongeando-me de que

possa finalizar-se por todo o Dezembro deste anno: S. Santidade me falou em querer sagrar o altar antes de que parta, e se servirá V. Rma. avisando-me se o deva permittir.

Fiz traduzir e moderar as respostas picantes dos Architectos dessa corte aos de Roma sobre a referida Capella, e, se devo dizer sinceramente o que entendo, são grandes as equivocações que esses Srs. tomam, tanto na doutrina quanto na idéa, e nos exemplos que allegam. Não consenti que estes architectos respondessem por não passarmos o tempo com apologias sem utilidade.»

(49—VII—43—155 v.)

Caldas, 14 de Julho de 1744.

... «Estima S. Mag.de que se trabalhe com força nas cancelladas e baptisterio, as quaes encommendas se desejam com maior brevidade do que a da Capella de S. João Baptista. Não se desagradou porém o mesmo Sr. da noticia de que a dita Capella poderá acabar-se por todo o mez de Dezembro deste anno. E muito mais se agradou da noticia de querer S. Sant.e sagrar o altar: e com esta occasião poderá conceder-lhe o privilegio quotidiano e as indulgencias que lhe parecer...

«Bem fez V. S.a em impedir novas replicas desses Architectos ás respostas que de cá foram ás suas criticas: porém sempre será conveniente saber-se, por um simples apontamento, em que errou ou se equivocou o nosso Architecto nas referidas respostas, para se desabusar dos taes erros.»

(49—VIII—41—fl. 50)

Roma, 19 de Setembro de 1744.

... «Vou fazendo diligencia para o frete do navio veneziano, mas como não basta um para todas as commissões, tratando-se principalmente da Capella, cancelladas e baptisterio, é necessario fretar dois, segundo me aconselham as pessoas mais praticas. S Sant.e tem destinado fazer a sagração do altar da dita Capella na nossa egreja nacional de S. Antonio, em dia da oitava da Conceição de N. Senhora.»

(49—VII—34—fl. 238.)

Lisboa, 25 de Setembro de 1744.

... «A Capella de S. João Baptista bom é que se acabe, como V. S.a entende, por todo este anno, e sempre se agrada S. Mag.de que as encommendas se executem e venham com brevidade (sem prejuizo da sua perfeição); mas quando se não poder executar tudo no mesmo tempo, dê-se a preferencia ao que se pede com recommendação de maior brevidade. V. S.a diz que o Papa lhe falára em querer sagrar o altar da dita Capella, e me pergunta se o deve permittir? E' certo que S. Mag.de não só não póde ter nisto a menor duvida, mas antes terá a maior satisfação. Se algum reparo houvesse de occorrer ao mesmo Sr. só seria na menos decencia em se haver (depois de sa-

grado) de embarcar, desembarcar e assentar no seu logar, pegando nelle faquinos e trabalhadores. Mas se vier sagrado, se terá todo o cuidado em que se conduza e se assente com toda a possivel decencia. E V. S.ª não deixe de agradecer a S. Santidade da parte de S. Mag.de o querer tomar o trabalho de sagrar o dito altar.

Diz V. S.ª que na resposta do nosso Architecto á critica dos de Roma sobre a referida Capella, havia varias equivocações: ordena S. Mag.de que V. S.ª as faça apontar em um papel e m'as remetta para se mostrarem ao dito nosso Architecto, porque, sendo verdadeiras equivocações, é bem que elle as conheça, e se não forem, justo será que se desenganem esses de Roma. Não é necessario que seja o papel formado com discursos ou reflexões; bastará uma simples nota das sobreditas equivocações.»

(49—VIII—41—fl. 69 v.)

Lisboa, 29 de Setembro de 1744.

... «Na carta de officio n.º 759 não encontro materia de resposta, e só lhe confirmo o particular gosto de S. Mag.de de que o Papa queira ter o trabalho de sagrar o altar da nova Capella do Espirito Santo, N. Senhora e S. João Baptista. E visto estar S. Sant.e na resolução de fazer a dita funcção, trate V. S.ª de o acautellar com toda a decencia no caixão em que houver de vir para Lisboa, pois aqui se cuidará tambem na decencia do desembarque e do assentamento no seu logar.»

(49—VIII—41—fl. 74.)

Roma, 19 de Dezembro de 1744.

... «Terça feira passada, 15 do corrente, e oitava da Conceição de N. Senhora se fez a consagração do altar por S. Sant.e, e certamente que foi uma das funcções mais solemnes que se tem visto no presente pontificado. O Papa foi em publico á igreja, donde concorreu infinita nobreza que conheceu todo o maior gosto em a dita funcção, ainda que durasse mais de tres horas. Tanto Mons. Pier Santi, segundo mestre de cerimonias, que D. Nunsio Sperandio, terceiro, escrevem exactamente a mesma funcção principiando das vesporas, não só para que se registe nos livros dos diarios, mas tambem para poder remetter a essa Corte, donde espero que se faça estimavel esta occasião, quando se leiam as noticias individuaes dos ditos dois mestres de cerimonias pontificios, cujas relações mandarei pelo proprio, que supponho serei em termos de poder espedil-o até 15 de Janeiro, afim de que passem as festas do Natal, pois que nas capellas nunca faltam assaltos de Cardeaes ao Papa n'aquelles negocios que são pendentes, e em que muitos dos ditos Snrs. se interessam quando se trata principalmente de promoções.»

(49—VII—34—fl. 282 v.)

Roma, 23 de Janeiro de 1745.

... «A consagração que fez S. Santidade do altar para a nova Capella, foi certamente das occasiões mais particulares para a veneração do glorioso nome de S. Mag.de; e afim de que possa perpetuar-se aquelle mesmo conhecimento, vai o Breve pontificio, que por todos os titulos se faz estimavel, suppostas as distincções que delle resultam: persuado-me que S. Mag.de não só se agradará do dito Breve a respeito do que significa, mas que se agrade tambem das minhas diligencias em solicital-o, e de tudo o mais que dispuz para aquella funcção.

Vai tambem o livro della escrito exactamente por Mons. Pier Santi, segundo mestre de cerimonias e vai a relação que fez o terceiro; sendo a mesma que se copiou nos diarios. A toalha que se poz no altar fica posta de parte, accommodada já em custodia, para mandal-a quando partirem os dois navios com as encommendas, e mando por este expresso a mesma colher de que se serviu o Papa naquella occasião.

(49—VII—34—fl. 293.)

Roma... (outra com a mesma data).

... «Os desenhos pelos quaes se trabalham os trinta castiçaes para a Exposição na nova Capella, os seis castiçaes para o altar, os dois tocheiros, as tres lampadas, duas das quaes são iguaes, a pixide com o calix de ouro, relicarios e frontal de prata... (mando)

49—VII—34—fl. 298 v.)

Lisboa, 23 de Abril de 1745.

... «Porém se manda advertir a V. S.ª que veja e considere muito bem de quem se serve para os ajustes dos preços das obras que se lhe encommendam, e a quem encarrega o cuidado e vigilancia sobre os executores das ditas obras: porquanto tem chegado á real presença de S. Mag.de, sem ser por minha via, varias cartas com a noticia de grandes descaminhos que se tem feito na obra da Capella, ou seja em furtos de materiaes ou em preços excessivos, ou de qualquer outra sorte, arbitrando-se em muitas sommas de mil cruzados os ditos descaminhos. E tambem affirmam que muita gente se aproveita na compra das encommendas de S. Mag.de e que todas ellas vem a custar ao mesmo Sr. mais do que valem. Eu não posso responder a estas accusações, porque não tenho contas que mostrar, sem embargo de as haver pedido muitas vezes a V. S.ª, prevendo que mais cedo ou mais tarde haviam de servir. Nem posso fazer uso das que V. S.ª me mandou em Julho de 1738 e em Maio de 1743, porque não são contas individuaes, mas antes resumos de contas, contendo cada verba de encommendas varias despezas sem especificação alguma de donde se possa colligir o que custou cada uma, nem se foram caras ou baratas. Se eu mostrasse estas contas, em logar de se desfazerem as ditas accusações, talvez se confirmariam. Procure pois V. S.ª mandar fazer

as contas com outra clareza e individuação, para que por ellas se possa saber o custo de cada encommenda. E para este effeito devia V. S.ª mandar fazer duas castas de contas; umas particulares de cada commissão sobre si, as quaes deviam vir successivamente; e outras geraes, nas quaes deviam entrar as mais despezas e as sommas sómente das ditas contas particulares, reportando-se a estas quanto a individuação. Assim o praticou sempre o P.e Tambini em trinta e tantos annos que serviu a Côrte, e assim o continua o seu successor. Nem foi menor a distincção e clareza das contas que mandou de Napoles o P.e Quatromani de todas as obras de latão que se lhe encommendaram para a real igreja de Mafra; como V. S.ª poderia vêr claramente nas copias de umas e outras se eu tivera tido a advertencia de as mandar tirar, para lhas remetter na presente occasião: mas as mandarei talvez em outra. Tenho-me alargado mais do que costumo n'este particular; porque tem corrido muito as murmurações sobre os gastos que V. S.ª faz. E como S. Mag.de me fez a honra de se fiar de mim, e do meu cuidado no que toca a fiel administração dos dinheiros, que por minha via se remettem para Italia, não só por conciencia mas por honra sou obrigado a advertir a V. S.ª o que se diz; e o que eu entendo na materia, especialmente havendo-me o mesmo Sr. ordenado muitas vezes que eu recomendasse a V. S.ª a moderação nos gastos, e a boa economia nas compras de tudo o que se encommendava.»

49—VIII—41—fl. 140)

Roma, 29 de Maio de 1745.

«Não posso negar que o despacho de V. Rma, que vinha notado ao n.º 5, produzisse na minha sensibilidade maior desprazer e maior consternação que é davel. Advérte-me V. Rev.ª sobre gastos, sobre contas, sobre preços, sobre descaminhos e sobre menos vigilancia no encargo das commissões. Deus julgue estreitamente a quem por titulos particulares fomenta semilhantes sugestões sem reflectir ao perjuizo do decoro alheio, talvez por satisfazer a conveniencia propria.

Eu não sei meu Sr. como viva; porque, se fiscalizo, fazem-se processos contra o meu contenho, *(sic)*, segundo V. Rma. tem experimentado em algumas cartas que tem recebido cheias de critica pela tenuidade de agradecimentos, e viu nos recursos do abbade Radatâ a S. Alteza. O Architecto Vanvitelli por conta dos seus intentos, tem fabricado taes idéas e taes arengas contra o Architecto Salvi, e pessoas de que me sirvo, que nem admiram as cartas que V. Rma. insinua, nem os avizos do zelo pharisaico com que são escriptas por sujeitos aos quaes pela indifferença affectada, cobrem o animo que nutrem, e escondem a mão que os move para as feridas.

Ora, Rmo. Sr. ouça V. Rma. a minha vaidade e o meu desvanecimento nesta materia: a nossa Côrte nunca foi mais bem servida na de Roma sobre commissões; é esta uma preposição que posso justificar com provas irrefragaveis e respectivas do passado ao presente...

... Descaminhos e falta de vigilancia não é facil provar-se, porque são publicas as conferencias que faço com os artifices em todas as semanas, não obstante a minha applicação extraordinaria em tantas materias quantas a V. Rma. são presentes. As pessoas de que me fio para a ingerencia são de

honra, e de que até agora tenho experiencia, assim de fidelidade em dinheiros como de juizo, para não subjacerem aos enganos que nesta Côrte são communs termos, e que não conheço fundamento subsistente no processo que se me fez por differentes cartas, como V. Rma. me refere, visto faltarem os motivos racionaveis em que se fundem...

... Nestes poucos dias se ajustaram os dois livros que remetto, um das commissões com o nome dos artifices e importancia dos preços, outro dos riscos todos das ditas commissões, e individuação por partes do custo de cada uma dellas...

... Eu, venerando Sr., não posso fazer milagres, as minhas forças são tão diminutas, que apenas bastam para o que necessito. Commissões tão relevantes, tão numerosas, e de tanta quantidade assim de ouro, como de prata, necessita de frotas. Os artifices neste genero, não trabalham se os dinheiros não correm; é quasi tudo concluido, e faltam as quantias para os pagamentos: com o que me tocava posso dizer que tenho cumprido, e falta unicamente que V. Rma. me assista, como incessantemente lhe peço, para sairmos com verdadeiro decoro de um laberinto tão grande neste genero de commissões, das quaes se acabará de fazer conceito á vista da individual noticia dellas, que remetto...»

(49—VII—34—fl. 397 v.)

Lisboa, 6 de Julho de 1745.

... Os livros que V. S.ª me remetteu com a declaração das obras que se acham encommendadas, e dos preços que por ellas pertendem os artifices, os levei logo para o paço, e lá os deixei para que S. Mag.de os mande considerar por quem entende de semilhantes obras, e custo d'ellas; e resolva o que for servido no tocante ás remessas do ouro de que se necessita para se acabarem. E' certo que cá se não tinha formado idéa de tão grande gasto, e apenas se persuadiam que fosse a metade.

(49—VIII—41—fl. 157 v.)

Roma, 14 de Julho de 1745.

Meu amigo e Sr. de toda a minha veneração.—A ordem que V. Rma. me dá no despacho de 8 de junho, a respeito de Agostinho Massucci, é particular, a que respondo particularmente, para satisfazer com maior liberdade. O dito Agostinho Massucci se acha tisico vai para dois annos, e no corrente esteve duas vezes com a santa unção. O achaque que padece, lhe não dá logar a trabalhar, por cujo motivo nem ainda o primeiro quadro tem aperfeiçoado. Não é inferior a sua pobreza pela quantidade de obrigacões; e a este titulo me tem tirado até agora, mil trezentos e tantos escudos. A commissão de todos os quadros entreguei desde o principio ao mesmo Masucci, mas vendo-o por duas vezes á santa unção, vendo que, ainda vivendo, não dava os quadros todos em doze annos, e vendo finalmente que o empenho de querer conservar a dita commissão era a respeito de tirar dinheiros á conta, era

mais que necessario o expediente de tomar arbitrio, com que satisfizesse ao serviço de El-Rei, e ao cuidado com que n'elle me emprego. Escolhi os tres maiores homens de Roma, e que conhecem por eguaes a Masucci, sem embargo de que queiram ser superiores, São elles Conca, Battoni e Corrado, de cuja resolução se queixou Masucci, dando-me resposta que, nas suas faltas ou impossibilidades de trabalhar, poderiam satisfazer os discipulos da sua escola.

D'este successo póde V. Rma. inferir a insubsistencia das queixas, a impostura do reata, e a prudencia com que obro...

... «Se pois P. Rmo. meu, damos ouvidos ás ambições de Roma, ás idéas dos interesses, ás maquinas dos desgostados e ás velhacarias dos emulos, não cessará V. Rma. de receber cartas, nem bastarão resmas de papel para ellas. Sirvo S. Mag.de como devo em todo o sentido, e da integridade e fidelidade dos homens que professam honra, se deve fiar muito do acerto com que obram, independentes dos humores satiricos de Roma, por causa das ambições, ou das dignidades, ou dos interesses.

Se eu deixasse comer o Architecto Vanvitelli como elle queria, e segundo as medidas que tinha tomado pelas suas idéas, não escreveria o libello infamatorio que escreveu a essa Côrte contra mim, e mais que tudo contra os que me servem, segundo elle referiu em triumpho a varios dos seus sequazes antes de partir para Milão, dando intelligencias de que tinha architectado um papel que faria golpe, e que para o fazer maior o tinha mandado por via da Companhia.

Reconheço meu Rmo. Sr. que o soffrimento é prudente, mas tambem vejo que, quando é muito, é impraticavel. Confesso que não posso nem sei fazer mais do que faço no serviço de ElRei, tanto politico, que civil e economico, no serviço da Companhia, e no serviço de toda a Nação»...

49—VII—34—fl. 455 v.)

Lisboa, 17 de Agosto de 1746.

Meu amigo e Sr.—Respondo com esta particular á que V. S. me escreveu na mesma fórma sobre a commissão dos paineis do Baptismo de Christo, e de N. Senhora da Conceição, que V. S. encommendou a outros pintores, havendo S. Mag.de ordenado que se encommendassem a Masucci. Fiz presente ao mesmo Sr. a propria carta de V. S. para melhor se persuadir das razões que tinham movido V. S. a tomar aquelle arbitrio. Porém, sem embargo de tudo isto, ordena S. Mag.de que se façam os referidos paineis pelo dito Masucci, de cujas pinturas se agradou o mesmo Sr. muito mais que de quaesquer outras, que vieram de Roma. Só morrendo elle, ou ficando de todo incapacitado a trabalhar, se contentará S. Mag.de que sejam feitos por outros... E para que elle trabalhe com mais animo e gosto, subministre-lhe V. S. dinheiro á proporção do valor das suas obras.

A' noticia ou queixa de se haverem encommendado a outros pintores os taes paineis veiu em cartas dirigidas a S. Mag.de e a algum secular que trata no Paço, e não foram as ditas cartas de Jesuitas. Quando ellas se leram, achou-se totalmente novo S. Mag.de, e eu tambem; porque se estava na total

intelligencia de que os paineis se faziam pelo referido Masucci, não havendo V S. mandado noticia alguma em contrario. E este silencio nunca póde ser aprovado, tratando-se de se affastar de uma ordem expressa que se havia mandado. Se V. S. désse conta do estado em que se achava o dito pintor, ordenaria S. Mag.^{de} o que fosse servido; ainda que, supposto o particular gosto que fez das suas obras, me persuado que não mandaria ordem de se encommendarem a outrem os paineis, senão no caso de faltar, ou ficar de todo incapaz de trabalhar o dito Masucci.

Não me consta que tenha vindo a esta côrte o libello infamatorio, que V. S. diz havia mandado, ou intentava mandar o Architecto Vanvitelli; salvo se m'o quizerem occultar, o que não era facil, vindo pela Companhia, por onde elle dizia que o tinha encaminhado. Eu sobre estas materias algumas cousas tinha que advertir a V. S., e ha muito tempo o desejo fazer em carta particular, porém nem tenho podido, nem ainda o posso fazer pela grande opressão de negocios e falta de tempo com que me acho. O farei, se poder, pelo Expresso. Entretanto devo segurar a V. S. que o maior desejo que eu tenho é que V. S. obre sempre de sorte que em nada lhe prejudique qualquer murmuração dos seus emulos, como lhe não prejudicará, sendo falsa.

(51 — III — 68 — fl. 182.)

Lisboa, 15 de Setembro de 1745.

Meu amigo e meu Sr.—Respondo n'esta carta confidencial a varios pontos conteudos em algumas de V. S. da mesma natureza, a que não tenho respondido até agora, ou por falta de tempo, ou por não poder conseguir resolução.

Primeiramente pelo que toca aos livros de contas, que V. S. me remetteu pelo Expresso Angelo Doria, e particularmente o dos preços das encommendas que lá se fazem, o mandou S. Mag.^{de} entregar á pessoa perita, que podesse fazer juizo do que n'elle se continha, e bem póde V. S. suppor que havia de ser Architecto intelligente de desenhos, de obras e de preços. Deu este immediatamente a resposta a S. Mag.^{de} e fallou com a moderação e reserva que devia; dizendo que para se fazer juizo verdadeiro dos preços era preciso ver a qualidade e perfeição das obras: porém que lhe pareciam algum tanto carregadas. Tambem pelos nomes dos autores entendia que não seria grande cousa algumas peças da Capella, como eram figuras de Anjos, Cherubins, etc.; e melhor conceito formava das esculpturas de simples ornato. Bem sei que V. S. declarou que a maior parte dos preços não eram ajustados, mas que, á vista das obras acabadas, se haviam de ultimar. Estimarei que fiquem em tal proporção que, quando se virem em Lisboa as taes obras, não só se não achem caras, mas baratas; o que servirá de credito a V. S., e de consolação para mim, que sempre desejei, e desejo, que as murmurações que se fazem de V. S. se reconheçam por calumnias. E d'isto mesmo se originaram os grandes sentimentos que tenho manifestado a V. S. de varios successos; que sendo na realidade sensiveis, e attribuindo-se de alguma sorte a V. S., ou a seus descuidos, não tinha eu meio com que justificar as operações de V. S., e a minha continua correspondencia e notoria amizade com a sua pessoa; parecendo a

todos impossivel que eu escrevesse, e recommendasse com efficacia a V. S. muitos particulares, cujos effeitos se viam depois totalmente contrarios; especialmente quando não eram cousas de tanta difficuldade, que o talento, auctoridade e entrada de V. S. não podesse vencer ou moderar. Isto que digo genericamente não é só a respeito das cousas da Companhia, mas tambem de outras, que V. S. bem sabe. Nas que forem de meu empenho particular, nunca mostrarei a V. S. o meu sentimento, ainda que não tenham effeito. Mas nas em que entrar o respeito, ou o particular gosto de S. Mag.de, ou a sua recommendação, é impossivel que eu não mostre o meu sentimento se não tiverem effeito ou forem mal succedidas; porque me custa muito ser redarguido pelo mesmo Sr., que ordinariamente mede pelos effeitos a efficacia das diligencias, ou das recommendações: nem deixa de ponderar, quando a cousa é factivel, e quando impraticavel, ou difficultosa. O mesmo digo a respeito de pessoas maiores protegidas por S. Mag.de. E já que escrevo a V. S. em confiança, lhe descobrirei um meu juizo temerario; e vem a ser, que V. S. se terá persuadido, que algumas minhas recommendações feitas em nome de S. Mag.de se fundariam mais em meu empenho particular do que eu desejo e ordem do mesmo Sr. O fundamento deste juizo é o vêr que V. S. tem feito pouco cazo das taes recommendações, parecendo-me que não devia ser assim, reconhecendo V. S. nellas o verdadeiro desejo de S. Mag.de. Chamo porém temerario o dito juizo, porque tambem me não devo persuadir que V. S. tenha tão fraco conceito da minha sinceridade e fidelidade, que me ache capaz de tomar falsamente, na boca ou na penna, o real nome do mesmo Sr. Não lograria eu tanta honra e mercê quanta me fazem, não só os desta côrte, mas todos os Srs. Portuguezes, que me conhecem neste Reino, (sem embargo da menos inclinação que ha nelle a Estrangeiros, como V. S. bem sabe) se não fôra mui sabida e constante a minha verdade e lisura com que fallo, obro, e trato com todas as pessoas. Pois da mesma sorte tenho sempre tratado com V. S. na nossa larga correspondencia, e até nas mesmas queixas o tenho mostrado; porque, se eu fôra de animo dobre, não me queixava com tanta clareza e largueza a V. S.; me tivera antes calado, e depois tivera obrado segundo o dictame do mesmo animo sentido e apaixonado, como muitos fazem, de que certamente é muito alheia a minha honra: e quero dizer que me podera ter retirado do campo em que sempre estive com pé firme e constante a favor de V. S., e encostar-me ao partido contrario, que é tão superior em numero e forças, como V. S. bem sabe, e ainda se conserva no mesmo campo. Mas torno a dizer que isto é muito alheio da minha honra e ingenuidade; e por isto me queixo abertamente com V. S. quando tenho de que; desejando que V. S. proceda commigo com a mesma sinceridade e honra: livrando-me dos desgostos que me poder causar aquelles successos que V. S. póde impedir. E bem se póde V. S. persuadir, que a maior pena que eu podéra ter, seria ver-me obrigado, para salvar o meu credito e reputação, o quebrar aquella amizade, que apesar de muitos, contrahi e conservei tantos annos com V. S. Espero que tal não succederá, porque esta metamorphose só poderia causal-a o faltar V. S. expressamente á sua obrigação nos particulares do real agrado, ou serviço; desacerto que nunca se deve suppôr de V. S. Mas voltemos ás nossas contas, que assaz me tenho afastado do caminho, transportado do discurso, e do desejo de algum amigavel e confidencial desafogo.

O mandar V. S. o livro dos riscos e preços das obras, não só era conveniente, mas preciso para nosso governo; porque sem sabermos a quanto havia de chegar pouco mais ou menos a despeza, como nos podiamos regular nas remessas do ouro? Esta diligencia devia V. S. ter feito muito antes mandando orçar pouco mais ou menos cada uma das encommendas, logo que se lhe mandava a commissão d'ella; ou ao menos tanto que tivesse ajustado o preço, avisar-nos do seu custo. Se V. S. tivera feito assim, não tivera experimentado tanta falta de dinheiro, e S. Mag.de tivera sido mais bem servido, recebendo mais cedo, como desejava, as suas encommendas. Bem sei que V. S. mandava dizer a Medici, e tambem a mim, que necessitava de grandes sommas para a execução das ditas encommendas, mas isto dito assim em confuso, no mesmo tempo que de lá mandavam dizer que se furtava muito nas obras d'ElRey (e já segurei a V. S. que isto não era por cartas de PP. da Companhia mas de outros criticos de Roma, cujas cartas chegavam á real presença, sem ser por minha via) chegando-se a escrever que se orçava em 60:000 escudos o descaminho que até então se tinha feito, as quaes noticias me mandava participar S. Mag.de não porque desse credito a ellas, mas para que eu visse se era necessario mandar-se alguma advertencia, podendo na realidade haver descaminhos, por se fiar V. S. de pessoas que não tivessem toda a fidelidade; no mesmo tempo digo, que se mandavam de Roma semilhantes noticias, sem se saber o que faltava, eu me não animava a requerer a S. Mag.de remessas sem limite e avultadas. Agora se vae remettendo o que se póde, segundo o permittem as presentes circumstancias, em que ha pouquissimas náos para Italia, das quaes nos possamos fiar. De letras não gosta S. Mag.de, porque sabe que nellas se perde bastante.

Outro livro, que V. S. mandou com o resumo das suas contas, foi conveniente para o mesmo fim. Porém para credito de V. S. e para rebater as injustas murmurações, nem estas, nem as outras contas bastam. Sem que venham em livros, que se podem guardar em Roma com os recibos e clarezas a que se referem, deveria V. S. mandar em simples papel as mesmas contas, de cada encommenda sobre si, e em outro papel a conta geral de todos os mais gastos, em que entrasse a somma sómente das contas particulares. Assim fazia, como disse a V. S., o P. Tambini, o P. Quattromani, e outros. E por sua curiosidade lhe mando a que me remetteu o dito P. Quattromani; á vista da qual dirá V. S. se teria lugar a murmuração de que se furtava a S. Mag.de nas taes encommendas. A mesma conta a desmentiria: e isto mesmo é o que eu desejava fazer com as de V. S.

Pelo que toca ao meio que V. S. me aponta de se lhe determinarem mezadas, eu tambem o achava conveniente para se evitarem as outras murmurações de avultadas despezas que V. S. faz. Porém ainda me não animei a fazer esta proposta, por receio que S. Mag.de a não admitta, ou que, admittindo-a, mande observar o mesmo que se pratica com os Enviados das outras partes. Se houver occasião opportuna motivarei este ponto.

Ainda não disse a V. S. palavra do muito que se tem escripto e fallado da extremosa amizade de V. S. com a casa Borghese, com demonstrações bem visiveis a todos: tambem agora me não quero alargar sobre este ponto, bastando que V. S. saiba, que de um anno a esta parte, pouco mais ou menos, se tem escripto de lá muito, e com bastantes individuações; e não duvido que escreveria V. S. outro tanto, e muito mais, se visse em outro tempo os

mesmos excessos em outro Ministro. Estou muito bem lembrado da prevenção que V. S. me fez ha tempos sobre este particular, e da resposta que eu lhe dei, de que não tinha ouvido fallar em tal materia; e respondi com verdade. Não passou porém muito tempo que comecei a ouvir, e ler, e especialmente quando vieram relações particulares da sagração do Altar, e dos refrescos, que em semilhante occasião se deram; em que as finezas e distincções que V. S. praticou causaram reparo (segundo se escreveu) ainda a Cardeaes convidados para a dita função. Não individuo mil outras cousas, que successivamente se tem escripto, porque não o julgo necessario, e me falta o tempo. Para signal da minha amizade basta apontar-lhe a ferida que V. S. a cure no melhor modo que podér.

(51—III—68—fl. 185.)

Roma, 22 de Setembro de 1745.

Em ordem á segunda *(advertencia)* direi que Masucci caminha, mas com taes termos que espero em Deus lhe não succeda o mesmo que a Sures, e que tenho observado por confusão minha em alguns dos meus perseguidores. Eu chamei ao dito pintor, ordenando-lhe a declaração do seu caracter, que incluo; da qual elle duvidava, porque tenha talvez escripto, ou feito escrever o contrario, segundo as intelligencias que alcancei das suas poucas palavras.

Ter-lhe dado até agora dois mil e cem escudos, não é assistencia escassa, mas bem sim ampla. Não lhe ter suspendido, tirado, ou mudado quadro algum dos que se ordenaram, bem justifica que não é acinte dar a mesma commissão de alguns quadros a differentes pintores, mas sim cautela, prudencia, e desejos da brevidade, supposto o miseravel estado em que esteve, e que ainda continua, procedimento de que se não póde fazer reato, por ser louvavel, visto que só seria criminavel se lhe suspendesse ou tirasse quadro algum sem que elle morresse.

A commissão toda dos quadros não promette concluir que no anno de 46, mas contente-se a côrte se será no anno de 47.

(49—VII—34—fl. 612.)

Roma, 25 de Dezembro de 1745.

Ante-hontem reparti pelos artistas todos, vinte cinco mil escudos, sendo assim necessario por conta das obras, por conta do tempo e por conta do nome da côrte.

49—VII—34—fl. 612.)

Roma, 11 de Janeiro de 1747.

... O cuidado em que estive nos dias antecedentes, e que ainda me continua, póde V. Rma. julgar da lei, com que sahiu este governo por causa de se derreter a moeda corrente para se dourarem as mesmas commissões

pela falta de differente ouro: não me deu tanto cuidado a lei quanto a precisão de se suspenderem os professores, e com bastante agitação pude dar-lhe o remedio, que certamente era quasi impossivel.

(49—VII—35—fl. 212 v.)

Roma, 18 de Janeiro de 1747.

Discorre-me V. Rma. sobre as commissões dando-me os seguros das que são mais precisas, e das que por este titulo era bem que se remettessem com maior diligencia, supposto não dar-se prejuizo em qualquer demora das que eram menos necessarias, como por exemplo a capella de S. João Baptista. Respondo a V. Rma. com o que já lhe escrevi pelo expresso, dando-lhe a certeza de se acharem quasi concluidas todas as commissões, conforme póde justificar o mesmo expresso, que foi testemunha de vista, nem falta outra cousa, que o dinheiro de que se necessita, e o tempo capaz para que se embarquem em dois navios que tenho nolejado *(fretado)* em Veneza, e que devem estar no porto de Civita Vecchia até 8 de março. E' certo que não só um dos architectos, mas tambem dois ou tres professores, se faz necessario que devam ir com as referidas commissões; e ajustarei quanto deva dar-se a cada um d'elles por ida e vinda, e tambem a demora, segundo V. Rma. me insinua.

(49—VII—35—fl. 239 v.)

Roma, 19 de Abril de 1747.

... Domingo, 23 do corrente, irá ver S. Sant.^e^ a Capella, e mais commissões, que se devem embarcar tanto que cheguem os navios de Veneza, pelos quaes espero dia por dia...

(49—VII—35—fl. 962)

Lisboa, 24 de Agosto de 1747.

... «N'esta carta (26 de Julho) me dá V. S.^a^ noticia de haver já partido para Civita Vecchia toda a gente que devia embarcar nos tres navios, os quaes se deviam fazer á vela no dia seguinte, 27 de Julho. Se partiram com effeito, poderão chegar qualquer dia, ainda que os ventos não tenham corrido favoraveis á sua navegação, e só por esta causa poderá ser mais dilatada a sua viagem. Da gente que V. S.^a^ manda não me dá distincção alguma, nem dos ajustes que tem feito com os mestres e officiaes, sobre a paga que lhes deve correr no tempo que aqui estiverem. Não sei que motivo teve V. S.^a^ de guardar silencio nesta parte, devendo por todas as razões antecipar semilhantes noticias, até para serem presentes a S. Mag.^de^ que quando lhe tenho dado successivamente noticias dos taes navios, sempre me perguntou que pessoas vinham para o assento da Capella, e eu lhe respondia com a mesma incerteza, em que V. S.^a^ me tinha deixado»

49—IX—1—fl. 43.)

Lisboa, 12 de Outubro de 1747.

... Tambem viu o mesmo Sr. os paineis, o modêlo da Capella de S. João, e o pallioto do altar da dita Capella, e de tudo se mostrou S. Mag.de satisfeito, ainda que com differença de mais ou menos, quanto aos ditos paineis.

(49—IX—1—fl. 60.)

Lisboa, 3 de Novembro de 1747.

... Sobre pagas de officiaes teem chegado de Roma varios clamores, os quaes teem chegado por pessoa de authoridade aos ouvidos de S. Mag.de; tenho dado por resposta que ainda não podiam ter chegado a essa Côrte os effeitos de cinco remessas de ouro que eu tinha feito para Florença, que deviam servir para se pagar a maior parte das dividas que se estão devendo aos ditos officiaes; e que brevemente se farão mais algumas remessas para se acabarem de pagar as mesmas dividas. Por credito não só de V. S.a, mas tambem da Côrte, é mui conveniente que V. S.a me mande dizer depois que tiver distribuido o producto das sobreditas remessas, quanto se ficar devendo pouco mais ou menos, a cada um dos officiaes que ainda tem obras entre mãos, servindo esta noticia não só para governo de futuras remessas, mas tambem para se poder responder com fundamento quando se ouvem semilhantes clamores. Digo que me mande dizer quanto se ficar devendo pouco mais ou menos, porque bem sei que o ultimado preço depende da estimação que hão de fazer os peritos, acabadas as obras.»

(49—IX—1—fl. 68.)

Lisboa, 9 de Novembro de 1747.

Como já se acabou de assentar tudo que pertencia á Patriarchal, se dará logo principio á erecção da Capella de S. João, em que necessariamente se ha de gastar muito mais tempo, e bom fôra que entretanto viesse o quadro do altar de mosaico, e o outro que falta da vinda do Espirito Santo, porque se poriam nos seus logares com maior facilidade pelos mesmos officiaes. Não deixe V. S.a de apressar quanto fôr possivel as ditas obras, e quando estiverem acabadas, mandal-as por qualquer navio de bandeira segura, sem que seja preciso fretal-o de proposito. Entretanto estarão acabadas outras obras que ficaram nas mãos d'esses artifices.»

(49—IX—1—fl. 70 v.)

Lisboa, 1 de Dezembro de 1747.

«Já se está trabalhando na Capella de S. João na Igreja de S. Roque: entendo que ha de levar bastante tempo para se assentar com a devida perfeição.»

(49—IX—1—fl. 74.)

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1748.

Estimou S. Mag.[de] a noticia de que pelas ferias do Natal se embarcariam algumas das encommendas para Liorne, e que estivesse em termos de se acabar em poucos dias o segundo quadro de mosaico. Se o terceiro, que ainda não estava principiado, houver de ter muita dilação (como sem duvida terá se fôr o grande do meio) será melhor que o dito segundo venha na primeira occasião, com algumas outras encommendas que estiverem acabadas, para se assentarem emquanto se trabalhar na obra da Capella. Os embaraços que tive foram taes, que não pude ainda conferir com D. Francisco e Paulo Niccoli sobre o que V. S.ª lhe havia escripto a respeito das encommendas; pois a primeira vez que me buscaram, depois da partida do expresso, não foi possivel fallarmos; e a segunda, como vieram acompanhados com outro sujeito, não quiz entrar em conferencias sobre a materia, senão em termos geraes. Qualquer dia que eu estiver menos atrapalhado lhes farei aviso para nos avistarmos.

(49—IX—1—fl. 93.)

Lisboa, 25 de Julho de 1748.

Supponho que Feliziani e Niccoli dão noticia a V. S.ª do estado em que se acha a Capella, que poderá concluir-se até novembro ou dezembro. Seria mui conveniente que para o mesmo tempo chegassem os dois paineis de mosaico, para se porem nos seus logares antes de se descobrir e fazer uso da dita Capella.

(49—IX—1—fl. 156)

Lisboa, 21 de Novembro de 1748.

A obra da capella de S. João está acabada, e dizem que pela festa de S. Francisco Xavier estará livre de andaimes, e capaz de se vêr. Eu ainda lhe não pude dar uma vista; mas é melhor vel-a concluida do que imperfeita. Como ainda não vieram os dois paineis que faltam de mosaico, se fará uso das pinturas...

... D. Francisco e Niccoli, desejam partir logo; eu porém não julgo conveniente que se ponham em viagem no tempo de inverno: poderão partir pela Paschoa, e entretanto chegarão, como espero, algumas encommendas que estavam proximas a acabar-se.

(49—IX—1—fl. 189.)

Roma, 4 de Dezembro de 1748.

Bem desejava eu que fôsse factivel quanto V. Rma. me refere a respeito dos quadros de mosaico que faltam para a capella, mas é bem presente ao seu conhecimento, não ser davel maior diligencia, da que se pratica procurando toda a maior brevidade que seja possivel para que os ditos quadros se finalisem.

(49—VII—36—fl. 252 v.)

Roma, 23 de Abril de 1749.

... Falla-me V. Rma. no referido despacho com os acertos que costuma, sobre a duvida de vêr no ultimo Extracto, que lhe remetti em 12 de Fevereiro, dos residuos que se devem aos Professores de reaes commissões, a partida de 130:000 escudos, pelo importe de estatua e tocheiros que lavrava Gagliardi, quando no caderno dos orçamentos importava sómente 54:640 escudos, correndo tão grande differença de partida a partida que se fazia reparavel por todas as razões, sem encontrar-se alguma que podesse livrar da dita duvida.

Assim parece, Rmo. Snr., e devo dar-lhes tres respostas para satisfazer a reparo tão bem fundado. A primeira é com grande pena minha por ter morrido no dia de hontem dito Gagliardi, homem certamente de honra e de pericia na sua profissão, constando-me principalmente que, depois do grande trabalho, cuidado e rescaldação que tomou quando fundiu a estatua, principiou a perder totalmente a saude, e, como é morto, não podemos saber delle, com certeza physica, o motivo da sobredita differença.

Consiste a 2.ª resposta em dizer-me D. Francisco e Paulo Niccoli, que a partida de 54:640 escudos foi posta no Livro dos Orçamentos por estimação opinativa de Antonio Arighi com quem se tomou conselho em varios dos orçamentos, que então se propozeram para governo de V. Rma., e justificação minha naquelle tempo, cujos escandalhos[1] são sempre sottopostos a equivocações, e principalmente quando não são feitas dos proprios artifices. Disto mesmo poderia dar mil provas, baste sómente dizer-lhe que Guarnieri, o qual tem a commissão dos Relicarios, fez no principio o orçamento de 16 até 18 mil escudos, hoje porém affirma, que passa o importe de trinta, como se verá na entrega, por serem os orçamentos de prata e ouro muito falliveis.

A 3.ª resposta, me parece mais congruente, visto depender semilhante commissão de tres cousas unicamente, em que não póde cahir erro; peso de prata, quantia de ouro para dourar, e feitio do que se lavrou. Na primeira não póde dar-se engano; na segunda se faz quasi certa a importancia a quem tem pratica, e a terceira é provavel com o regulamento do peso da prata, sendo aquelle que dá lei e estatuto.

Nestes termos bem conhece V. Rma, que não é tão factivel equivocação de prejuizo, pois que devo receber estatua e tocheiros pelo peso, segundo o costume, pela estimação do ouro. que se gastou no dourar, segundo se observa, e pagar os feitios, segundo é estylo, vendo então com evidencia se importa 130:000 escudos, segundo escandelhava[2] o pobre Gagliardi, ou 54:640, conforme o orçamento opinativo de Antonio Arighi, e me parece que satisfaço desta sorte ao justo reparo e duvida tão racionavel com que V. Rma. me escreve.

Peza-me sensivelmente da falta do pobre Gagliardi, vendo-me hoje no cuidado que V. Rma. póde considerar, sendo preciso, que passe a differente mão perfeiçoar-se estatua e tocheiros, (obras ambas de igual relevancia que custo) com o navio nolejado *(fretado)* de mais a mais para o ultimo de Maio,

---

[1] — [2] Do italiano *scandagliàre*, examinar, avaliar.

e que deve depois passar a Genova para concluir a sua carga; Deus, porém, disporá os expedientes para remedio de tudo, e lembro a V. Rma. praticar os que lhe forem possiveis, sobre remessas, supposta a entrega, que os artifices devem fazer, sendo quasi todas de prata, e não de metal.

(49 — VII — 36 — fl. 355 v.)

Roma, 3 de Setembro de 1749.

O exame que V. Rma. me recommenda nas contas dos artifices, se faz sempre pelos dois architectos Salvi e Vanvitelli, como tambem por pessoas as mais peritas: entende-se o dito exame, nas contas que não são taradas, e que são unicamente simples orçamentos dos mesmos professores, das contas taradas (ou sejam ajustadas) já V. Rma. me deu ordem para não fazer rebate algum no acto de final pagamento, por causa do prejuizo dos mesmos officiaes pela demora do seu embolso. Não obstante, porém, o dito aviso, procurarei, quanto seja possivel, algum genero de relaxo nas contas que sejam taradas, e praticarei rigoroso exame nas que se devem tarar, de que darei noticia a V. Rma. por extracto, com distincta individuação de artifice, e das encommendas que a cada um d'elles se destinaram.

49 — VII — 36 — fl. 474 v.)

Lisboa, 4 de Setembro de 1749.

... «Hontem ou ante-hontem partiu uma nau de guerra ingleza na qual fiz embarcar quarenta barras de ouro, de cujo producto deve resultar em Roma, com o favor do cambio, a importancia de sessenta e tantos mil escudos, para pagamento das dividas das commissões. Mais barras tinha eu feito embarcar na mesma nau, mas tive ordem de fazer passar o producto a outra parte...

... Vejo o que V. S.ª me diz do encarecimento das instrucções que se lhe remetteram para a perfeição das obras que se encommendaram. Confesso a V. S.ª que eu não tive tempo de as ler quando se me entregaram, porque as recebi pouco antes de fechar o masso; se eu as visse, não deixaria de fazer sobre ellas algum commento, por conhecer o genio do architecto, que as compoz, e a verdadeira intenção de S. Mag.de segundo a qual eu faria regular a execução das ditas obras. Já em outra occasião disse a V. S.ª, se mal me lembro, que ouvi ao dito architecto, que a commissão da Capella, com todas as suas pertenças, chegaria a meio milhão de cruzados; e referindo eu isto a S. Mag.de me disse que não poderia importar tanto. Calcule agora V. S.ª toda a despeza, e veja se corresponde á idéa de S. Mag.de. Mas como a cousa não tem agora remedio, tratamos de pagar as dividas, e de segurar a fazenda.»

(49 — IX — 1 — fl. 271)

Roma, 8 de Outubro de 1749.

Dizer o Architecto que a Capella, com as mais cousas que lhe pertenciam, importaria sómente meio milhão de cruzados, conforme V. Rma. insinua, é signal de menos pratica ou de menos consideração no estimar, no ordenar e no instruir, pois que as suas instrucções que originalmente conservo, mostram a infinita despeza que era necessaria, bastando observal-as para se formar juizo. Com effeito, se mostra a insubsistencia e a pouca reflexão; porque se o ouro unicamente e a prata importa mais de meio milhão de cruzados, como era possivel que fosse racionavel semilhante orçamento para tudo?

Vai a lista de toda a carga que deve levar o navio, supposto o projecto de assegurar-se; entendo, porém, que difficultosamente posa dar-se negociante em Lisboa que assegure quasi seiscentos e sessenta mil cruzados, que a tantos correspondem 263:198 escudos.

(49 — VII — 36 — fl. 506)

XI

Observações sobre a cruz da banqueta e ainda sobre outros assumptos

Com a occasião de se verem os dezenhos das peças que se estão fazendo em Roma para servirem no altar da Capella do Espirito Santo e S. João Baptista, remettidos pelo postilhão que chegou o mez passado, se fez reparo em que vindo dezenhos de castiçaes da muta do altar, não viesse dezenho da cruz pertencente á mesma muta, tendo-se encommendado esta de seis castiçaes e sua cruz, pelo que de novo se adverte e confirma que a dita muta conste das referidas peças.

Do dito reparo se passou a discorrer sobre os usos do dito altar pelo que respeita á mesma cruz e se achou que a irmã dos castiçaes da muta referida nem sempre póde servir, como abaixo se mostra, concluindo-se a fórma de lhe dar providencia.

Em tres estados se póde considerar o dito altar; o primeiro, quando ordinariamente está com a muta de castiçaes e sua cruz na banqueta sem sacrario. O segundo, quanto está com o sacrario para uso da Sagrada Communhão, e o terceiro quando sobre o sacrario está collocada a machineta e ha exposição.

No primeiro não se encontra duvida, porque a cruz com os seis castiçaes está firme na banqueta, e esta conserva toda a sua largura independente do sacrario, pelo não haver então no altar. No segundo e terceiro consiste toda a duvida, porque, como o sacrario está sobre a banqueta do altar, e occupa n'ella grande parte do logar, em que se accommodava a cruz irmã da muta dos castiçaes, segue-se não caber a dita cruz, e que não devendo nem podendo estar o altar sem cruz, porque ha de celebrar-se n'elle; ou ha de usar-se de cruz pequena, que caiba no logar que o sacrario deixar livre e leve, que com facilidade possa afastar-se nas occasiões de abrir a porta do sacrario para dar a Sagrada Communhão etc., ou haver sobre a cupula do mesmo sacrario e da machineta, em logar de remate, uma cruz, que possa equivaler á que faltar na banqueta do altar.

O que supposto, se ordena que examinando o que se pratica em Roma em semilhante caso e ouvindo pareceres de pessoas doutas, praticas e escrupulosas n'esta materia, em conformidade do maior uso e do maior numero de votos, se faça logo, (além da cruz da sobredita muta) uma cruz pequena de prata dourada de igual bondade aos castiçaes da muta para servir na banqueta nas occasiões que estiver o sacrario ou cruz em logar de remate sobre a cupula do mesmo sacrario e da machineta, para que não falte cousa alguma quando houver de ser uso a dita Capella.

Torna-se a lembrar que quando vier a obra da Capella referida, venha algum bom e perito capomaestro acompanhado de alguns officiaes, que tenham trabalhado n'ella para a metterem no seu logar sem a damnificarem; os quaes

devem ser muito bem instruidos, não só da obra da Capella, mas tambem da fórma de armar o throno da exposição, a machineta, o docel, o lampadario, e tudo o mais pertencente aos moveis, compostura e serviço da mesma Capella.

Da mesma sorte se lembra e recommenda que venham os riscos que de cá se remetteram sobre a capella referida. — Lisboa, 26 de Março de 1745.

XII

Auctorisação do Cardeal Camarlengo para deixar sahir para Portugal, sem pagamento de direitos, os materiaes e objectos destinados á Capella de S. João Baptista

Silvio do Titulo de Santa Prisca, Presbytero Cardeal Valente, Secretario de Estado de Sua Santidade Nosso Senhor, e da Santa Romana Egreja Camarlengo.

Pelo theor presente, d'ordem especial da Santidade de Nosso Senhor, dado a nós de viva voz, e pela auctoridade do nosso officio de Camarlengo, concedemos licença e faculdade ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Commendador Sampaio, ministro da Real Corôa de Portugal, ou em sua vez a quem apresentar esta licença, de poder uma, ou mais vezes, ao arbitrio de Sua Excellencia, exportar, ou mandar exportar d'esta *Ripa Grande*, de Roma, sem revisão e sem algum novo conhecimento, ou visita dos empregados de Ripa, e sem nada pagar de Gabella ou Alfandega, a Capella recentemente mandada fazer em Roma, de marmores e metaes, com todos os seus annexos, dedicada ao Espirito Santo e S. João Baptista, e varias coisas e Commissões, pela mesma Real Côrte encommendadas a elle, e consistentes em oitocentos fardos, nos quaes, além da Capella sobredita, vão tambem os balaustres de metal dourado, o baptisterio, com outros objectos e modêlos, muitos paramentos sagrados, e arazes modernos fabricados n'esta cidade, para serem as ditas cousas levadas e mandadas levar para a mencionada Real Côrte; mandamos, portanto, a quem pertencer, que sob as penas a nosso arbitrio, não seja de maneira alguma impedida, ou demorada a dita exportação.

Dado em Roma, na Camara Apostolica, n'este dia de 21 de Março de 1747. *Cardeal Camarlengo, Cesar Ridolfi,* Secretario da Camara. *Ridolfi.*— Logar ✠ do sello.—Licença e faculdade de exportar marmores, metaes, etc.

XIII

Refutação ás pretenções do ourives Lourenço Pozzi

Dos seis argenteiros, que fizeram os trinta castiçaes para a exposição, todos pelo mesmo modêlo, nenhum tem menos razão para se queixar, que Lourenço Pozzi, porque pagando-se aos mais de feitio por cada um, conforme a avaliação de homens peritos, 425 escudos, os seis, que elle fez, sairam á razão de 538 escudos, a causa d'isto foi, porque tendo o dito empenhado no Monte da Piedade por 660 escudos os dois ultimos, que lhe restavam, foi necessario que a Côrte, para os poder haver, pagasse ao Monte a dita somma, que com o mais, que já o Pozzi tinha recebido, veiu-lhe a sair cada um de feitio á dita a razão de 538 escudos.

As razões que expõe no seu memorial, nada concluem. Diz 1.º, que o feitio de cada um dos quatro primeiros castiçaes foi com consentimento do Commendador Sampaio avaliado em 650 escudos, e que a tal partida se registrara em Computistaria. Esta segunda parte é falsa, e d'aqui se vê que o Commendador a não approvou, porque, se a approvasse, a mandaria registrar e dar-lhe credito della. Quanto ao consentimento de Sampaio, além de que homem morto não falla, é certo que a Côrte não consentiu na tal avaliação, pois ordenou se fizesse de novo.

Diz 2.º, que a perfeição da sua obra excedia muito a dos outros, que foram pagos á razão de 425 escudos. A isto se responde que a sua logea não só é das mais miseraveis, mas tambem das menos acreditadas em Roma. Além disto os dois ultimos castiçaes, que se devem suppor semilhantes aos primeiros quatro, foram aqui examinados e reconhecidos por inferiores na perfeição aos dos outros officiaes, como consta de uma fé jurada, que se conserva em Computistaria. E quando, dado e não concedido que fossem de maior perfeição, assaz recompensada ficava esta com 113 escudos de mais em cada castiçal.

Faz tambem uma grande bulha no dito memorial com a entrega, que fez dos primeiros quatro castiçaes, que se mandaram para Portugal, e não se poderam depois examinar; como se pelos dois ultimos que ficaram, se não podesse regular o preço dos primeiros, sendo todos do mesmo feitio, e feitos pelo mesmo auctor.

Ultimamente se queixa, que tendo-se-lhe promettido se lhe deixaria acabar e dourar os dois ultimos, se lhe faltou á palavra. Mas nisto não diz verdade: porque se bem quando se desempenharam, se lhe não deu expressa negativa á tal instancia, tambem se lhe não fez positiva promessa, mas só se lhe disse, que depois de desempenhados, se discorreria sobre isso. Com effeito, considerando-se depois a qualidade do homem e da sua miseravel logea, para que não succedesse tornal-os a empenhar no Monte, e ser preciso á custa da

XIV

Attestado de Matheus Piroli sobre a avaliação dos metaes

Eu, abaixo assignado, declaro que os exames que fiz nas contas dos ourives e fundidores que trabalharam nas encommendas de Sua Magestade Portugueza, os fiz a pedido do Abbade Domingos Agenti, por parte do Ch. Mem. Commendador Sampaio, dizendo-me que tivesse todas as attenções para com os ditos Professores, por motivos occultos, os quaes não se podiam dizer; portanto assim procedi e fiz as avaliações mais altas, pois soube que nos pagamentos que se lhe seguiram, os Professores tiveram grandes delongas, e entendendo que se deve satisfazer com rectidão a quem se deve, por isso espontaneamente, e em descargo da minha consciencia, a fim de que cada um tenha o que lhe pertence, passei o presente attestado, debaixo do meu juramento, de que dou fé. Em 24 de junho de 1750. Eu *Matheus Piroli.*

(49—VIII—22—fl. 475)

fazenda real tornal-os a desempenhar, julgou-se não ser conveniente entregar-lh'os outra vez.

Esta é a verdade do facto, do qual se vê, que sendo o Pozzi devedor á fazenda real de seiscentos e tantos escudos, elle lá ao seu modo se faz acredor de 1:800 e tantos escudos, e isto unicamente com o falso supposto da grande perfeição da sua obra, não se envergonhando de que os outros cinco companheiros, que tambem pelo mesmo modêlo fizeram os outros 24 castiçaes, a nenhum veiu tal flato de que a sua obra fôsse preferida á dos mais, mas todos se contentaram com o mesmo preço. E se agora á extravagante pretensão do Pozzi se desse ouvidos, com razão tambem elles pretenderiam o mesmo preço, não sendo certamente inferiores á do dito Pozzi as suas obras.

XV

Carta regia fazendo mercê á Capella de S. João Baptista da pensão annual de quatrocentos mil réis, etc.

Dom Joseph, por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, de áquem e de além mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber aos que esta minha Carta de Doação virem, que tendo respeito á devoção com que ElRey meu Senhor e Pay fundou na Igreja de São Roque a Real Capella de São João Baptista, e aos privilegios e prerogativas com que a especialisou o Santo Padre Benedicto decimo quarto, e a que para a sua manutenção e culto necessita de ordinaria competente. Hei por bem doar á dita Capella quatrocentos mil réis em cada um anno, os quaes se pagarão á ordem de seu Administrador presente Martinho Affonso de Sousa, a quem tenho encarregado, como por esta lhe encarrego, a guarda, conservação e serviço da mesma Capella, e os mais Administradores futuros que lhe succederem. Os quaes quatrocentos mil réis se assentarão no rendimento da Alfandega do Assucar desta Cidade de Lisboa, onde serão pagos aos quarteis, com o vencimento do primeiro de Janeiro do anno de mil setecentos cincoenta e quatro, a qual mercê e Doação faço não obstante quaesquer outras ordens que se hajam expedido e executado sobre esta materia, as quaes hei por derrogadas, cassadas e de nenhum vigor, posto que requeiram especial menção sem embargo da ordenação em contrario. Pelo que mando aos Vedores de minha Fazenda lhe fação assentar os ditos quatrocentos mil réis desta Doação em os Livros do Assentamento da dita Alfandega desta Cidade, e levar em cada um anno na folha della para que sejam pagos aos quarteis a ordem do seu Administrador presente Martinho Affonso de Sousa e dos mais Administradores futuros, com o vencimento que direitamente lhe competir; de que se não pagarão novos direitos, por ser esta mercê applicada para o culto Divino e do mesmo Santo, como constou por certidão dos officiaes dos mesmos direitos que foi rota ao assignar desta. E nos Registos do Decreto de trinta de Julho do anno presente, por virtude do qual esta se passou, e nos da Doação anterior, passada em trinta de Junho de mil setecentos cincoenta e quatro se porão verbas do contheudo nesta para que só tenha seu devido effeito e vigor. — Lisboa, dous de Outubro de mil setecentos e sessenta. — ElRey *(com rubrica)*.

Carta por que V. Mag.^{de} é Servido fazer mercê e Doação á Capella de São João Baptista da Igreja de São Roque desta Cidade que fundou o Sñr. Dom João o 5.º gloriosissimo Pai de V. Mag.^{de}, de quatrocentos mil réis cada anno assentados na Alfandega desta Cidade, e pagos nella aos quarteis á ordem

do seu Administrador presente Martinho Affonso de Sousa, a quem tem encarregado a guarda, conservação e serviço da mesma Capella e dos mais Administradores que lhe succederem, com o vencimento do primeiro de Janeiro de mil setecentos e cincoenta e quatro, ou o que direitamente lhe competir, como acima se contém.

Por Decreto de S. Mag.^{de} de trinta de Julho de mil setecentos e sessenta e despacho do Conselho da Fazenda de 19 de Agosto do dito anno.

João Marques Bacalhao.
Duarte Salter de Mendonça.

A' margem do Registo do Decreto pelo qual se obrou esta Carta fica posta a verba necessaria. Nossa Senhora da Ajuda, a 15 de Outubro de 1760.

Luiz Ant.^{o} *da Costa Peg.*^{do}

José Felix Botelho, o fez escrever.

Fica assentada esta Carta nos Livros das Merces e posta a verba necessaria. Lisboa, 20 de Outubro de 1760.

Francisco Paulo Nogr.^{a} *de Andr.*^{a}

Não pagou direitos de Chancellaria por ser a merce desta Doação applicada para o culto divino, e do mesmo Santo, e aos officiaes quatro mil e cem réis e ao Vedor da Chancellaria Mór nada por quitar.
Lisboa, 30 de Outubro de 1760.

Dom Seb.^{am} *Mald.*^{o}. Gratis.

João Ferreira da Costa, o fez.

Registada na Chancellaria Mór da Côrte e Reino no Livro de Doações e Confirmações a fl. 196. Lisboa, 6 de Novembro de 1760.

Antonio José de Moura.

Registada no Livro 65 da Fazenda de ElRey Nosso Senhor a fl. 111. Lisboa, 8 de Novembro de 1760.

João Maria da Costa.

O livro do Registo dos juros que serviu na Chancellaria Mór no anno de 1754 na Repartição do Escrivão Antonio Lopes da Costa, e em que foi registada a Doação anterior se consumiu no incendio immediato ao terramoto do 1.º de Novembro de 1755; é esta a causa porque não se satisfez na verba que em seu Registo se havia de pôr. Lisboa, 19 de novembro de 1760.

R.^{o} *Xavier Alvares de Moura.*

Assentado no L.º dos ordenados da Alfandega, a fl. 69. Lisboa, 22 de Dezembro de 1760.

Manuel Gomes de Carvalho.
Teixeira.

Fica averbado o assentamento desta Carta a favor de D. Antonio de Lencastre Baherem, actual Administrador da Capella nella mencionado. Lisboa, 22 de Maio de 1812.

José Maria de Lara.

Fica averbado o assentamento desta Capella a favor do Monsenhor Joaquim José de Moura e Mendonça, actual administrador da Capella nella mencionado, em virtude do Aviso da sua nomeação expedido da Côrte do Rio de Janeiro, em data de 26 de Setembro de 1817, e com o vencimento de 18 de Junho de 1816 em diante, em que foi nomeado interinamente para a mesma Administração por Portaria dos Governadores do Reino da mesma data. E para constar se poz esta verba por Despacho do Conselho da Fazenda de 4 de Março de 1818. — Lisboa, dito dia. — *Menezes.*

Por Despacho do Conselho da Fazenda de 27 de Setembro do corrente anno, em virtude do Regio Aviso de 22 do dito mez, se mandou declarar que o nome do Administrador da Capella de S. João Baptista da Igreja de S. Roque é o Monsenhor Joaquim Manuel de Moura e Mendonça, e portanto se averbou o seu assento que se acha feito a fl. 69 do Livro dos Ordenados da Alfandega do Assucar. Lisboa, 5 de Outubro de 1819. — *Menezes.*

XVI

Inventario da Fabrica da Real Capella de S. João Baptista, em 1784

Prata dourada

Hum calix com sua patina e colher;
Huma caixa de hostias com sua tampa e huma chapa dentro para as conservar direitas;
Duas galhetas com seu prato;
Hum purificador com tampa e prato;
Hum jarro e prato;
Hum thuribulo e naveta com sua colher;
Huma palmatoria;
Huma campainha;
Hum vazo com sua tampa que serve para communhão;
Tres sacras;
Huma cruz grande com seu pé;
Seis castiçaes grandes para a banqueta;
Quatro relicarios grandes, com reliquias insignes e suas authenticas;
Dois castiçaes para a credencia;
Dois apagadores;
Huma cruz peitoral;
Dois tocheiros grandes.

Prata em branco

Quatro relicarios, com reliquias insignes e suas authenticas.

Bronze dourado

Huma cruz com seu pé e o fundo de lapis-lazuli;
Seis castiçaes com o fundo lapis-lazuli;
Tres sacras;
Hum docel com borlas do mesmo bronze guarnecendo a sanefa;
Hum alampadario;
Tres alampadas de prata em branco, com guarnições de bronze dourado:
Seis borlas pertencentes ás ditas alampadas de seda encarnada com ouro;
Huma moldura que cerca em roda todos os frontaes com sua regua irmã;
Hum faldistorio com sua almofada de nobreza carmezim;

Dois confessionarios de pau de ebano, com seus ralos de bronze, que servem sobre as grades da Capella.

Frontaes

Hum de lapis-lazuli com guarnições de prata em branco;
Hum todo de prata em branco, incompleto;
Hum de lhama branca todo bordado de ouro;
Hum de lhama carmezim todo bordado de ouro;
Hum de lhama verde todo bordado de ouro;
Hum de lhama côr de rosa secca todo bordado de ouro;
Hum de lhama rosa todo bordado de ouro;
Hum de gorgorão branco, com sabastos e galão bordado de retroz côr de ouro;
Hum de gorgorão carmezim, com sabastos e galão bordado de retroz côr de ouro;
Hum de gorgorão verde, com sabastos e galão bordado a retroz côr de ouro;
Hum de gorgorão roxo, com sabastos e galão bordado de retroz côr de ouro;
Hum de gorgorão preto, com sabastos e galão bordado de retroz côr de ouro.

Paramento branco para Missa Solemne, todo de lhama branca, bordado de ouro

Huma cazula;
Hum pluvial;
Huma dalmatica;
Huma tunicela;
Tres estolas;
Tres manipulos;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Tres pannos de cobrir livros;
Hum gremial;
Huma capa de faldistorio;
Humas caligas;
Humas sendalhas;
Huma tunicela e dalmatica, tudo de nobreza branca, guarnecido com espiguilha de ouro;
Seis pluviaes com sabastos e capuzes, tudo bordado de ouro;
Hum veu de hombros de nobreza branca, bordado de ouro;
Huma almofada para o missal;
Huma mitra de lhama branca, bordada de ouro com suas pedras;
Huma mitra de lhama amarella, guarnecida com hum galão de ouro estreito;
Huma caixa para as ditas mitras coberta de marroquim e ouro;
Hum par de luvas de retroz branco, com canhões de lhama, bordados de ouro;
Hum veu mitral de tafetá branco com franja de ouro;
Hum panno de pulpito de lhama branca, bordado de ouro;
Quatro pingentes, cada hum d'elles com tres borlas, tudo de ouro.

Paramento encarnado para Missa Solemne, tudo de lhama encarnada, bordado de ouro

Huma planeta;
Hum pluvial;
Huma dalmatica;
Huma tunicela;
Tres estolas;
Tres manipulos;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Tres pannos de cobrir livros;
Seis pluviaes com sabastos e capuzes, tudo bordado de ouro;
Huma almofada para o missal;
Hum veu de hombros de nobreza encarnada, bordada de ouro;
Hum panno de pulpito de lhama encarnada, bordado de ouro;
Quatro pingentes, cada um d'elles com tres borlas, tudo de ouro.

Paramento branco para Missa rezada, tudo de prata, bordado de ouro, bastantemente damnificado

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Paramento encarnado para Missa rezada, de lhama, bordado de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Paramento roxo para Missa rezada, de lhama, bordado de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal;
Tres capas de cruzes, huma maior e duas mais pequenas, de velludo roxo bordadas de ouro.

Paramento côr de rosa secca para Missa rezada, de lhama, bordado de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Paramento verde para Missa rezada, de lhama, bordado de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Para Baptismo

Huma estola de lhama branca por hum lado, e de lhama roxa por outro, e de ambas as bandas bordada toda de ouro.

Paramento branco para Missa rezada, de gorgorão, tudo bordado de retroz côr de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Paramento encarnado para Missa rezada, de gorgorão, com sabastos, cercaduras e cruzes, tudo bordado de retroz côr de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Paramento roxo para Missa rezada, de gorgorão, com sabastos, cercaduras e cruzes, tudo bordado de retroz côr de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;

Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Paramento verde para Missa rezada, de gorgorão, com sabastos, cercaduras, cruzes, tudo bordado de retroz côr de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Paramento preto para Missa rezada, de gorgorão, com sabastos, cercaduras e cruzes, tudo bordado de retroz côr de ouro

Huma planeta;
Huma estola;
Hum manipulo;
Hum veu de calix;
Huma bolsa de corporaes;
Huma almofada para o missal.

Roupa branca

Huma alva de cambraia, com renda fina de Flandres, com dois palmos de largo;
Duas ditas de cambraia, com renda fina de Flandres, com palmo e meio de largo;
Huma dita de cambraia, com renda fina de Flandres, com palmo e meio de largo;
Duas ditas, irmãs, de cambraia, com renda de Flandres, de hum palmo e tres quartos de largo;
Tres ditas de cambraia, com rendas de Flandres, de hum palmo e quarto de largo;
Cinco ditas de cambraia, com rendas de Flandres, de hum palmo de largo;
Quatro ditas de cambraia, com rendas de Flandres, de quatro dedos de largo;
Dois cordões de seda branca, cada hum d'elles com quatro borlas, tudo de ouro, e pertencem ás ditas alvas;
Quatro ditos de seda branca e ouro, cada hum d'elles com quatro borlas de seda branca e ouro, pertencentes ás ditas alvas;
Seis ditos de seda branca e ouro, cada hum d'elles com duas borlas da mesma seda, pertencentes ás ditas alvas;
Seis ditos de linha, cada hum d'elles com duas borlas da dita linha, pertencentes ás ditas alvas;
Trez fitas de seda branca, com borlas de ouro, que pertencem ás ditas alvas;

Dezoito amitos de cambraia, guarnecidos com renda fina de fóra, com dois dedos de largo;
Quatro pares de fitas dos ditos, de seda branca, com borlas de seda branca e ouro;
Quatro pares de fitas dos ditos, de seda branca, com borlas todas de ouro;
Oito pares de fitas dos ditos, de seda branca, com borlas da mesma seda branca;
Quatorze palas de calix, guarnecidas com renda fina de Flandres, com hum dedo de largo;
Cinco corporaes de huma só folha de cambraia, guarnecidos com renda de Flandres, de cinco dedos de largo, em huma caixa de velludo carmezim com galão de ouro;
Seis corporaes de huma só folha de cambraia, guarnecidos com renda fina de Flandres, com tres dedos de largo, em huma caixa de gorgorão branco, guarnecida com espiguilha de ouro;
Seis corporaes de huma só folha de cambraia, guarnecidos com renda fina de Flandres, com dois dedos de largo, em huma caixa de damasco carmezim, guarnecida com galão de retroz côr de ouro;
Vinte e tres corporaes de huma só folha de cambraia, guarnecidos com rendas de Flandres, com dois dedos de largo;
Setenta sanguinhos de cambraia, guarnecidos com rendas de Flandres, com uma pollegada de largo;
Huma toalha de altar, de cambraia, guarnecida com renda de Flandres, com hum palmo de largo;
Huma dita de cambraia, guarnecida com renda de Flandres, com meio palmo de largo;
Sete ditas de cambraia, guarnecidas com renda de Flandres, com tres dedos de largo;
Dez ditas de esguião, lisas;
Seis ditas de esguião, lisas, para a credencia;
Seis ditas de mãos, de cambraia, guarnecidas com rendas de fóra, de dois dedos de largo;
Duas ditas para o lavatorio da sachristia, de panno de linho fino;
Quatro sobrepelizes de cambraia, com rendas de Milão, de hum palmo de largo;
Dois jogos de bronze de aparar hostias, cada hum com tres pennas;
Dois ferros com seus cabos de marfim, hum para aparar hostias e outro particulas.

Livros

Dois missaes em folio magno, impressos em Roma e encadernados em marroquim;
Hum Livro de Canones, impresso em Roma e encadernado em marroquim;
Hum Livro de Epistolas, em folio magno, impresso em Roma e encadernado em marroquim;
Hum Livro de Evangelhos, em folio magno, impresso em Roma e encadernado em marroquim.

Pannos de cobrir os paineis da Capella, no tempo da Paixão

Trez pannos grandes todos de gorgorão roxo, com os martyrios esculpidos no meio e cercaduras, tudo bordado de ouro;
Duas cortinas grandes de damasco roxo, guarnecidas de galão entrefino que cobrem a capella;
Duas ditas de damasco carmezim guarnecidas de galão entrefino que cobrem a dita capella, bastantemente usadas.

Alcatifas

Huma alcatifa grande de panno de raz, toda tecida de prata e ouro, que cobre os degraus e pavimento da capella;
Huma dita pequena, que cobre só os degraus do altar, bastantemente damnificada.

Reposteiros

Dois de lhama branca, todos bordados de ouro;
Dois de lhama encarnada, todos bordados de ouro;
Dois de lhama verde, todos bordados de ouro;
Dois de lhama roxa, todos bordados de ouro;
Dois de lhama côr de rosa secca, todos bordados de ouro:
Dois de gorgorão branco, com cercaduras bordadas de retroz côr de ouro;
Dois de gorgorão encarnado, com cercaduras bordadas de retroz côr de ouro;
Dois de gorgorão roxo, com cercaduras bordadas de retroz côr de ouro;
Dois de gorgorão verde, com cercaduras bordadas de retroz côr de ouro;
Dois de gorgorão preto, com cercaduras bordadas de retroz côr de ouro;

Cordões pertencentes aos ditos reposteiros

Dois de seda côr de ouro, cada hum com duas borlas de seda branca e encarnada, com algum ouro;
Quatro de seda côr de ouro, com suas borlas da mesma seda;
Trez grandes de seda côr de ouro, novos em folha, mas sem borlas.

Peças de madeira

Hum genuflexorio coberto de velludo carmezim, com duas almofadas irmãs, tudo guarnecido de galão de ouro fino, e pequenas borlas de ouro com frocos da côr do mesmo velludo;
Oito cadeiras de nogueira, razas, com talha dourada e suas almofadas de velludo carmezim, guarnecidas de galão entrefino;
Hum banco de encosto para se assentarem os ministros sacros, com seu panno de damasco carmezim, guarnecido de galão entrefino;
Duas credencias.

Este Inventario he feito por Luiz Francisco Xavier Telles de Mello, Conego da Santa Igreja Patriarchal, como Administrador da Real Capella de

S. João Baptista, sita na Igreja da Misericordia da Cidade de Lisboa, nomeado por Sua Magestade, em Aviso do Secretario de Estado, Visconde de Villa Nova de Cerveira, de vinte e sete de Agosto do presente anno. Lisboa, 20 de Outubro de 1784.

Luiz Francisco Xavier Telles de Mello.

Declaro que faltam quatro reliquarios de prata e hum apagador dourado, que, por ordem do intruso Governo Francez, foi derretido na Real Casa da Moeda, constante da certidão que apresento para se juntar a este Inventario e que fica em poder do Ill.^mo^ e R.^mo^ Monsenhor D. Antonio de Lencastre Baharem, nomeado administrador da sobredita Capella por Aviso de S. A. R., expedido do Rio de Janeiro aos 13 de janeiro, d'este presente anno. Lisboa, 4 de Maio de 1812.

Luiz Francisco Xavier Telles de Mello.

XVII

Copia de documentos extrahidos do Archivo da Casa da Moeda

Relação da prata que se remette da Capella de São João Baptista, sita na Igreja da Misericordia da Cidade de Lisboa, de que he Administrador o Monsenhor Luiz Francisco Xavier Telles de Mello.—Prata dourada—Hum vazo com sua tampa que serve para communhão—Hum apagador—Dois tocheiros grandes, com as bazes de bronze dourado.—Prata branca—Quatro relicarios grandes—Tres alampadas de prata em branco, com guarnições de bronze dourado—Hum frontal de prata com guarnições de bronze.—Lisboa, quinze de Fevereiro de mil oitocentos e oito.—(a) *Luiz Francisco Xavier Telles de Mello.*—Pezou a prata acima a saber—Hum vazo com sua tampa—Hum apagador—Quatro relicarios—Trezentos noventa e oito marcos e duas onças.

Está conforme.

Casa da Moeda e Papel Sellado em 8 de Novembro de 1901.—*Antonio M. de Lima Carvalho.*

Tendo sido remettida á Casa da Moeda, em conformidade do Decreto do primeiro de Fevereiro proximo passado, a prata pertencente á Capella de São João Baptista, sita na Egreja da Misericordia de Lisboa: recommendo a Vossa Mercê, em consequencia das ordens do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor General em chefe do Exercito de Portugal, que não haja de dispor da referida prata, conservando-a com toda a cautela, até que sobre este objecto lhe seja dirigida nova ordem, o que Vossa Mercê assim executará.—Deus Guarde a Vossa Mercê. Secretaria de Estado das Finanças em vinte e seis de Março de mil oitocentos e oito.—(a)—*Francisco Antonio Herman.*—Senhor Antonio Silverio de Miranda.—Cumpra-se e registe-se.—Lisboa, vinte e sete de Março de mil oitocentos e oito.—*Miranda.*

Está conforme.

Casa da Moeda e Papel Sellado, em 8 de Novembro de 1901.—*Antonio M. de Lima Carvalho.*

Os Governadores destes Reinos mandão remetter a Vossa Mercê o requerimento incluso do Monsenhor Administrador da Real Capella de São João Baptista da Egreja da Misericordia d'esta Cidade, para que informe sobre o seu contheudo.—Deus Guarde a Vossa Mercê. Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda em quatro de Outubro de mil oitocentos e oito.—(a) *João Antonio Salter de Mendonça.*—Senhor Antonio Silverio de Miranda.—Cumpra-se e registe-se.—Lisboa, cinco de Outubro de mil oitocentos e oito.—*Miranda.*—Informação—Senhor: Requer o supplicante Monsenhor

Luiz Francisco Xavier Telles de Mello, Administrador da Real Capella de S. João Baptista, sita na Egreja da Misericordia d'esta Cidade as peças de prata pertencentes á dita Capella que existem nesta Casa da Moeda; e examinando achei as seguintes: Hum vaso com sua tampa de prata dourada —Dois tocheiros grandes de prata dourada com as bazes de bronze dourado—Hum frontal de prata com guarnições de bronze—Huma caixa de hostias com sua tampa, e chapa dentro. — Duas galhetas com seu prato — Hum purificador com tampa e prato — Hum jarro com bacia — Hum thuribulo, naveta e colher—Huma palmatoria—Huma campainha—Hum apagador—Tres sacras — Huma banqueta com sua cruz irmã — Dois castiçaes para a credencia— Quatro relicarios grandes — Hum frontal de lapiz-lazuli, tudo de prata dourada — Tres alampadas com guarnições de bronze e acazos (?) de prata — As referidas peças se achão nos termos de se entregarem ao sobredito Administrador, sendo do real agrado de Vossa Alteza Real que mandará o que fôr servido. — Lisboa, seis de Outubro de mil oitocentos e oito. — O Provedor da Casa da Moeda — (a)— *Antonio Silverio de Miranda.*

Está conforme.

Casa da Moeda e Papel Sellado, em 8 de Novembro de 1901. — *Antonio M. de Lima Carvalho.*

Os Governadores destes Reynos, deferindo a representação do Administrador da Real Capella de S. João Baptista, ordenão que lhe sejão entregues as peças de prata, que se achão reservadas na Casa da Moeda, pertencentes á mesma Capella, e especificadas na Informação de Vossa Mercê, em data de seis d'este mez; procedendo-se na dita entrega com a clareza e fiscalisação necessarias. — Deus Guarde a Vossa Mercê, Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, em sete de Outubro de mil oitocentos e oito. — (a) *João Antonio Salter de Mendonça.* — Senhor Antonio de Miranda.

Está conforme.

Casa da Moeda e Papel Sellado, em 8 de Novembro de 1901.— *Antonio M. de Lima Carvalho.*

Do «Livro de conferencia de entradas e sahidas da prata das igrejas, capellas e confrarias do reino», consta a pag. 1 que, além dos objectos descriptos na informação dada pelo Provedor da Casa da Moeda (copia n.º 3), tambem deram entrada nesta Casa, em 15 de Fevereiro de 1808, 1 vazo com tampa, 1 apagador e 4 relicarios, tudo de prata, com o peso de 398 marcos e 2 onças. Estas peças acham-se mencionadas na copia n.º 1 e foram fundidas em 20 de Fevereiro do mesmo anno, conforme consta do referido livro, a pag. 12.—*Lima Carvalho.*

COMMEMORAÇÃO SAUDOSA

Rodrigo Vicente d'Almeida não chegou a vêr impressas as ultimas paginas d'este livro, para o qual concorreu essencialmente, e que bem pudéra, e até devera, sem offensa para a sua modestia, sahir apenas rubricado com o seu nome. Mal suppunha eu, quando no verão passado estacionava em Cascaes, que o affectuoso companheiro, que todos os dias me entretinha com as suas leituras e palestras, e que, em algumas raras excursões me servia de guia e de amparo, havia de desapparecer primeiro do que eu, por meio d'uma d'estas ironias do destino, que derruba o forte e poupa o valetudinario. Elle já não era uma creança, é certo, havia já completado os setenta annos, mas a robustez do seu organismo promettia-nos mais duradoura existencia.

Foram seus estremosos paes Manuel Vicente d'Almeida e D. Izabel Maria de Jesus Almeida, nascera na freguezia da Ajuda a 6 de janeiro de 1828, e ali mesmo falleceu, a 13 de janeiro do corrente anno. Filho de um velho e honrado funccionario do paço, seguiu as tradições de familia, e, durante longos annos, exerceu com a maior sollicitude e intelligencia, o cargo de official da Real Bibliotheca da Ajuda. Ainda lográra servir sob as ordens de Alexandre Herculano, que professava por elle grande estima e consideração. Almeida não pudéra receber em creança, pela escassez dos meios, uma apurada

educação litteraria, mas conseguira, com esforço proprio e applicação constante, instruir-se solidamente, de modo não só a cumprir com proficiencia os deveres do seu cargo, mas a corresponder tambem aos impulsos do seu espirito curioso e investigador. Mineiro obscuro, mas habil e consciencioso, trabalhou constantemente em ajuntar materiaes, que poderiam servir de solidas bases para importantes monographias. Seria realmente para sentir que a sua valiosissima collecção de apontamentos se disseminasse ou viesse a cahir em mãos inhabeis que não soubessem dar-lhe o devido apreço. A sua bagagem litteraria é pequena, apenas dois ou tres folhetos e alguns artigos em periodicos, mas a lista bibliographica das suas producções augmentaria de valor, se não deixasse ineditas algumas memorias, como a descripção da cruz-relicario da Casa de Bragança, a relação dos gravadores portuguezes, o indice dos incunabulos da Ajuda, etc.

Estas breves linhas, que aqui deixo exaradas, sirvam ao mesmo tempo de desabafo á profunda magua que me causou a sua morte, e de singelo tributo de saudade e de consideração á sua memoria.

S. V.

OS FAC-SIMILES DAS ASSIGNATURAS

Encerramos esta obra com a lista dos *fac-similes* das assignaturas dos individuos, que, por qualquer fórma, concorreram para a feitura da Capella de S. João Baptista. Pomos á sua frente os nomes do padre Carbone e de Sampaio, nosso ministro, os quaes, o primeiro em Lisboa, e o segundo em Roma, superintenderam na direcção de todos os trabalhos. Em seguida aos architectos, inscrevem-se os nomes dos dois peritos, encarregados de assistir em Lisboa ao assentamento da capella, e depois os restantes collaboradores, artistas e artifices. Estes vão em ordem alphabetica dos nomes de baptismo e por suas categorias. Exceptuam-se porém dois casos, em que os *fac-similes* não foram tirados em separado, mas em conjuncto, por assim virem nos respectivos documentos.

Esta lista não coincide exactamente com a que fica atraz, por se incluir n'ella alguns artistas que elaboraram obras que desappareceram.

Por aqui o leitor poderá corrigir a incoherencia orthographica de alguns nomes, que nem sempre apparecem da mesma fórma nos documentos.

AGENTES PRINCIPAES DA OBRA

Correspondente em Lisboa

Encarregado dos negocios de Portugal em Roma

Architectos

Sujeitos que vieram de Roma
acompanhando a capella para assistir em Lisboa
ao seu assentamento

Canteiros

Cicilia Sedeschi
Io Gregorio Milani

pietro paolo Bottelone

(SERVENTE)

Io Andrea Mirabelli

Pedreiros

Fran.co Carabelli

Gio Carlo Bossi

(SERVENTE)

matteo Polvini

Esculptores

Jò Agostino Corsini

Alessandro Giusti

Pietro Antonio Quadrini scultore di S. M. la Regina d'Spagna d Boemia

Bernardino Ludovisi

Carlo Marchionni Archo

Domenico Giovannini

Gio. Batta Maini

Pietro de l'Estache

Pietro Verschaffelt scultore

Pintores

Io Agostino Masucci m.o pp.a

Corrado Giaquinto

Gennaro Nicoletti Pittore

Giuseppe Voyet

Io giovanni mazzetti

Giuseppe Fochetti.

Ignazio Stern

Mosaicistas

Gio: Batta Bauini

Gio: Maria Mairj

Giuseppe Ottauiani

io guilthelmo palate

Io Littorio Zattori

Lorenzo Ballé

Mattia Moretti

Io Nicola Onofrij

Io Piero Cardoni

Tommaso Albertini

Metallistas

Agostino Valle

Io Felice Scifone

Io francesco Aniballdi

Fran.^co^ Giardoni

Francesco Guerrini

Serralheiros

Ourives

Antonio Arighe

Io Antonio Tigli

Antonio Vendecri M.ro

Battista Carosi M.ro

Carlo Guarnieri

Carlo Tantardeno

Filippo Tosani

Fran.co Baistach

Jo Fran.co Baistak

Io francesco Principali Argentiere Mario

Io Francesco Saldi

Io francesco Smiti

Io Gaetano Smiti

Giò: Felice Sanini

Luigi Pagliardi

Io Lorenzo de Azzorali

Lorenzo Bozzi

Matteo Piroli

Michele Gonnella [illegible]

Paolo Alessandrij

Pietro Bertetti

Dourador

Piero Lovi

Bordadores

Io Appollonia

Benedetto [illegible]

Io Carlo Abondio

Io Carlo Fran.co Abondio

Carlo Salandri

Io Cosimo Paternostro

Filippo Gabrielle

Tapeceiros

Io Agostino Speranza

Io Mario Silvestri

Io Ferdinando Cangiani

Io Michele Bassianelli

Io Filippo Fiorentini

Io Alessandro Zannetti

Pietro Ferloni

Vestimenteiro

Francesco Giuliani

Marceneiros

Espadeiro

Encadernador

Escoveiro

Enfardador

Giuseppe Anselmi

INDICE

I — Introducção 5
II — A fundação da Capella 11
III — Descripção da Capella 17
IV — O thesouro — Ourivesaria 27
V — Lista dos objectos de metal que desappareceram . 47
VI — Os paramentos 51
VII — Roupa branca 61
VIII — Tapeçaria 67
IX — Objectos meudos 69
X — Os livros 71
XI — O modelo da Capella 75
XII — Lista dos artistas e artifices que collaboraram na obra da capella 79
Notas e documentos 101
Commemoração saudosa 173
Os *fac-similes* das assignaturas 177

ERRATAS

Pagina 6, 4.ª linha, onde se lê *nossoas*, leia-se *nossas*.
Idem, 16.ª linha, onde se lê *debitemos*, leia-se *creditemos*.
Pagina 8, 5.ª linha, onde se lê *inoclastas*, leia-se *iconoclastas*.
Pagina 19, 5.ª linha, onde se lê *supportando*, leia-se *que supportam*.
Idem, 35.ª linha, onde se lê *confissionarios*, leia-se *confessionarios*.
Algumas outras incorrecções escaparam ainda, que a sagacidade do leitor facilmente emendará.